

REVISTA DA SEMANA

N.º 40



Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

4-10-47



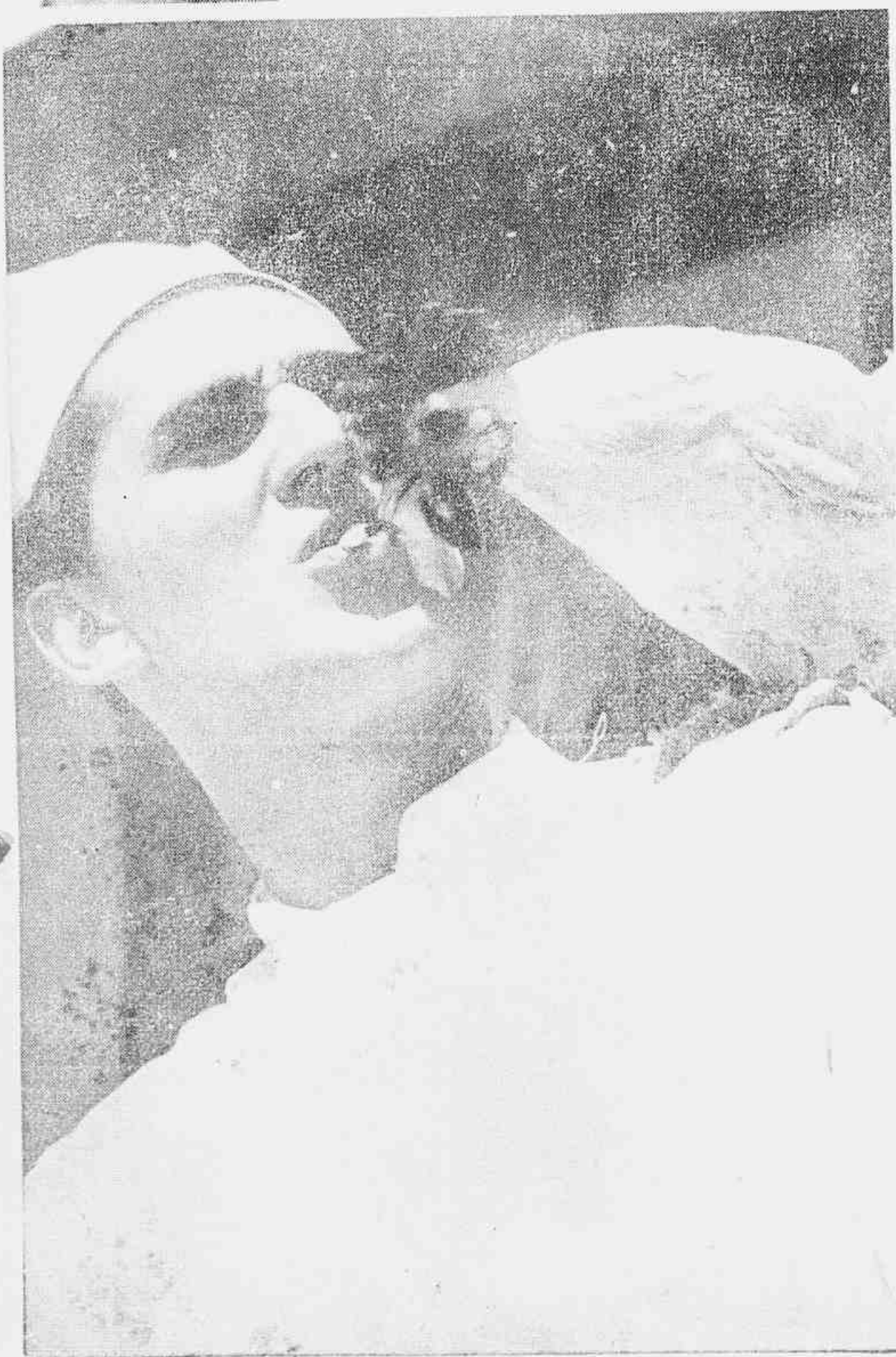
UM GALO EXTRAOR- DINARIO

SAM, proprietário e cozinheiro duma hospedaria do Vale de Loire possui um galo renômeno, que dá pelo nome de Jules.

Seu dono é também seu "metteur en scène". Jules compreende tudo que se lhe diz e só lhe falta a voz para responder. Quando lhe diz: "Vai para o canto", ele obedece, de crista baixa. Sabe contar, bebe o aperitivo e mete migalhas de pão na boca do dono. Jules é hoje um galo célebre. Uma Companhia de Seguros acaba de segurá-lo em 100.000 francos com a menção de "Pessoa importantíssima".

★

A esquerda: O aperitivo do galo. Em baixo, à esquerda: Jules, galo renômeno, mete as migalhas na boca do patrão. À direita: No prato do cozinheiro, eis a galinha Julie, senhora de Jules. Ela também é uma galinha sabla, sem chegar, contudo, à categoria de seu marido.



O MOMENTO DE MORRER

NESTE
NUMERO

NÃO sei de nada mais precário nem incoerente do que a glória da popularidade. E' hoje não é amanhã. Dissimula-se e apaga-se de repente quando não vira em coisa oposta. Poucos serão os homens que tendo um dia caído nas graças do povo conseguiram mantê-la até o fim, conservando até o fim o seu prestígio e a sua glória. A reviravolta chega, mais hoje, mais amanhã, infalível e fria como um decreto. Foi assim em todos os tempos desde que o mundo é mundo.

★

Cristo que era Cristo padeceu horrores pela ingratidão dos homens. E ninguém foi mais querido do que ele, para terminar como terminou, valado, apupado, crucificado pelo populacho. Seria que Cristo tivesse mudado, perdesse a sua bondade, as suas virtudes? Não. E' que é mesmo um destino melancólico das coisas humanas, mudar, mudar, muitas vezes, sem lógica, por absurdo.

Lembram-se do que se passou com Wellington e da desforra que ele tirou? Pela dúvida, eu conto. Wellington teve de uma feita a multidão furiosa diante do seu palácio. Vidraças da fachada voaram em pedaços sob as pedradas irreverentes. Apupos, assuada, o diabo.

Tempos depois o mesmo Wellington era reconhecido e aclamado pela multidão. Silencioso e digno, Wellington tomou o cavalo, deixando-se seguir pelo povo que o vitoreava. Em frente de casa estacou, solene, apontando, num gesto frio e compassado, os vidros que ele nunca fizera substituir.

★

Patrocínio foi uma glória nacional. Glória autêntica. Campeão e fanático da abolição, ele viveu, nos dias da vitória, horas verdadeiramente triunfais. Nenhum homem, debaixo deste céu, podia aspirar a nada maior do que a consagração que ele teve no 13 de Maio. Mas não demorou muito e tudo caiu no esquecimento. Patrocínio meteu-se contra Floriano. Foi trancado numa fortaleza e em seguida remetido pra Cucul, no Amazonas. Não houve um só daqueles aclamadores que tivesse um gesto, uma atitude em favor do seu ídolo.

Por isso Rui bradava naquele seu tom desassombrado: "Mas que sociedade é esta, cuja consciência moral mergulha em lama, ao menor capricho da força, as estrelas da sua admiração?" E referindo-se à campanha da abolição: "Ah! que palavras que teve então para ele a mocidade! que continências o exército! que distinções o alto jornalismo! Agora bastou que o aceno do poder lhe pusesse um sinal de suspeita, para que essas flores se transformassem em detritos."

Dai por diante a decadência de Patrocínio foi sempre e sempre maior. De volta do exílio afundou-se num triste subúrbio, ignorado, esquecido, curtindo uma dura miséria. Muito diferente daqueles dias triunfais...

João Marques tinha razão quando no dia da abolição, testemunhando a integral consagração de Patrocínio, lhe dissera francamente: — "Que belo dia para morrer, Patrocínio; nunca mais encontrarás outro igual. Morrerás em plena apoteose e tua morte abalará o Brasil e ribombará por todo o mundo. Talvez até vás para o céu, meu velho, porque Deus deve estar muito contente contigo. Tua família, com a efervescência que há, ficará a salvo de todas as necessidades, talvez milionária. Teus filhos serão adotados pela nação. Teu enterro será um triunfo, maior do que os triunfos romanos e teu túmulo outro Santo Sepulcro... Tuas estátuas ornarão as praças públicas e teu nome ficará como um símbolo. Vai viver, meu velho, e vais para a política... e aquilo emporcalha, meu amigo."

★

Patrocínio reconheceria mais tarde essa verdade. E rendeu suas queixas ao próprio João Marques: — "Vês, meu amigo. Eu deveria ter morrido naquele dia. Repara o abandono em que me acho. Eles eram tantos, tantos... Hoje parece que se arreceiam de mim. A miséria faz medo."

Pobre Patrocínio. Morreu errado. Esperdiçou o momento de morrer...

COLABORAÇÃO:

O momento de morrer (Umberto Peregrino)	3
Delfina Potočka e Chopin (Edmundo Lys)	18
O triste fim de D. Quixote (Berilo Neves)	44
O centenário de um livro (Abdias Lima)	45
O centenário de Carlos de Laet (Escagnolle Doria)	48

BIOGRAFIA:

A vida de Emerson (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	34
--	----

HUMORISMO:

Bom humor	12/13
-----------------	-------

REPORTAGENS:

20.000 moças conjugam o verbo "vender" (Ney Machado) ..	6/11
Virginia Mayo foi descoberta por causa de um chapéu (Luís Serano)	20/21
De cemitério industrial a um dos países mais ricos da Europa (Nelson Vainer)	24/27
A televisão matará o cinema? ..	30/33
CONTOS:	
Apanhar Guaviras (Cecília Rocha)	14/15
Toque outra! (Thereza de Almeida)	28/29
Meu tio Sóstenes (Guy de Maupassant)	22/23
Pelas estradas sem fim (Agnello Mendes)	46/47

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	19
Nos bastidores femininos	35
Cancioneiro Internacional	53
Música	56
Modas	36 em diante

ILUSTRAÇÕES:

Abelardo Zaluar, Armando Pacheco, Orlando Matos.

NOSSA
CAPA



Figura hoje em nossa capa a deliciosa Deanna Durbin, da Universal, cuja carreira artística vem seguindo uma linha contínua, desde os tempos de menina, de moça, e continuando agora, mesmo depois de casada. Após "Amor de encomenda" que já foi exibido entre nós, Deanna Durbin terminou "Deliciosa Mentira" com o ex-pracinha Donald O'Connor, que vem fazendo esse ano sua estreia no cinema.

A SEMANA EM REVISTA

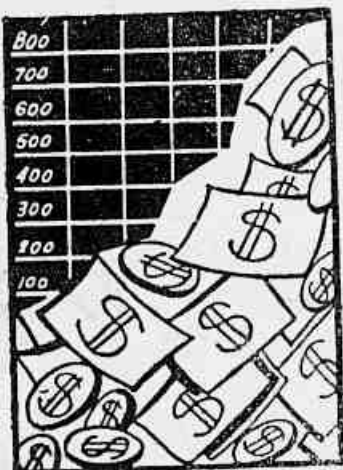
A VITÓRIA DE DULCINA DE MORAIS



A eminente atriz brasileira Dulcina de Moraes acaba de conquistar merecida vitória, com a reconsideração do despacho do governador da cidade, general Mendes de Moraes, que lhe negara o Teatro Municipal para a sua anunciada temporada do Teatro de Arte do Rio de Janeiro, iniciativa que representa a pedra fundamental da organização de uma Escola de Arte em nosso país. Dulcina estava ainda na República Argentina, onde representara, com êxito verdadeiramente triunfal, a peça "Chuva", adaptação norte-americana de uma história de W. Somerset Maugham, quando, em seu nome, a escritora Maria Jacinta firmara o requerimento, solicitando o Municipal. Houve, nesse meio tempo, substituição do prefeito e de outras autoridades, inclusive o diretor do serviço de Teatros da Prefeitura e o diretor do Departamento de Difusão Cultural. Embora assim fôsse, ninguém esperava que o que Dulcina pleiteara fôsse negado, pois, durante dois anos seguidos, ela obtivera o Municipal, para alguns espetáculos de alta categoria, impossíveis de serem dados em pequenos teatros. Foi assim que ela nos deu a conhecer, sucessivamente, "César e Cleópatra", de Bernard Shaw; "Anfitrião 38", de Jean Giraudoux; "Santa Joana", também de Bernard Shaw; "Rainha Vitória", de Laurence Housman; "O Pirata", de S. N. Behrman; "Chuva", de John Colton e Clemence Randolph, espetáculos todos de um entono e de uma expressão artística a que não estávamos acostumados, com guarda-roupas e cenários magníficos, além de elencos que, na verdade, reuniam expressões magníficas da nossa cena, escolhidas entre as melhores figuras em disponibilidade no momento. Este ano, Dulcina de Moraes cercou-se de figuras de grande valor. Esperou que da Argentina viesse Odi-

lon de Azevedo, que ali fazia uma excursão proveitosa, ao lado da grande atriz espanhola Antonia Herrero, representando em espanhol nas capitais de várias províncias com grande sucesso de crítica e de público. Chamou, para o seu elenco, nomes como os de Aurora Aboim, a notável "Mãe", de "Bodas de Sangue"; Ribeiro Fortes, que participou das temporadas anteriores no Municipal; Wanda Marchetti, companheira de êxitos passados, em "A Canção da Felicidade" e outras peças; Wálita Brasil, que se distinguiu com os "Comediantes" e com Maria Sampaio, especialmente em "Perfidia"; Luís Delfino, o galã que se revelou ao lado de Alma Flora em "Seremos sempre crianças", de Paschoal Carlos Magno; Mara Rubia, que deixou a revista, gênero secundário, para obter um posto no teatro de comédia; Conchita de Moraes, que é um nome familiar a todos os que frequentam o nosso teatro e ainda há pouco se destacou em "Chuva", — que frequentam o nosso teatro e ainda há pouco se destacou em "Chuva", — e várias outras figuras. De resto, uma das peças do repertório, o drama pastoral de D'Anuncia, "A Filha de Iório", tem cerca de sessenta intérpretes e figurantes. Além dessa peça, duas escritoras ilustres, Maria Jacyntha e Cecília Meireles, estão na programação de Dulcina, a primeira com a peça "Já é manhã no mar..." e a segunda com a obra poética "O As de Ouros". Todos esses projetos estariam ameaçados na sua realização e na sua repercussão, se fossem removidos, da amplitude do teatro Municipal, para as modestas possibilidades técnicas do Teatro Regina. A causa de Dulcina foi defendida pela crítica teatral, pela SBAT, por jornalistas, homens de letras, atores e atrizes, num belo movimento de solidariedade. E o prefeito Mendes de Moraes mostrou que é um homem sensível a tais apelos e pronto a fazer justiça, — e assim o fez, reconsiderando o seu despacho anterior. Dulcina está vitoriosa. E isso é o menos que lhe podíamos dar em troca da excelente propaganda que fez do nosso teatro e da nossa cultura, na Argentina e no Uruguai, onde representou em idioma estranho ao seu com sucesso igual, senão maior ao que sóe obter entre nós.

A ECONOMIA DIRIGIDA É UM MALEFÍCIO OU UM BENEFÍCIO?



Invenção dos Estados fascistas, dos governos totalitários, a economia dirigida visa, antes de mais nada, o encarecimento de tudo quanto é objeto do "dirigismo". Ai temos uma série de exemplos, no nosso país. Um exemplo é o do café, que depois do controle do D. N. C., o morto que continua vivo, tem subido astronômicamente. O açúcar, idem. Mas fale-se em extinguir o Instituto do Açúcar, os usineiros, os primeiros beneficiários, e os plantadores de cana, os segundos, põem logo as mãos na cabeça, passam telegramas ao governo e inundam os jornais de matéria paga. Prega-se de tal modo a benemerência do instituto que até parece que, se o extinguiam, virá o mundo abaixo... Para muitos, isso de economia dirigida é uma ilusão e das mais perniciosas. Para o sr. Costa Rego, redator do "Correio da Manhã" e uma das penas mais ágeis da nossa imprensa, a economia dirigida, ou o "dirigismo", não é mais do que isso. Ele assim se manifestou, domingo passado, num artigo sobre o assunto, desenvolvendo argumentos muito interessantes a respeito da situação predial no Rio de Janeiro. Não resistimos à tentação de transcrever, aqui, alguns dos excelentes argumentos do sr. Costa Rego, nesse artigo. Aqui vão eles: "Você tem um terreno sem construção, no perímetro da cidade. Ao Estado parece necessário edificar ali alguma coisa.

Mete-lhe em cima o imposto territorial, agravando-lhe de ônus o bem para que você construa. Você não dispõe de meios suficientes e resolve a dificuldade mandando erguer um casebre. Pagará o imposto predial, muito menor. Entre seu terreno vago e seu terreno ocupado por um casebre a diferença existe apenas para pior, no segundo caso. O Estado não dirigiu coisa nenhuma. Suponha, entretanto, que o terreno se acha em rua de bairro pavimentado onde os benefícios municipais tornem inadequado o casebre. Você pensa ocupá-lo com sua casa à moda antiga, um pequeno jardim na frente, um pequeno quintal nos fundos. A rua é, porém, daquelas de alto gabarito. Cumpra-lhe construir um edifício de apartamentos, geralmente em condomínio. O Estado assim resolveu. Você corre então às operações de financiamento, e verifica, desolado, que os bancos deixam de realizá-las, bem como as caixas econômicas e os institutos de previdência, porque o Estado — sempre ele! — restringe o crédito, na boa intenção de reduzir o meio circulante. Você transforma-se, neste momento, em pelota, porque é tocado do terreno vago para um edifício imaginário, e deste, por ser imaginário, devolvido ao terreno vago, sobre o qual o imposto territorial incide cada ano com maior rigor. Resta-lhe uma alternativa: ou vende o terreno, para não pagar mais o imposto, ou, não pagando o imposto, entrega o terreno sob as penas do executivo fiscal. Assim termina a história de seus longos sacrifícios, quando se privou para amearhar e amearhou para comprar o terreno. Este exemplo multiplica-se com respeito a mil outras pessoas a quem ocorreu a mesma idéia de amearhar e comprar."

VÃO BAIXAR AS TARIFAS POSTAIS AÉREAS



A todos os interessados: o povo, as companhias de transporte aéreo e o próprio departamento. Todos conhecem de sobra as dificuldades de comunicação dentro das nossas fronteiras, principalmente comunicação postal, pois cartas e encomendas são objetos desprovidos de raciocínio, não podendo portanto cuidar de si.

E, na ausência de quem delas cuide, não tem outro remédio senão estacionar... sem chegar nunca. E a salvação é mesmo o correio aéreo, acima de qualquer dúvida. Mas, note-se que a grande maioria não possui meios de usar e abusar do correio aéreo, ficando assim sua correspondência entregue às baratas... Daí a necessidade da baixa das tarifas, segundo a melhor fórmula possível. O triste, apesar de boa a notícia agora distribuída à imprensa, é que a iniciativa (famoso dizer "como sempre", mas não diremos) vem de fora. As tarifas internacionais acabam de ser reduzidas, a partir de 1.º de Outubro corrente, por acordo entre os correios norte-americano e brasileiro e as companhias de navegação aérea filiadas à IATA (International Air Transport Association). A iniciativa coube ao correio norte-americano, que, aos poucos, conseguiu reduzir as tarifas até que uma carta que pagava 40 cents de selo veio a pagar apenas 10. Depois, entabulou negociações com os de outros países, resultando finalmente o acordo que ora entra em vigor, e com a perspectiva de nova redução de tarifas, quando da reunião da IATA a realizar-se futuramente no Rio. E isso é o que se quer: facilidades de comunicação postal não só com os nossos amigos do exterior, mas também com os nossos primos que moram aqui pertinho, dentro do nosso território, e que a receberem notícias nossas, pela mala comum, preferem dar um pulinho ao Rio, porque fica mais fácil e mais satisfatório.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 40 — 4-10-47

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 32 — Avenida 9109 — Buenos Aires. Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00
O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Cores, na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142
Fy SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap.
Lima, 67 — Tels. 1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro
Tobias, 613, 2.º andar — Sala 217.

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A décima das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO



O fuzilamento do líder democrático Petkhov, na Bulgária, desencadeou uma enorme série de protestos, em todas as nações em que se respeita a liberdade de opinião política e se permite a pluralidade de partidos. Considerado pelos comunistas um traidor da pátria, por chefiar um partido de oposição e tender para os Estados Unidos, em vez de tender para a Rússia, Petkhov, embora sendo reconhecidamente um líder anti-nazista, pagou com a vida o crime de pensar com sua própria cabeça. Com essa execução, os comunistas bulgaros deram uma significativa prova de sua intolerância política e mostraram desconhecer, ou repudiar, o verdadeiro sentido da palavra "democracia". Os protestos que a Inglaterra, os Estados Unidos e outras nações formularam contra esse ato do governo búlgaro caracterizam a execução de Petkhov como uma atrocidade e como um crime político sem nenhuma justificativa ou atenuante. A Inglaterra resolveu retirar suas tropas da Palestina, deixando à ONU o encargo de decidir o que se deve fazer com a Terra Santa. E' esse o caso de se dizer: já vão tarde! O governo inglês teria mostrado mais inteligência e mais permeabilidade aos protestos, mais do que justos, do mundo democrático e das consciências bem formadas, se tivesse tomado essa medida há alguns meses atrás. Vinte mil novos recrutas que integram os corpos da Primeira Região Militar prestaram compromisso de fidelidade à nação, domingo passado, no campo de São Cristóvão, estando presente o general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República; o general Mendes de Moraes, prefeito do Distrito Federal, e o general Canrobert Pereira da Costa, ministro da Guerra. Num artigo publicado no "Diário Carioca", com o título de "A Febre Amarela", o professor Maurício de Medeiros comentou, domingo passado, no "Diário Carioca", o aparte do general Góes Monteiro, alusivo à tragédia "Macbeth", de Shakespeare, no Senado Federal. E num artigo intitulado "Macbeth e as ratazanas", o sr. Joaquim de Salles desfilou reminiscências sobre... a febre amarela! O secretário, com certeza, estava dormindo. O paginador e o revisor, também... Do artigo do sr. Maurício de Medeiros destaca-se este trecho curioso: "Não sei por que mecanismo inconsciente de associações teria o senador Góes Monteiro se lembrado dessa tragédia no momento em que se evocavam episódios da revolução de 1930. Na história de Duncan — o rei que Macbeth assassinou para tomar-lhe o trono — há uma vitória guerreira muito singular. Duncan, batido pelos noruegueses, declarou capitular e lhes mandou emissários com provisões de boca, antes de concluir as negociações. Nessas provisões foram ministradas fortes doses de soporífero e mensageiros céleres correram a chamar o exército de Macbeth, que não teve dificuldade em desarmar os noruegueses adormecidos!... As cartas do sr. Getúlio ao presidente Washington, as conversas com o general Gil de Almeida e com o senador Simplicio; a cisão do general Palm; Itararé, Junta Pacificadora, Osvaldo Aranha chamado às pressas para entronização triunfal do sr. Getúlio... Quanta analogia! Mas o que não consegui encontrar em Macbeth foram as ratazanas a que alude o senador Góes Monteiro. E' uma citação que me parece fruto da imaginação do ilustre senador, traíndo sua memória e fazendo "ver ruidos"... Há as feiticeiras ou bruxas ("witches" no original inglês e "sorcières" na tradução francesa, que nem ao menos são "souricières" ou ratoeiras... Mas essas bruxas, peculiares às lendas medievais, nada teriam a ver com a nostalgia das chibatas, a que se refere o senador, e que nunca funcionou tão violentamente em nosso país como entre 1930 e 1945... Como se vê, o aparte merece análise, para que dele se conclua alguma coisa. Eu ainda estou em suspense!". Ainda sobre o assunto, que deu pano para as mangas, depôs o capitão de fragata Hercolino Cascardo, um dos homens de 1930 e hoje professor da Escola Naval, falou ao matutino do sr. Assis Chateaubriand, dizendo que o movimento de 1930 permitiu o desenvolvimento da democracia no Brasil e não deve ser, de modo algum, confundido com o golpe getuliano de 1937. Concluindo suas declarações, disse o capitão de fragata Cascardo: "O simples fato de haver estabelecido o nexo entre esse movimento e a aspiração popular é suficiente para lhe emprestar o cunho democrático. Destruído o predomínio da agricultura, novas forças econômicas puderam surgir no cenário político, participando dos debates sobre a causa pública e participando das eleições. E essa ampliação não é, por si mesma, um desenvolvimento da democracia?" "Os frutos da revolução de 30 estão aí patentes aos olhos de todos. Se a muitos observadores não é dado observá-los com nitidez, deve-se ao fato de haver sido ela temporariamente detida em sua marcha pelo hediondo golpe de 37. Esse golpe representou uma traição ao espírito de revolução de 30 e a simples casualidade de nela haver participado uma escassa minoria de homens de 30, não justifica qualquer confusão entre esses dois episódios da nossa vida política". No "Serpa Pinto", chegou um contrabandista português, Viriato de Vasconcelos, de 39 anos, que era uma verdadeira joalheria ambulante. O homem ia atravessando a barreira da Alfândega com cerca de 450.000 cruzeiros de joias, — crucifixos, medalhas, cordões, etc., pesando, ao todo, três quilos e novecentas gramas. Ao ser descoberto, o contrabandista abandonou a mala e fugiu. O sr. Plínio Salgado, no Rio Grande do Sul, manifestou-se contra a cassação dos parlamentares comunistas. Vendo as barbas do sr. Luis Carlos Prestes a arder, o líder integralista pôe as suas de molho... Ele sabe que, muito provavelmente, o seu partido ficará na "vez"... Winston Churchill vai ter suas memórias publicadas no Brasil pelo "O Globo". Uma bela iniciativa de Roberto Marinho. O vibrante vespertino está de parabéns. Na seção literária do "Correio da Manhã", de domingo, narra-se uma anedota de Eça de Queiroz, que teria recusado vir ao Rio por sugestão de Eduardo Prado, — e teria perguntado a este: "Que mal te fiz, para me queres exilar no Rio?". Acontece que, na mesma nota, se diz que Eça era embaixador de Portugal em Paris. Ora, Eça de Queiroz não foi sequer ministro plenipotenciário. Era simples cônsul. Se a frase é tão autêntica quanto aquela informação, temos que não passará de simples invenção literária... E, por hoje, chega! Até sábado vindourol!



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

MENSAGEM ÀS NOSSAS LEITORAS

"REVISTA DA SEMANA" vai enriquecer seu suplemento feminino com interessante colaboração. Nomes de destaque das letras e do jornalismo que colaborarão neste magazine.

"REVISTA DA SEMANA", que é o mais antigo magazine ilustrado do Brasil, embora lutando com a falta de papel e com as dificuldades técnicas oriundas da escassez de material gráfico, tem desenvolvido paulatinamente sua tiragem, nestes últimos anos, alcançando, na presente fase, a mais alta circulação que logrou durante quase meio século de existência. De semana para semana, expande-se cada vez mais a difusão, já bastante grande e significativa, que "REVISTA DA SEMANA" logrou e continua a lograr, graças às simpatias dos nossos leitores nos têm dispensado, quer nas grandes capitais, como o Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, Salvador, etc., quer nas cidades do interior do país. Mantendo contacto assíduo com os nossos leitores, — que são também nossos colaboradores, — através do Concurso Permanente de Contos, que já revelou vários talentos robustos e expressivos, como os de Thereza de Alencar, que já revelou vários talentos robustos e expressivos, como os de Thereza de Alencar, Marques de Andrade, de Belo Horizonte; Vasconcelos Maia, da Bahia; e muitos outros, que seria longo enumerar, mas que devem estar presentes na memória dos que nos lêem, — queremos, entretanto, não só acrescentar novas e interessantes seções a esta publicação, mas ainda manter um contacto mais estreito com o nosso público. "REVISTA DA SEMANA", antes de mais nada, vai dar nova feição ao seu suplemento feminino, adicionando-lhe as seções "A personalidade da semana", de que se incumbirá a brilhante jornalista Yvonne Jean, que, cada sete dias, biografará uma mulher ilustre do Brasil ou do estrangeiro radicada em nosso meio; "O espírito feminino através do tempo", seleção de ditos de espírito e de anedotas históricas, a cargo da escritora Lúcia Benedetti, romancista de talento, contista original e cronista brilhantíssima; "Conte-nos o seu caso", a cargo do Confidente, pseudônimo que encobre uma das grandes figuras das nossas letras, desejosa de manter incógnito, mas pronta a resolver com sua experiência e seu conselho problemas de ordem pessoal, casos psicológicos, dificuldades amorosas, em suma, qualquer situação confusa ou complicada que a consulente não possa ou julgue não ser capaz de resolver sozinha; "Mães e filhos", a cargo da professora Zóia de Laet, especialista em assuntos relacionados com a educação da criança, suas relações com os professores, e destes com os pais e os alunos, — como funcionária, que é, do Serviço de Orientação Pedagógica da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Além de todas essas seções, que estamos preparando, além das páginas habituais, mente desenhadas especialmente para a "REVISTA" pela figurinista Anna Zagorska, teremos também uma correspondência especial de modas, de Paris, pela jornalista Olga

(Cont. na pág. 56)

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM AVIAMENTO REFEITAS MEDICINAS COM EXATIDÃO

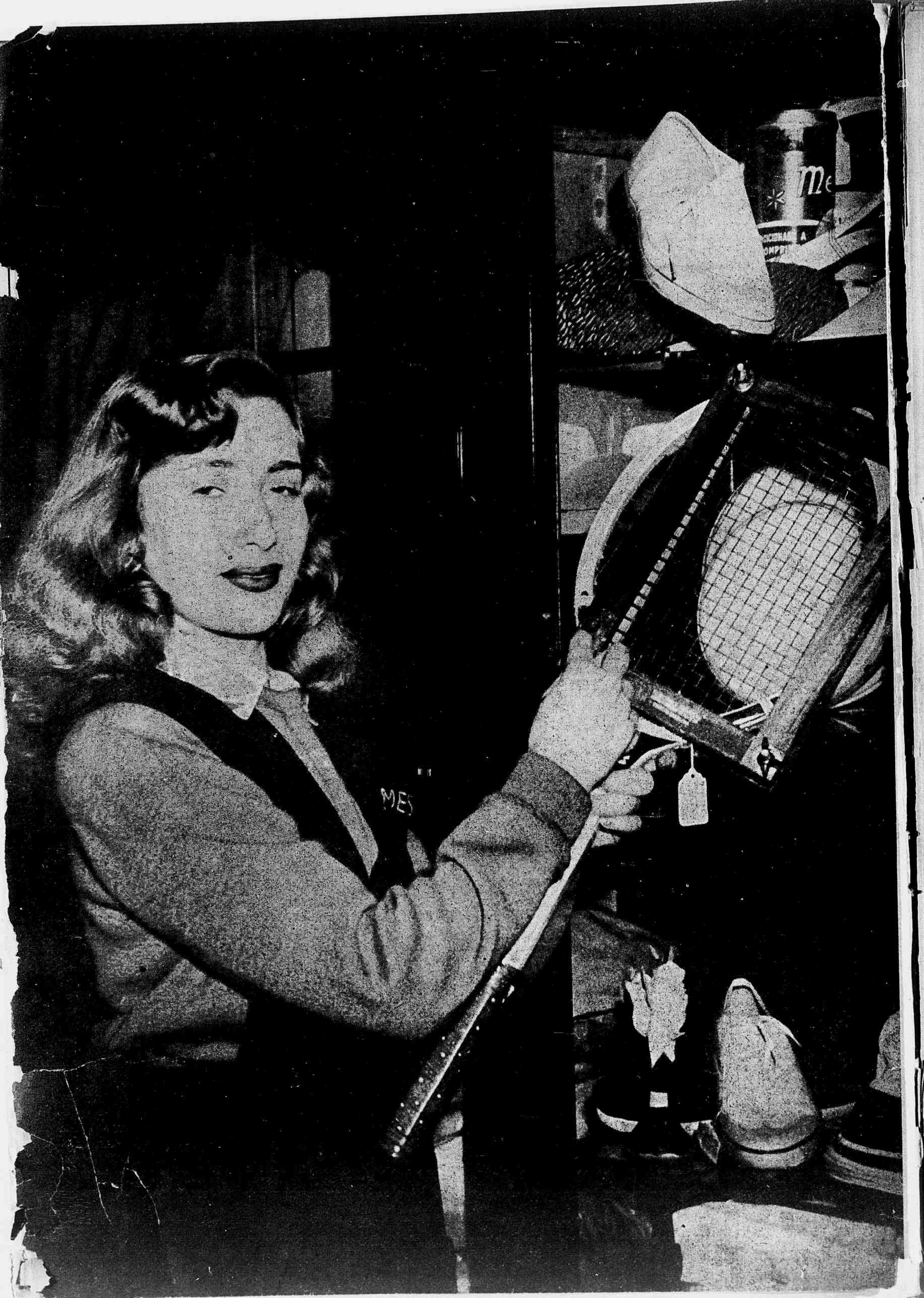
Joalheria

ÓCULOS PINCE-NEZ LORÇONS

JOIAS S. RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES.

LUIS R. RICART
TEL. 22.45.00 - RIO

1001-A Nº 28





Em cima: Angelina e Licia, caixeiros de uma casa elegante da rua Gonçalves Dias. Na página ao lado: A vendedora Jane, de uma grande casa da rua do Passeio. Há 200 moças nessa firma. Mas, entre tantas, somente quatro atendem no balcão.

20.000 MOÇAS CONJUGAM O VERBO "VENDER"

MUITAS DETESTAM A PROFISSÃO E ESPERAM APENAS QUE UM MARIDO VENHA SALVÁ-LAS DO BALCÃO — "QUE FUTURO PODE TER UMA CAIXEIRA?" — A DISPARIDADE ENTRE OS SALÁRIOS E O CUSTO DA VIDA — CAIXEIRAS E MEIAS NYLON — A MAIS ANTIGA VENDEDORA DE BOMBONS DO RIO

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

QUEM já pensou com um pouco mais de atenção nesses milhares de braços que diariamente nos servem café, doces, remédios, bijuterias, fazendas e mil outros artigos, nos balcões da cidade? Das quarenta e duas mil comerciárias do Rio, vinte mil, seguramente, trabalham como caixeiros. Em eficiência se equiparam a muitos homens e, no entanto, recebem, em geral, salários muito mais baixos que os seus colegas de profissão. Há lojas que preferem caixeiros porque podem pagar menos e exigir-lhes a mesma eficiência que exigem de um rapaz, durante as oito horas de serviço: que se levantem às sete horas da manhã, que venham espremidas nos bondes e nos trens, que permaneçam em pé durante oito horas, com um intervalo para o almoço pobre e caro. Quando voltam à casa suportam o mesmo martírio da falta de condução nos bondes e nos trens. Por todos esses sacrifícios, a grande maioria recebe salários de setecentos cruzeiros. Poucas são as que ganham mais de mil cruzeiros mensais. Há patrões que constituem dignificante

exceção. A essas, as próprias empregadas fazem justiça nesta reportagem.

VAMOS COMEÇAR PELO QUE HÁ DE BOM

A Casa Mesbla tem duzentas funcionárias. Dessas, somente quatro são vendedoras de balcão. Isso acontece porque a direção da casa exige do vendedor ou vendedora qualidades especiais, somente colocando nos seus balcões rapazes e moças que tenham vencido uma série de testes. O senhor Edú, inspetor-geral dos departamentos de vendas, afirmou-nos:

— Como regra geral posso lhe dizer que o homem vende melhor do que a mulher. Por isso, possuímos apenas quatro caixeiros e estas ocupam seções onde a experiência, confirmando a exceção da regra, ensinou-nos que o trabalho feminino é ali mais produtivo.

Percorremos as quatro seções servidas por mulheres. Quando se trata de vender brinquedos para garotos de pouca idade, por exemplo, a influência feminina é decisiva. Os guris se assustam

com o vozirão masculino. E a delicadeza das caixeiros nesses momentos faz milagres. Também na seção de esportes, onde se vendem "maillots", a presença das moças se justifica. Só com muito constrangimento uma senhora explicaria ao vencedor: "Por favor, meu senhor, esclareça-me. Minha cintura, quando estou sem cinta, é de cento e dez centímetros. Acha que essa roupa de banho me serve?". Por causa desses problemas é que se faz necessária, neste departamento, uma vendedora. Também na seção de discos a experiência aconselha colocar-se uma "vendeduse" e, se possível, bonita. Nós comprovamos isso muito bem. No momento em que chegávamos ao balcão de discos, um rapaz com voz meliflua e olhar tyroeano perguntou à moreninha que o atendeu:

— Senhorita... "Let me kiss you tonight"?... Tem esse disco em gravação de Tommy Dorsey?

Como é que ele iria fazer este pedido — pergunta a um barbado?

A última moça ali admitida está na seção de cine-foto e esta posição ela a

conseguiu devido a ser técnica no assunto. Essas moças têm completa assistência da direção, que lhes proporciona periodicamente cursos de "ética de vendedor". Dona Carminha, da seção de discos, declarou-nos que detesta a profissão que exerce e só trabalha no comércio por absoluta necessidade. Digamos, entre parêntesis, que dona Carminha ainda não cursou as aulas de Mr. James Florisel, professor da Universidade de Boston, que tem ministrado aos empregados da casa lições de ética comercial. Quem sabe se depois de dois meses, quando sair diplomada, não desaparecerá essa aversão pela tarefa que executa?

"MARIDO É FÁCIL; EMPREGO,

Existem casas em que a disciplina é tão rigorosa que não conseguem fotografar as "vendeduses" sem permissão do diretor-gerente. As mocinhas, temerosas do regulamento, se esquivam do fotógrafo e do repórter. Uma dessas casas, é a "Inovação", à rua do Ouvidor. Perdemos quase meia-hora até conse-



Ruth e Ester, duas vendedoras de um grande magazine da rua do Ouvidor. Conseguem viver com salários de setecentos e cinquenta cruzeiros mensais. Ester, a da direita, tem fé no futuro: — "Hei de encontrar um marido que ganhe cinco ou seis mil cruzeiros por mês."

guirmos a necessária permissão com o senador Carlos Saboia, um dos sócios do magazine. As calças com quem

falamos têm um ordenado médio de setecentos cruzeiros e mais um por cento de comissão sobre o valor das vendas

que efetuam. Conseguem um total de mil cruzeiros mensais. As que servem se- res de artigos caros e de muito con-

Esta é dona Alzira, caixeira de uma confitaria da rua Senador Dantas. E' um drama sua luta pela vida. Para sustentar três filhos teve que ir para o comércio, ganhando seiscentos e cinquenta cruzeiros mensais.



Na página ao lado: uma das exceções honrosas que revelam a justa compreensão por parte dos empregados, quanto ao vertiginoso aumento do custo da vida. Estas duas calças das lojas Gomes ganhavam há um ano e meio cento e cinquenta cruzeiros. Hoje, recebem mil cruzeiros mensais. Ao lado: Maria Elza, devido à sua profissão, já se ajoelhou aos pés de muita gente.

sumo fazem um ordenado maior. Subiu conosco no elevador uma morena alta, granfina, ostentando no pulso um relógio caro, de grossa corrente de ouro. Na certa, alguma freguesa, pensemos. Estávamos enganados. A morena de "echarpe" de seda e belo capote três-quartos, de la verde, era a vendedora Ilda Presas.

— Filha de mãe espanhola, de quem herdou os meus olhos negros — disse-nos, com um sorriso.

Ilda tem um mistério na sua vida de moça independente que não nos quis contar. Aparenta vinte e oito anos. Até 1945 fôra sempre freguesa, jamais pensara atender em um balcão.

— Por que começou a trabalhar? Crise na família?

— Absolutamente — diz-nos Ilda. Sou sózinha e independente. Desisti do casamento e um conhecido meu, amigo do senador Saboia, arranjou-me este lugar.

Habitou-se ao trabalho?

— Como não? E' melhor do que viver casada. Se algum dia arranjar um marido, não deixarei o emprego. Um bom emprego hoje em dia é mais difícil de se conseguir do que um marido e oferece muito maior vantagem e segurança. Por isso não tenho pressa em arranjar casamento.

Ilda constitui uma exceção entre as vendedoras de balcão. Bonita e independente. Sem dificuldades financeiras. E não quer saber de compromissos.

AS IDEIAS DE DONA OFÉLIA!

Estamos no primeiro andar, na seção de modas femininas. E' hora do almoço, as freguesas são escassas e as empregadas podem conversar à vontade com o repórter. Estamos conosco, além de Ilda, Clélia, Ilka e Ofélia. Esta última é irmã de Lêda, aquela moça tímida, que mais parecia um bibelô à venda dentro da loja de objetos artísticos, onde a encontramos. Ofélia, ao contrário, é desembaraçada e esclarece-nos a respeito de sua irmã:

— Reparou como Lêda é ingênua? Está com medo que papai a repreenda se o seu retrato aparecer na revista. Por isso fez-me jurar que eu também sairia na reportagem.

A conversa escorregou para o assunto da semana inglesa.

O comércio deve continuar fechando aos sábados, ao meio dia? Ou será melhor trabalhar nesta dia normalmente e abrir ao meio-dia de segunda-feira? Ofélia pede para dar sua opinião. Pois, não. A vontade:

— Não sei de quem é essa idéia errada de trocar o meio-dia de descanso. Já que estão com vontade de fazer modificações, façam a seguinte: cretem o fechamento do comércio às doze horas de sábado e sua re-abertura às doze horas de segunda-feira. Que tal?

— Estamos com a idéia da Ofélia! — dizem em coro suas companheiras.

Ilka, a mais antiga da seção, continuou sobre o assunto:

— Este negócio de se trabalhar todo o dia de sábado para que os bancários, funcionários públicos e atacadistas pos-

Na página ao lado: as calças das lojas de meias são obrigadas a usar o artigo que vendem. Na casa que visitamos, à rua do Ouvidor, todas as vendedoras usam meias "Nylon". — "Já nos habituamos de tal forma — diz-nos Albertina, à esquerda da foto — que mesmo em casa não sabemos mais andar sem meias. Na foto, à direita: Irene, vendedora de um grande magazine, acha que o seu salário é suficiente "isto, é claro, se as coisas não subirem de preço".





sam fazer suas compras comodamente é "conversa mole". Quando nós precisamos comprar qualquer coisa em outras lojas, sempre arranjamos uma folguinha durante a nossa hora de almoço. Por que os outros não podem fazer a mesma coisa?

QUEM QUER ENTRAR NA FILA, COMO PRETENDENTE?

Estamos agora no andar térreo, em uma seção de miudezas. Conversamos com uma "vendeuse", chamada Cremilda. Ela, aliás, falou pouco. Mas disse o que queria. Trabalha há dez anos no comércio. Quer-se dos ordenados, sempre insuficientes, nunca se quiparando ao custo da vida. Que espera do comércio?

— Do comércio de balcão nada se pode esperar. A gente envelhece e sempre com a mesma vida. Comendo mal, fazendo milagres para vestir-se mais ou menos, sempre sem dinheiro, sempre sem esperanças...

— E o casamento? — indagamos — Não é uma esperança para livrar vocês dessa luta?...

Ela levantou os olhos do livro de notas e respondeu, descoroçoada:

— O senhor acredita?... Quando alguma de nós se casa — geralmente é com um colega de profissão, com ordenado tão pequeno que o remédio é continuar a trabalhar.

Ester, outra caixeira, interrompeu o pessimismo de Cremilda:

— O menina triste! Quem sabe se você não vai se casar com um rapaz cheio da "galta"? — Estou com vinte e cinco anos, tive uma porção de empregos, mas sempre esperei casar-me com um rapaz que ganhe no mínimo uns seis contos mensais.

— Qual é seu ordenado, Ester?

— Com as comissões, é, aproximadamente de uns mil cruzeiros. Não dá para nada.

Elcando seria por alguns instantes, ela explicou:

— Quando comeci a trabalhar, podia gastar todo o meu ordenado. Agora é diferente. Papai está paralítico há cinco anos, sem nada receber. Sou filha única e desde a doença de papai tornei-me o "hemem" da casa. Minha única esperança (ela agora sorria novamente) é um noivo rico. Não haverá um rapaz que ganhe bem e com boas intenções?

E' difícil responder. Entretanto fica registrado o apelo da encantadora caixeira da rua do Ouvidor.

UMA CASA QUE DA' SORTE

Na "esquina da elegância" — Ouvidor com Gonçalves Dias, passam à nossa frente três garotas elegantes com uma particularidade, inusitada nas cariocas, particularidade inusitada nas cariocas, principalmente num dia quente como este: todas três usam finíssimas meias de nylon. Entram na casa "Andorinha". Seriam vendedoras da casa? Fomos averiguar. Entramos. As três vestiam uma jaqueta azul. — o uniforme de trabalho. Depois de nos identificarmos, uma delas nos explicou.

— As vendedoras das casas de meias são obrigadas a usar o artigo que vendem, pelo menos durante o trabalho. Isto cria um hábito e em razão disso não sabemos mais andar sem meias.

Iára Gomes aparteia:

— Como o patrão nos faz um grande desconto, só usamos meias Nylon, das mais finas.

Há muitas mulheres que invejam por certo, nesse ponto, o trabalho das caixeiros das casas de meias. Augusta

Oliveira vai nos contando, enquanto suas companheiras Iára e Augusta atendem as freguesas:

— Comecei a trabalhar nesta casa com quatorze anos. Foi o meu primeiro emprego e tive sorte em vir para cá. Nosso patrão é formidável. Muito diferente de outros que sei que existem por aí. Todas nós ganhamos bem. Além do ordenado temos três por cento sobre o que vendemos. Com a comissão podemos tirar mil e quinhentos cruzeiros por mês.

— A crise que vem se fazendo sentir no comércio varejista não se tem feito sentir neste ramo?

Fala agora Albertina Koplin, que trabalha há dez anos na casa:

— Aqui ainda não. No verão vendemos muito pouco, mas esse fenômeno no Rio é usual. Na estação quente, muitas mulheres preferem andar sem meias. Agora no inverno a venda aumenta. Para nós é ótimo, pois passamos a ganhar muito mais, graças às comissões.

Falou-se em política e as duas eleitoras, Albertina e Iára, disseram-nos das suas preferências:

— Votamos no Dutra porque éramos getulistas. Mas hoje, com a imprensa livre, estamos sabendo de muita coisa que ignorávamos. Por exemplo, a respeito da inflação. Estamos sabendo agora que a culpa foi do ex-presidente Getúlio, que imprimiu dinheiro à bessa.

— Quais são os seus projetos para o futuro?

Iára fala pelas companheiras:

— Estamos muito satisfeitas com a nossa profissão. Talvez seja pela casa em que trabalhamos. Daqui só sairemos casadas. Até hoje não houve caso de caixeira daqui ter trocado de patrão. Deste balcão vamos diretamente para a Pretoria. Quanto aos noivos, pode dizer que somos muito exigentes: achamos que o rapaz deve ganhar no mínimo

três contos mensais para casar-se. Mesmo porque não queremos trabalhar depois de casadas.

Albertina, que já está noiva, modificou a exigência:

— Bem, no princípio, enquanto ele não ganhar bem, a gente pode ajudar um pouquinho...

QUANDO A TRAGEDIA APARECE

Nem todas as caixeiros namoram relativamente bem, como as pequenas da casa "Andorinha", ou são livres de problemas, como a morena Iida. A grande parte trabalha porque tem que ajudar o orçamento de casa e, do que recebem no fim do mês, descontadas as passagens e almoços na cidade, sobra muito pouco. Esta disparidade entre os salários e o custo de vida, que sobe mais toda a vez que um aumento geral de ordenados beneficia teoricamente os comerciários, é a grande amargura dos que vivem de ordenados fixos. Ordenados tabelados de seiscentos, oitocentos ou mil cruzeiros satisfazem a uma pequena minoria de caixeiros, a das que não contribuem para as despesas de suas casas. Mas para a grande maioria, esses salários são de fome. Vejamos, por exemplo, o caso de Alzira, que trabalha num balcão de doces numa confeitaria. Dentro de seus olhos azuis há qualquer coisa de desânimo que o sorriso a custo consegue disfarçar. E' difícil calcular-lhe a idade. Mas já viveu bastante, apesar da juventude que é obrigada a aparentar. Falam de sua luta, seus seis filhos — o maior com dezessete anos e o menor ainda com três, apenas — e seus quatorze anos de casada. Depois de quatorze anos de casada, que dona Alzira nos conta terem sido de grande harmonia, veio a separação. Dona Alzira ficou com três filhos. A mais ve-

(Cont. na pág. 57)

Na página ao lado: a vendeuse Aurora escolhendo um costume para a freguesa exigente. Nesta página, à esquerda: a mesma "vendeuse" traz para a cliente modelos de chapéus. — "Ah! a exigência incontentável de certas compradoras que em cem modelos não encontram um só que agrade!" A direita: outra vendedora, que apesar do grande luxo da casa, ganha apenas quinhentos cruzeiros mensais.



UNIVERSIDADE.



— Não... Obrigado. Tenho o vício de roer as unhas.

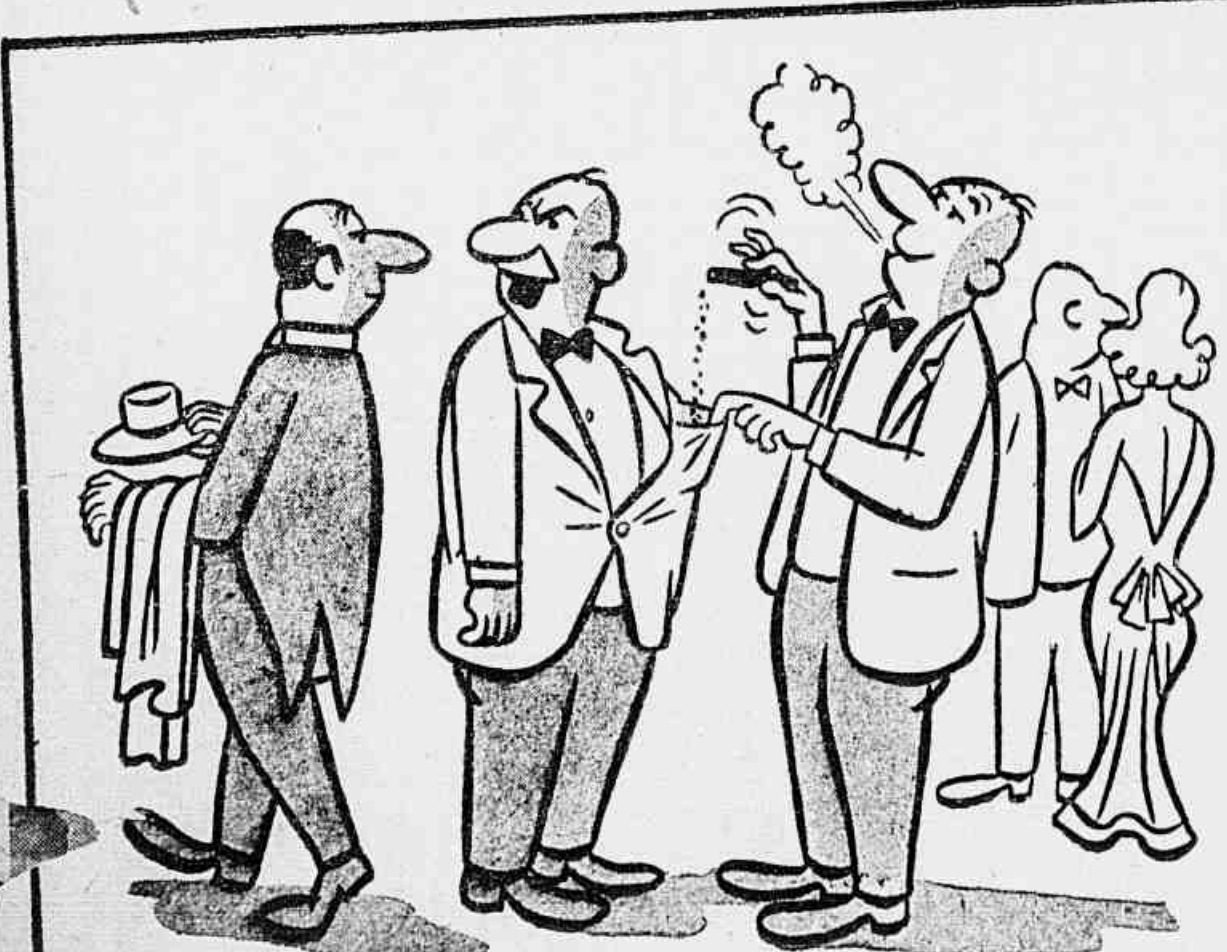
Chon Day



— Estamos ampliando o nosso "living-room"...

CHG

B O M H U M O R

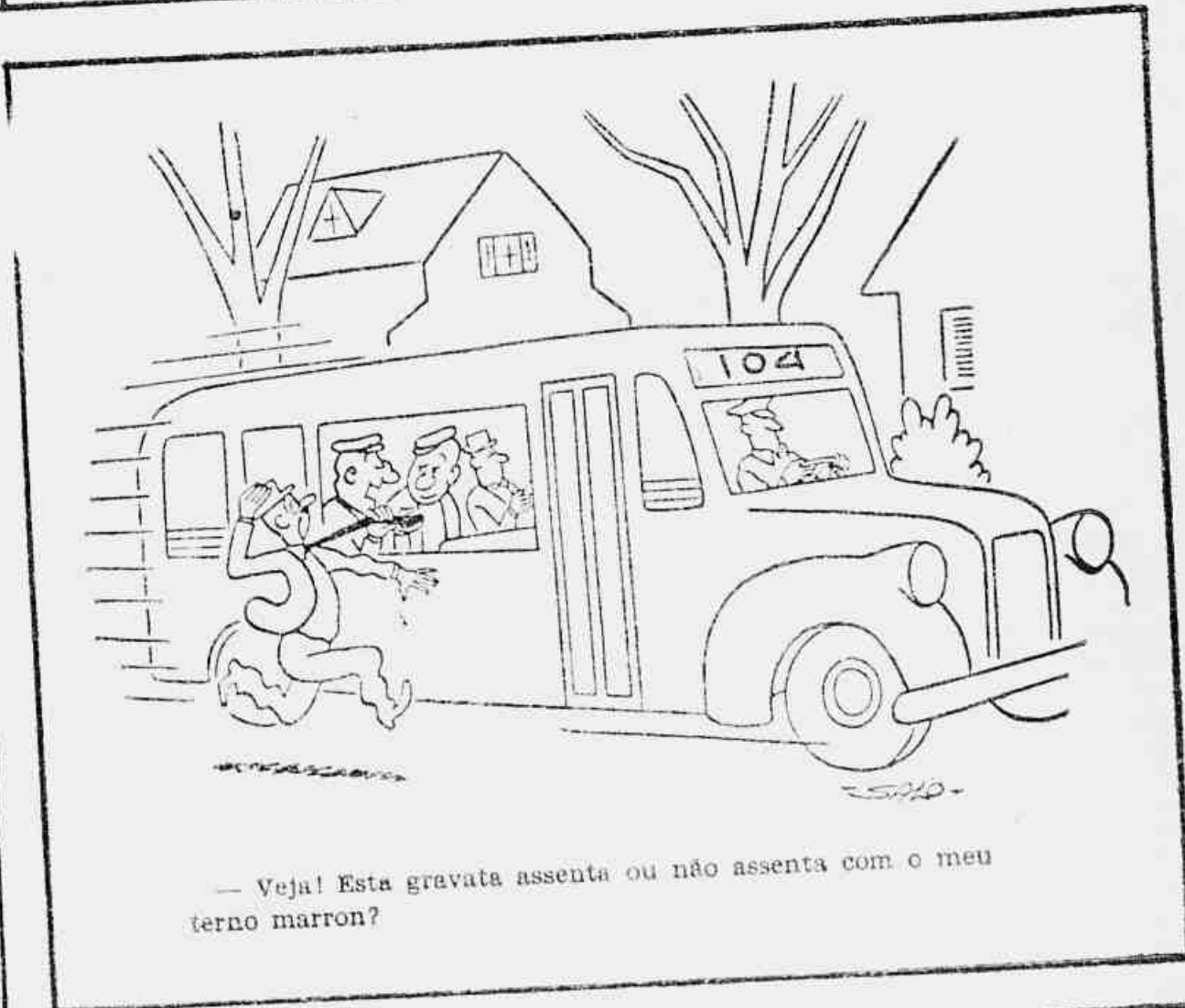
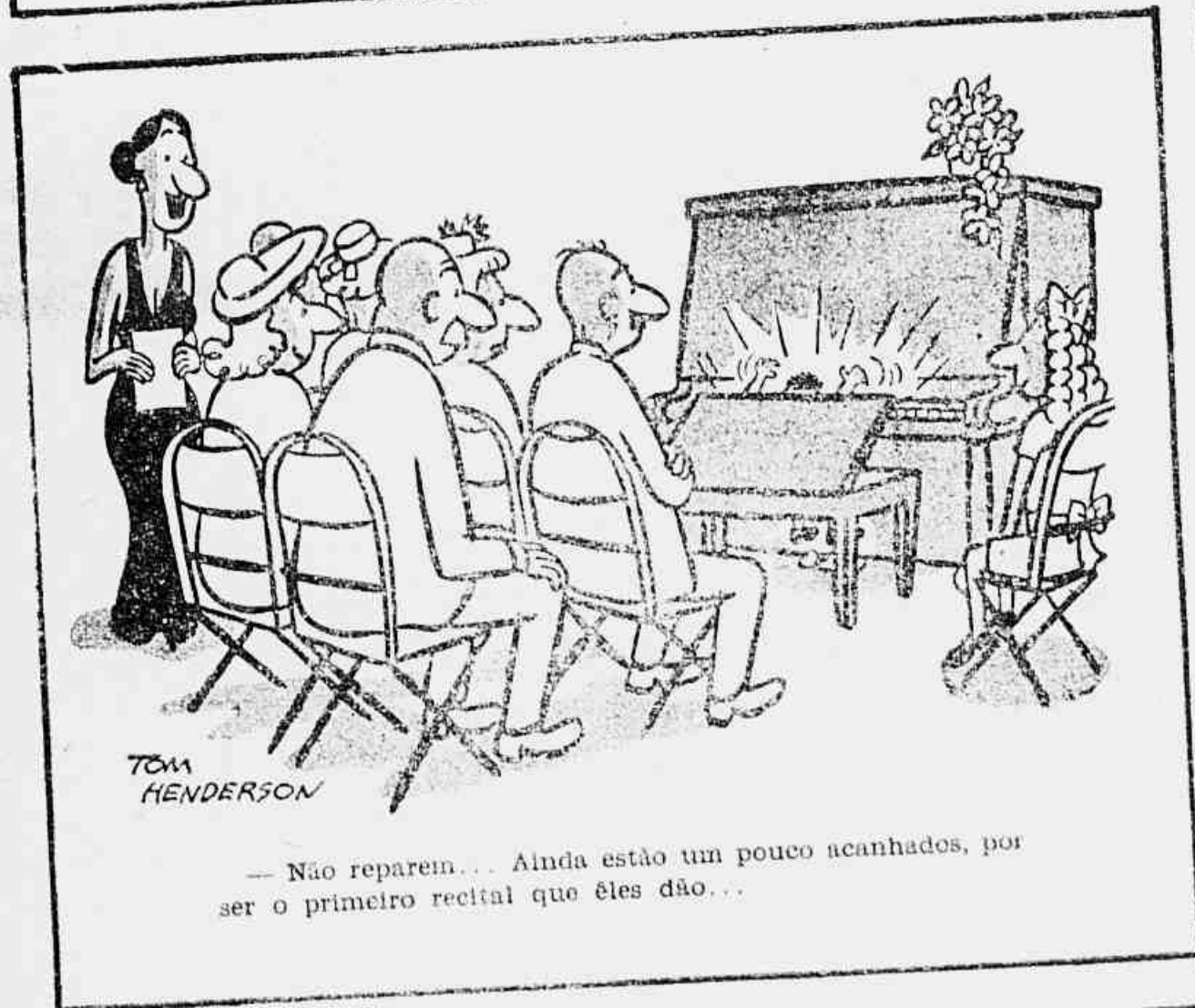


TOM HENDERSON

— Traga um cinzeiro para o sr. Benedito, depressa!



Silvan



CONTO DE CECILIO ROCHA

Ilustração de A. ZALUAR

LONGE estava de pensar que aquilo pudesse causar enorme descontentamento. Sou um indivíduo excessivamente comedido nas palavras. Raramente ultrapasso o limite mínimo que o meu complexo de inferioridade traçou para meu comportamento na vida. E esse limite foi uma consequência lógica de certos "frangos" que peguei nas rodas de amigos eventuais.

Nada me acabrunha tanto como o haver dito uma "inconveniência". Ainda tenho na memória um incidente havido há mais de dez anos. Estava eu conversando com um companheiro de farras inocentes, quando surge, ao canto da praça em que nos encontrávamos, certa morena de órfãs interessante. Era realmente uma dessas moças que, passando pelas ruas, interrompem as discussões mais azedas, deixam em suspenso os maridos respeitáveis e fazem os rapazolas derrubarem o queixo. Seu andar, não sendo afetado, tinha entretanto o poder indomável das correntes magnéticas que enlouquecem a agulha de qualquer bússola.

Como não podia deixar de ser, senti também comichões pelo corpo todo quando a vi, não resistindo à tentação de externar ao meu companheiro de banco algumas das muitas coisas que pensei naquele instante. Ele, porém, não deu sinal de vida. Não mostrou o menor interesse pelo fato, e muito menos pelo que falei. Era o cúmulo. Estava para xingá-lo quando proferiu, em voz alta, um nome de mulher, e fez um breve aceno para que a moça viesse ter a nós.

Tal procedimento me deixou confuso. Mais confuso fiquei ao ouvi-lo dizer:

— Apresento-lhe minha irmã fulana (tão amesquinha-do estava eu que não pude gravar o nome). Repita para ela o que você me dizia há pouco.

E' desnecessário afirmar que não pude articular palavras inteligíveis.

Desde então comecei a policiar com excessivo rigor as manifestações do meu pensamento. Longe estava de supor que esse não seria o último "frango". Aquilo de que falei no início, porém, não podia ser previsto pela mais exigente e capaz polícia do pensamento e da expressão.

Fazia seguramente quatro meses que me encontrava em Campo Grande, a capital econômica de Mato Grosso. Dentre as poucas pessoas de minha relação ali, contava com os cinco membros da família Nascimento. Três moças (tôdas solteiras, apesar de bonitas e em idade convenientemente matrimonial, mas longe ainda de atingirem o titilato), um rapaz e a velha, viúva não fazia muito.

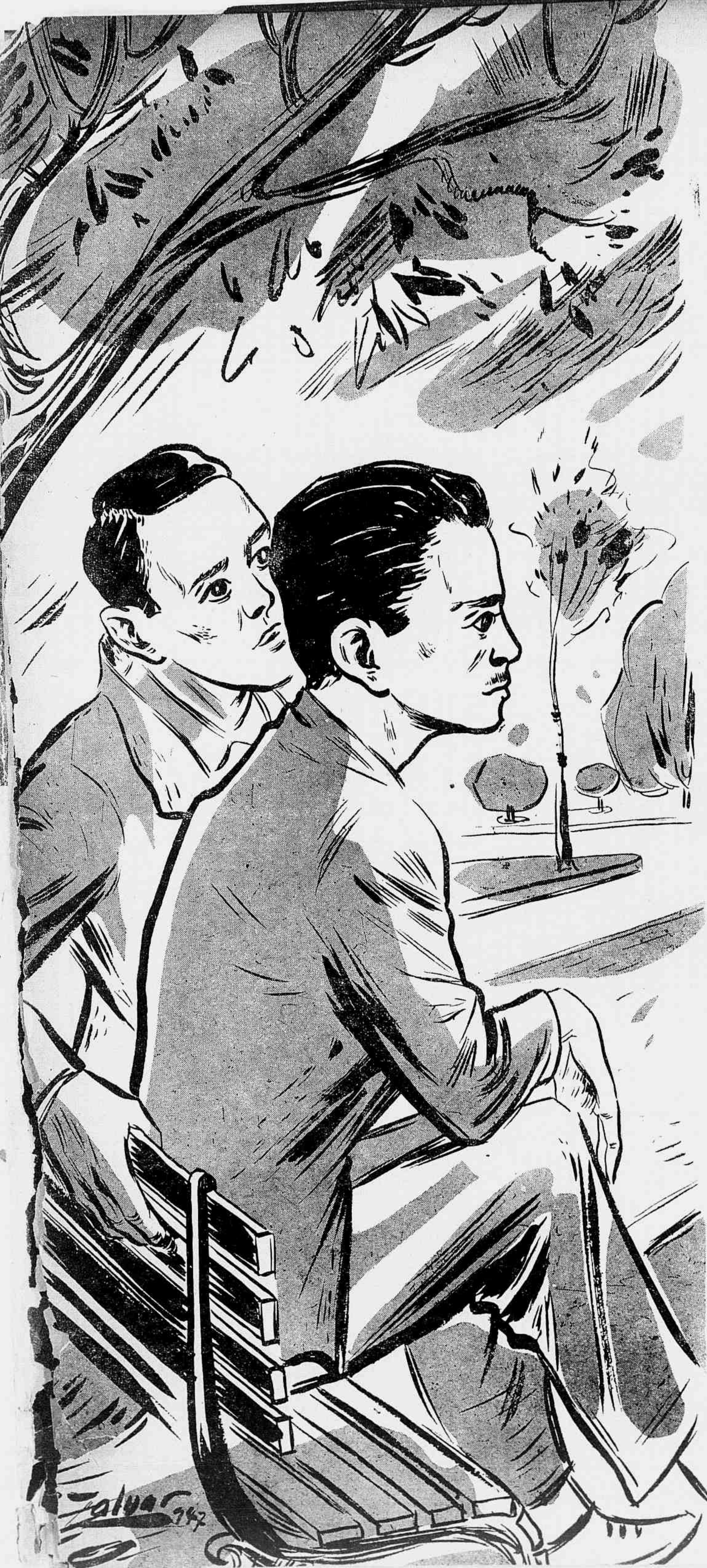
Tomei conhecimento com essa família através do rapaz, Alfredo, meu primeiro parceiro de bilhar na cidade vermelha e poeirenta. Conhecemo-nos no trem que me levou àquela cidade. Moço bem apresentável, sabia relatar os fatos da sua cidade com graça e um pouco malícia.

Como sempre acontece, essas amizades feitas em torno de uma mesa de bilhar ou por cima dos balcões das lojas que frequentamos, não vão além de encontros casuais em lugares públicos. Raramente chegam aos arrais familiares.

Alfredo era guarda-livros de uma papelaria local. Porque simpatizou realmente comigo ou porque pretendia tirar alguma vantagem da influência que eu então exercia sobre meia dúzia de firmas comerciais da cidade, o certo é que ele um dia me convidou para um almoço domingueiro em sua casa.

— Você deve estar "chelo" da bola do hotel — disse-me num sábado à tarde.

PREMIADO NO CONCUR



APANHAR GUAVIRAS

Realmente. Os hotéis, por melhor que sejam, deixam sempre a desejar. Um prato feito "em casa", por mais simples que seja, é bem mais saboroso.

— Já passei por esses pedaços — continuou ele. Venha amanhã almoçar comigo. Teremos uma peixinhada de quebrar o peito.

— Aniversário? — perguntei eu.

— Não. E você será o único convidado.

O convite era por demais tentador para ser recusado. No dia seguinte, à hora combinada, lá estava eu em sua casa, fazendo-me acompanhar de uma garrafa de bom vinho.

O almoço correu como todos os almoços domingueiros em casa de uma família da classe média. Tanto fizeram para me agradar que eu acabei ficando cativo de todos. E muitos outros domingos almocei ali. Nos dias aborrecidos, sentimentalmente brumosos, era para a casa da família Nascimento que eu me dirigia, afim de "limpar os horizontes".

Naquele feriado (15 de novembro, se não me engano), amanheci com vontade de apanhar guaviras. O dia estava propício e senti desejos de experimentar o esporte. Embora houvesse muito sol, o calor não se fazia sentir nos outros dias. Lá, no mato a temperatura deveria estar saudável. Eu poderia ganhar sozinho uma das muitas estradas que conduziavam aos guavirais. Mas, apanhar guaviras sozinho não tinha graça. O bom seria ir em grupos onde figurassem alguns elementos femininos. A gente comentaria com entusiasmo os acidentes do terreno, daria nomes poéticos aos recantos sombrios e sentiria melhor o sabor da fruta esmagada entre os dentes.

A família Nascimento constituiria o meu grupo. Companhia melhor não haveria. Alugariamos uma caminhonete e passaríamos algumas horas divertidas colhendo a deliciosa fruta por entre os galhos doreados da pequena planta silvestre.

Alice daria gritinhos histéricos toda vez que deparasse uma lagarta a dez centímetros de seus dedos. Rosália caminharía silenciosa, pisaria de leve no mato rasteiro, não esbarraria nos arbustos do caminho. Porque será que ela andava sempre triste, falando pouco, metida lá por dentro de casa, entregue às suas costuras, à arrumação de quartos e cozinha que jamais terminava?

Dona Josefa veria cobras por todo canto, prontas para o bote. Não. A velha deveria ficar tratando do almoço. Sua presença no guaviral era dispensável. Um pouco reumática, não suportaria exercícios forçados. Abaixa aqui, abaixa ali, abaixa acolá. Não. Essas coisas não convinham mais à sua idade. Mesmo que suportasse tais exercícios, ela seria um empecilho às travessuras próprias de gente moça. Nada de safadezas com as filhas de Dona Josefa. Lá isso não.

Nicinha, a mais nova de suas filhas (vinte e um anos), experimentaria uma surpresa em cada galho de guavira. Tudo para ela constituía novidade, não importa quantas vezes tenha visto a mesma coisa. Seu riso claro, franco, daria inveja aos mais alegres pássaros que encontrássemos. Nicinha de jeito algum poderia deixar de ir. Haveria cobras? Um mal estar entrou e saiu pela minha epiderme. Não seria nada agradável pisar numa coisa mole, repelente, sentir uma picada violenta e cair depois minando sangue por todos os poros. Cascavel. Seus guisos alertadores e provocantes entoariam hinos de guerra na molta traçoelra. Não. Não encontraríamos cobra alguma.

Apanhar guaviras entrara para os hábitos de uma boa parte da gente de Campo Grande como um esporte excelente. E a fruta, do tamanho de uma uva comum, era

sem dúvida deliciosa. Mais deliciosa ainda se apanhava após uma ligeira chuva.

Na época própria, grupos e mais grupos invadiam os campos vizinhos à cata de guaviras, nas manhãs ou tardes de domingo ou feriado.

Não havia dúvida. As filhas de Dona Josefa, e o Alfredo também, aceitariam o meu convite. As oito horas em ponto lá estava eu batendo à porta de sua casa. Nicinha veio abri-la e ao deparar comigo não dissimulou sua surpresa. Cedeu-me para fazer visita. Dona Josefa apareceu dizendo:

— Que novidade é essa?

— Vim convidá-las para um passeio. O Alfredo está?

— Levantou-se há pouco. Parece que está vestindo-se para sair.

Alice, reconhecendo minha voz, veio à sala cumprimentar-me. Não tardou, estavam todos reunidos ali, inclusive o Alfredo.

— O dia está próprio para um bom passeio — disse eu. — Vamos apanhar guaviras?

Dona Josefa estremeceu na cadeira e trocou olhares misteriosos com as filhas. Rosália baixou a cabeça e pôs-se a alisar o vestido, com as mãos em concha, em cima dos joelhos.

Silêncio. Ninguém me deu resposta. Compreendi que havia dito uma "inconveniência". Alfredo acendeu um cigarro (sem me oferecer) e atirava fumaça para o ar. Embora tivesse a certeza de que havia cometido uma gafe, não atinava com a "inconveniência". Por isso insistiu:

— Como é? Não querem aproveitar o domingo?

Omiti, sem saber porque, a referência à deliciosa fruta.

— Não. Esse negócio de andar pelo mato, tomando muito sol na cabeça, arriscando a ser picado por cobra venenosa, rasgar a roupa nos espinhos do caminho ou sair com a cara lanhada, não vale a pena — respondeu Alfredo.

— Mas todo o mundo vai apanhar guaviras?

Novo silêncio. Rosália, a pretexto de terminar a limpeza de seu quarto, pediu licença e saiu-se. Dona Josefa, um minuto depois, seguiu-lhe os passos, sem dizer palavra. No fim, estávamos eu e Alfredo somente na sala.

— Porque vocês não gostam desses passeios?

— Eu gosto e não gosto. Depende do momento. Mãe é quem não tolera, em hipótese alguma, que se fale nisso.

Visto estava que eu havia pisado terreno de acesso proibido. Só me restava, portanto, bater em retirada, depois de haver pedido desculpas. Foi o que fiz. Sai matutando pela rua. Que mal podia haver em apanhar guaviras? Pensamentos safados se insinuaram na minha mente. As filhas de Dona Josefa eram moças direitas. Pobres, mas decentes. Nunca as vi, pelas ruas, cinemas, esquinas ou abrigadas pelas copas das árvores não iluminadas das ruas desertas, de chamegos com namorados. Eram moças até caseiras. Poucas vezes saíam.

Minhas visitas subsequentes não foram mais recebidas com entusiasmo. O próprio Alfredo, tão meu amigo, se mostrava agora reservado. Se me houvessem dito que ali era proibido falar em guaviras, eu não teria cometido aquela imprudência. Evidentemente, uma grande imprudência. E a história era bem simples.

As filhas de Dona Josefa, em anos anteriores, com suas amigas, e nas mais das vezes com seus namorados também, apanhavam muita guavira. Dona Josefa não fazia

(Cont. na pág. 58)





Ao alto — A Caixa Beneficente dos Profissionais do Turf possui um perfeito serviço de secretaria, que é dirigida pelo gerente da Caixa, sr. Atualpa Soares, que se vê na gravura juntamente com as funcionárias Paulina Monteiro Ferreira e Julieta Soares. Ao fundo pode-se ver parte do completo "stock" de remédios de urgência e de aplicação diária que é permanentemente mantido pela Caixa.

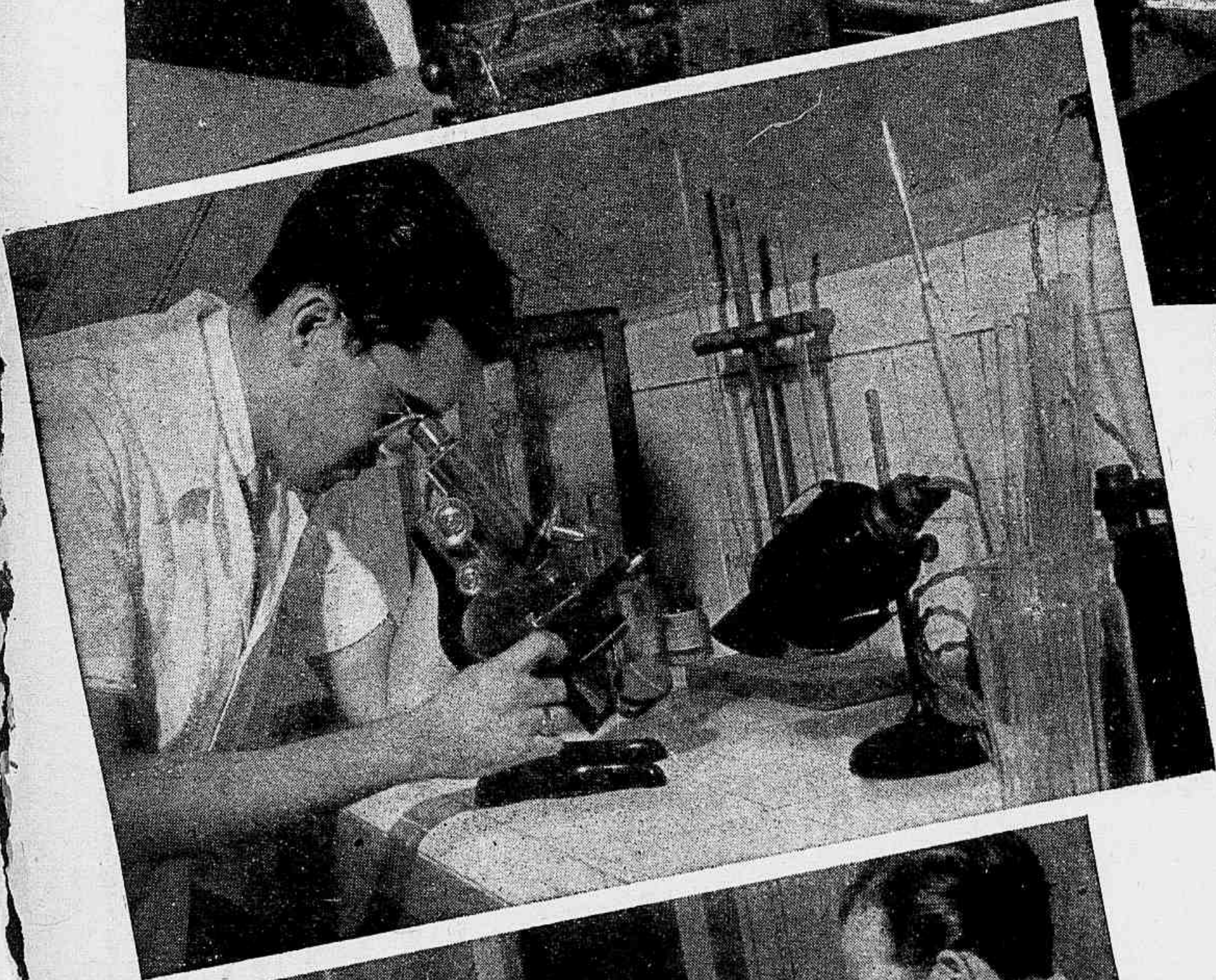
AS GRANDES OBRAS SOCIAIS

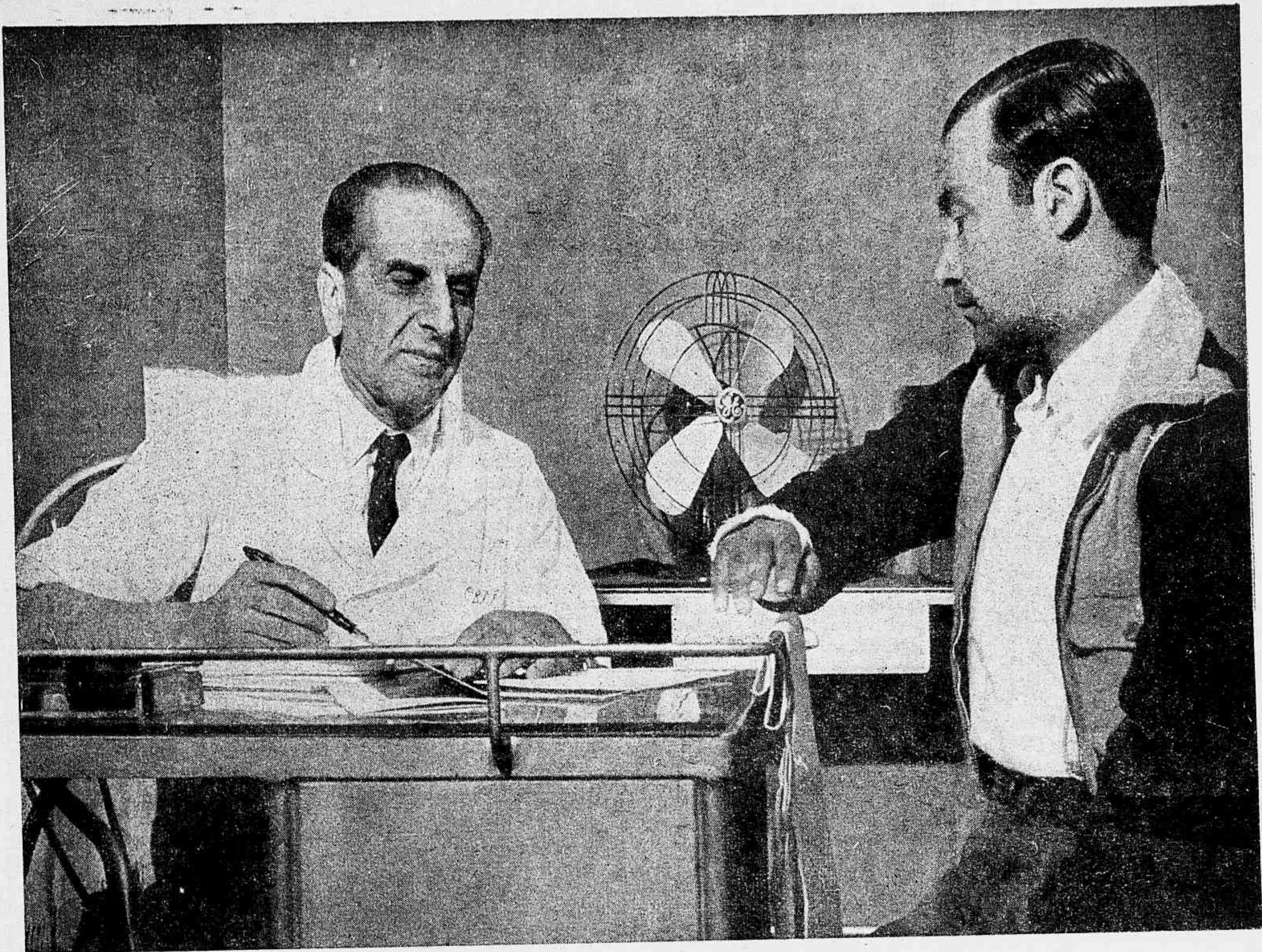
(Cont. do número anterior)

Prestigiada moral e economicamente pelo Jockey Club Brasileiro, a Caixa vem se desenvolvendo em ritmo lento mas seguro, melhorando sempre a forma, a natureza e o montante dos benefícios a que têm direito seus associados. Alguns números demonstrarão a magnitude da assistência prestada pela entidade que, no plano assistencial, ocupa posição singular e, talvez, única, fornecendo medicamentos inteiramente gratuitos a todos os seus associados. Recebendo, por intermédio da nossa sociedade turfista, perto de 700 mil cruzeiros anuais, além das contribuições dos sócios, a Caixa os transforma em uma chuva de benefícios. Dispõe de abastecido e dedicado corpo clínico, composto de sete médicos de nomeada; fornece medicamentos gratuitos sejam quais forem e quanto custarem; hospitais; serviços dentários e radiológicos; paga indenizações e diárias por acidentes do trabalho, auxílio-doença e um capital-pecúlio aos herdeiros do sócio falecido.

Todos esses benefícios são possíveis em consequência daquele valioso apoio dispensado pelo Jockey Club, merecendo destaque os expressivos números seguintes: em 1940 (ano de reorganização da Caixa) foram prestados Cr\$ 21.881,00 de serviços farmacêuticos e, em 1946, essa verba montou a Cr\$ 185.452,00. A hospitalização subiu de Cr\$ 28.000,00 para Cr\$ 134.164,00; as diárias e indenizações de Cr\$ 4.288,00 para Cr\$ 32.000,00 e os serviços médicos de Cr\$ 20.000,00 para Cr\$ 122.050,00. Vários profissionais do turf que ainda hoje militam na sua profissão receberam da Caixa assistência tal, que lhes foi possível continuar em atividade apesar das graves fraturas e lesões que sofreram nas carreiras ou nos treinos. Juan Zuniga, Oswaldo Ulloa, Waldemiro Andrade, Reduzino de Freitas, Fernando Schneider e, ultimamente, Otílio Reichel e muitos outros em menor escala foram socorridos e tratados durante longo tempo sem que despendessem um centil sequer, arcando a Caixa com

A esquerda — Ao alto, o laboratorista Roberto Loyola Filho entrega-se aos afazeres diários no Laboratório de Exames e Pesquisas da Caixa. Em baixo, ao chegar ao ambulatório médico, cujos serviços está utilizando, o treinador Antonio Barbosa é atendido pela enfermeira Aldemira Rosa Gallagher, que faz anotações na sua ficha pessoal.





O Jockey Luis Coelho, já em fase final de tratamento (o braço direito ainda está engessado), é atendido pelo dr. Samuel Esnaty, médico da Caixa. O referido profissional sofreu acidente na pista de corridas, no dia 12 de Junho último, sendo internado, por conta da Caixa, no Hospital de Acidentados e até hoje se encontra em tratamento, percebendo o auxílio mensal de 500 cruzeiros além de toda a assistência médica, hospitalar e farmacêutica.

pesadíssimas despesas para que todos recuperassem integralmente a saúde e a força.

No ambulatório instalado na sede, são socorridos os sócios menos afetados, bastando citar para conhecimento que, no ano passado, subiu a 6.968 o número de associados e membros das respectivas famílias que ali foram atendidos. Já no primeiro semestre deste ano, esse número subiu a 3.276. Ainda há pouco o Jockey Club Brasileiro financiou integralmente a montagem completa de um perfeito aparelhamento de dentista dos mais modernos, que virá a aperfeiçoar e ampliar os inestimáveis serviços já existentes, sabido como é que um bom

serviço dentário constitui, hoje em dia, um dos maiores fatores para boa saúde.

Aparece, assim, à plena luz, um dos aspectos pouco conhecidos das atividades da tradicional sociedade carreirista, benemerita e admirável sociedade que não se limita ao desenvolvimento do cavalo puro-sangue mas propicia e anima a expansão da assistência social, prestigiando a avultada obra de beneficência da Caixa.

Nem só no campo econômico, porém, se faz sentir o apelo benfazejo do Jockey Club Brasileiro, pois o seu ilustre presidente dr. João Borges Filho, essa imponente figura de cavalheiro, de finíssimo trato e extenso presti-

gio social, interessa-se sempre pessoalmente pelo andamento dos negócios da Caixa, favorecendo-lhes as iniciativas e dispondo-se a ampará-las em todas as emergências. Representa-se, ainda, a direção do Jockey Club Brasileiro na administração da Caixa pelo incólito professor dr. José Julio Velho da Silva que, substituindo esse exemplo de dedicação que era o dr. Paulo Burlamaqui de Mello, ex-diretor da Caixa, ainda acha lazer para, sem qualquer onus para a Caixa, dedicar-lhe horas de seu preciosíssimo tempo, prejudicando mesmo seus encargos de reputado clínico para atender às necessidades de seus associados e da entidade que administra.

Os serviços de assistência médica da Caixa atendem a todas as necessidades dos seus associados e suas famílias, dos simples curativos às internações hospitalares em quartos particulares. Em baixo, vemos um doente recebendo curativo (à esquerda) e a enfermeira Leonilda Palmerio Vieira aplicando uma injeção intravenosa na srta. Lourdes Maria dos Santos, irmã do associado Heitor Fernandes dos Santos.



DELFINA POTOÇKA E CHOPIN

Por EDMUNDO LYS

(ESPECIAL PARA "REVISTA DA SEMANA")

CHOPIN — escreveu certa vez Eduardo Ganche — do princípio ao fim de sua existência, caminhou por sobre uma estrada florida, sob um céu encantado de músicas maravilhosas, por entre mulheres deslumbrantes e desveladas.

Na história de Chopin, estão assinaladas algumas dessas mulheres e, cada uma, musicalmente evocada por meio de uma daquelas "músicas maravilhosas" de que nos fala seu enternecido biógrafo. Encontramos, por exemplo, as amadas: Maria Wodzinska, inspiradora da "Valsa do Adeus", é também a dona da "Balada em sol menor" — Constança Gladkowska que lhe inspirou a "Polonesa em fá menor"... George Sand que foi contemplada com a "Valsa em dó sustenido menor" e com o "Concerto em mi menor"... Encontramos também as outras, aquelas cujos nomes ficaram em simples dedicatórias, como a princesa Elisa, as senhoritas Line Freppa, Emma Horsford, Carolina Hartmann, a Baronesa D'Est, a Condessa Adele de Furstenstein, Miss Jane W. Stirling — o anjo bom — de Chopin, como foi chamada essa escocesa afetuosa e rica — e, além de muitas e muitas outras, a Condessa Delfina Potočka, a quem o músico consagra, não só uma Valsa para piano (Op. 64) mas, também, a sua obra de maior importância talvez, o "Segundo Concerto para piano e orquestra", isto é, o seu Concerto em fá menor, onde se encontra o discutidíssimo "Larghetto". E dissemos talvez sua obra mais importante — porque aí se fundem o sentimentalismo de Chopin e sua exaltada paixão pela pátria. Estamos para nós que os chopinianos fervorosos devem investigar os nomes dessas dedicatórias, todos eles de amigos gratíssimos do músico, de companheiros dedicados, de mulheres que embelezaram sua vida e sua arte.

Vimos há alguns tempo, com a divulgação da correspondência de Jane Stirling e Chopin, que essa mulher ocupou lugar de importância em sua vida e no seu coração. E, mais recentemente ainda, com a descoberta das cartas de Chopin a Delfina Potočka, revela-se que, se a nobre polonesa não foi um romance na vida do músico, pelo menos se ligou a ele por um sentimento mais profundo do que a simples amizade.

Esse "Concerto em fá menor", Chopin o escreveu na Polónia e ainda sob o encanto de Constança — diz-se que no mesmo dia em que conheceu a aluna de Elsner. Dedicando-o à Condessa Potočka, essa jóia de amor e de exaltação patriótica, não teria querido ele juntar a uma de suas obras preferidas — Liszt nos falou dessa predileção — o nome e a lembrança daquela que, no estrangeiro, era como a

imagem sublime da pátria distante e um ideal de amor, como que uma efígie em que se fundia a paixão do artista e do patriota? E' justo que façamos, agora, esta interrogação. Tudo faz crêr que Delfina foi, mais do que todas, um ideal bem amada, aquela que não o fez sofrer e cujo amor não deixou de ser nunca — porque, talvez, nunca chegou a ser, totalmente.

Sabe-se que, na tarde de 15 de outubro, Chopin agonizante, já quase no fim — ele faleceu a 17 de outubro de 1849 — seus olhos erravam pelo quarto na penumbra, quando, de repente, puderam distinguir a figura da amiga que tanto queria. Delfina chegara naquele dia de Nice, avisada por um recado urgente. Vendo-a ali, alta, esguia, linda como sempre, e toda vestida de branco, como um anjo baixado

do céu para buscá-lo — escreveu Deledicque — Chopin murmurou debilmente:

— Agora compreendo — porque Deus tardou tanto em chamar-me... Queria dar-me ainda a ventura de vê-la...

E formulou o desejo de ouvir, mais uma vez, essa voz que tanto o maravilhava. Pensaram que delirava, mas Chopin insistiu de forma tão persuasiva que Gutmann arrastou o pequeno piano da sala próxima e, ali, retendo os soluços, as lágrimas a correr-lhe pelo rosto formosíssimo, Delfina cantou o famoso "Hino à Virgem" que, segundo contam, salvou a vida de Stradella... Ouvindo aquela voz querida que cantava com sublime e patética expressão, Chopin dizia extasiado:

— Como é belo... Deus meu, como é belo! Mais... mais...

E Delfina, atendendo a esse apêlo, voltou ao piano e cantou um salmo de Benedetto Marcello...

O enfermo teve uma síncope e todos os presentes se ajoelham... Delfina não percebera o que havia ocorrido e continuou a cantar...

E' essa cena que foi fixada numa tela célebre — "A Morte de Chopin". Nela, a figura esguia e bela de Delfina, avulta como a imagem ideal da Pátria distante, na figura comovente de um anjo que chora.

Voltam-se agora quantos veneram a memória do músico imortal, para essa mulher cuja voz maravilhosa embalou em beleza os últimos instantes de Chopin. A destruição de Varsóvia pelos canhões alemães veio trazer, com o seu cortejo de dores e misérias, um pouco de luz sobre esse romance ignorado de Chopin, a ligação afetuosa que teve com a condessa Potočka, sua nobre compatriota, da mais alta fidalguia polonesa e que foi uma das suas maiores amigas.

Até que ponto chegou essa amizade — eis o que ignoraram até aqui os biógrafos de Chopin. Sabia-se que era uma grande estima recíproca, profunda.

Parece que não se prestou muita atenção ao papel que a nobre polonesa exerceu na vida do músico. O ruidoso caso com George Sand concentrou todas as atenções. E, certamente, o respeito que inspirou a alta linhagem de Delfina, a discreção que Chopin devia manter sobre sua devoção por ela, a ostensiva e absorvente amizade de Jane Stirling, a evocação das desilusões, que lhe deram Constance e Marie, tudo contribuiu para que a condessa Potočka ficasse à distância, na biografia do compositor.

Aliás, não se deu importância nem mesmo a uma revelação feita por ele em Londres, quando disse ao doutor Lyszezynski que desejava restabelecer-se depressa e tornar logo a Paris, para rever uma pessoa que lhe era caríssima...

O médico perguntara-lhe, então:

— George Sand?

Ao que ele respondeu:

— Não, a condessa Potočka.

Agora, sabe-se que o sentimento que ligara, no exílio, os dois poloneses ilustres foi bem maior do que se supunha e muito mais importante, na vida do músico do que outros romances que ficaram célebres, na glória de sua arte.

Após a destruição de Varsóvia — publicou-se recentemente — encontraram-se, nos arquivos carinhosamente guardados pela família de Delfina, cartas comprovadoras de sua amizade-amorosa com Chopin, uma amizade repassada de espiritualismo, de beleza, de ternura.

Quem sabe se aquela dolorosa frase que Chopin, já agonizante,



O túmulo de Chopin, no Père Lachaise, em Paris

(Cont. na pág. 56)



FERNANDO Jacques da Silva, nascido no Pará, "sportman" conhecidíssimo e "radio-writer" dos mais operosos, é, no momento, responsável pela relação de nove programas, entre os quais, "Bom dia, madama", irradiado todos os dias, às 10 horas; "Revelações", apresentado às segundas-feiras, às 20.05 e "Parque de diversões", posto em onda às sextas-feiras às 21.35, todos através da Rádio Globo, da qual é exclusivo. Seu ingresso no "broadcasting" carioca deve-se ao compositor Assis Valente, que o apresentou num conjunto regional como violinista. Também foi "crooner" de outro conjunto e se tem revelado um apreciável comentarista esportivo, uma vez que não torce para os clubes filiados à F. M. F. Pertenceu à aviação comercial, foi cronista teatral e o velho militante no jornalismo, tendo trabalhado na "A Batalha" e em "Diretrizes". Além de redator de programas, Fernando Jacques está fazendo o galã da novela "O carrasco", de Teixeira Pinto, e atuando como narrador de "Pelos caminhos", que a PRE-3 irradia, às 18.20 horas, além de participar de "Rapsódia Carioca". Nascido a trinta de junho de 1916, conta, presentemente, trinta e um anos de idade, doze dos quais dedicados à imprensa. É casado e pai de uma interessante garota chamada Glória Regina, que, por sinal, já falou ao microfone. Prática os esportes, não gosta de passar por baixo de escadas, tem pronto um livro de contos e explora a poesia humorística. Gênio expansivo e folgazão, desconhece o que sejam aborrecimentos. Da preferência à cor branca, em matéria de roupa. É grande amigo do escritor José Lins do Rego, de quem sabe uma série de casos pitorescos. Seu divertimento predileto é o futebol.



JUANITA Castillo surgiu por intermédio de "Papel Carbone". Intérprete de merecimento, cantando com muita alma, seu nome passou a figurar nos planos radiofônicos de Renato Murce. E, quando esse conhecido "broadcaster" lançou, por intermédio da Rádio Nacional, o concurso para a escolha da melhor cantora de música mexicana, Juanita Castillo foi lembrada, embora não aparecesse para fazer a inscrição. Lesse modo, dezenas de candidatas foram passando pelas provas, sem que a vitoriosa de "Papel Carbone" surgisse. Somente na penúltima irradiação, quando o júri já se preparava para dar a decisão final, foi que Juanita Castillo compareceu aos estúdios da PRE-8, a fim de tomar parte no programa, na qualidade de "hors concours". Sua voz agradável, aliada à interpretação perfeita, levaram o júri e o próprio auditório a congratulá-la com as demais concorrentes. Seria injustiça não premiar também a jovem cantora que, indiscutivelmente, se revelou uma "estrela" de primeira grandeza. E a direção artística da Rádio Nacional, num gesto louvável, incluiu-a no seu homogêneo "cast", passando a apresentá-la em seus ótimos programas musicais. Jovem e esbelta, com uma pronúncia perfeita do castelhano, Juanita Castillo adora as composições de Agustín Lara, pela beleza de que as mesmas se revestem. Como exclusiva da PRE-8, toma parte em "Um milhão de melodias", "Nas asas de um clipper", "Programa Luiz Vassalo", além de participar de outras atrações, em que revela seus dotes vocais, cantando boleros e corridos. Quando está livre de compromissos radiofônicos, não perde um bom filme nem deixa de assistir uma boa peça teatral.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

ALMEIDA Franco, nome popular entre os aficcionados de rádio-teatro, é um dos veteranos do "broadcasting" carioca, já tendo trabalhado em quase todas as estações do Rio e nas principais de Minas. Explorando o gênero cômico, sua participação em programas de estilo sertanejo, é das mais apreciáveis, conforme aconteceu na "Hora sertaneja", há muito irradiada pela Transmissora e na qual fazia o "coronel Chico Pitanga". Também nos espetáculos rádio-teatrais, teve desempenho destacado, trabalhando ao lado de Aniz Murad, Teresa Costa, Sérgio Erico, Ernesto Francisconi e outras tantas figuras de relêvo. Participou do "Teatro policial" da PRE-3, animou os programas desse gênero da Cruzeiro do Sul, tomando parte nas novelas irradiadas, além de figurar noutros programas e elaborar "sketches" e cortinas. Recentemente foi vítima de um incêndio, vindo a perder todas as suas economias nesse pavoroso acidente, inclusive trabalhos que elaborara para o microfone. Fora do rádio, exerce funções no comércio e toma parte em teatro de amadores, sendo um verdadeiro batalhador. Almeida Franco já levou a efeito diversas "tournées" artísticas, todas coroadas de sucesso.

LUIS Gonzaga é pernambucano de nascimento. Sua inclinação para a música vem desde a infância, quando acompanhava as noites de festa, ouvindo desafios e cantigas próprias do sertão. Nesse ambiente, acostumou-se a escutar o gemitos da sanfona, instrumento que bolou com sua sensibilidade artística a ponto de começar a estudar seu manejo. Não tardou muito a aprender, tamanha a vontade de que se achava possuído. E, quando pela primeira vez executou uma cantiga no acordeão, Luis Gonzaga experimentou extraordinária emoção, a ponto de, no final do número, estar tremendo feito vara verde. Vindo para o Rio, ingressou no rádio carioca, atuando nos programas de estúdio da Rádio Club do Brasil, onde começou a ganhar popularidade. Entre os cartazes em que tomou parte, figurava "Alma do sertão", programa criado por Renato Murce. Gravando para a Continental, seus discos alcançaram enorme venda, tal a perfeição com que o artista toca o acordeão. Mais tarde, levado por melhor da, tal a perfeição com que o artista toca o acordeão, aí se mantendo até hoje. Entre as composições de sucesso que lançou, destaca-se "Cortando o pau", feita em parceria com J. Portela, ora candidato a vereador no Estado do Rio. No momento o exclusivo da PRE-8 oferece uma "tourné" aos Estados do Sul, nos quais exhibirá suas qualidades de acordeonista e cantor.





Em matéria de louras, Virginia Mayo indisseutivelmente leva a palma. As duas fotos abaixo justificam essa afirmativa. Sua plástica, seu olhar, sua fascinação, desafiam o sangue mais frio. No alto da página, Virginia, quando dava a presente entrevista a Luis Serrano, nosso correspondente especial em Hollywood.



VIRGINIA MAYO

**FOI DESCOBERTA POR
CAUSA DE UM CHAPÉU...**

**A VIRGINIA JONES DE OUTRORA
FOI SIMPLES CORISTA DO "CABA-
RET" DE BILLY ROSE — ACABOU
ARTISTA DRAMÁTICA, EM "OS ME-
LHORES ANOS DE NOSSA VIDA" —
OUTRA VEZ COM DANNY KAYE**

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "A CENA" e "RE-
VISTA DA SEMANA" em Hollywood)

HOLLYWOOD — Setembro — Virginia Mayo pertence a um seleto e glamoroso grupo. E' uma entre outras como Paulette Goddard, Lucille Ball, Virginia Bruce, Jinx Falkenburg e Betty Grable.

Conversar com elas é um prazer. Todas estas pequenas abriram caminho para o sucesso através de sua atuação como Goldwyn Girls em qualquer dos vários filmes produzidos por este mestre dos espetáculos variados que é Samuel Goldwyn.

E assim se expressa Virginia Mayo sobre a situação: — De Goldwyn Girls para o sucesso foi golpe certo para Paulette, Lucille, Betty e outras. Agora, espero que a combinação dê certo também para mim.

A carreira de Virginia está se fazendo em tremenda velocidade. Ela apareceu como protagonista feminina



com Danny Kaye em "Um Rapaz do Outro Mundo" e em "The Kid From Brooklyn", ambas comédias musicais em technicolor de Samuel Goldwyn. Foi a companheira de Bob Hope em "A Princesa e o Pirata", também de Goldwyn. Depois, apareceu simultaneamente em duas películas do mesmo Goldwyn, "Os Melhores Anos de Nossa Vida" e "I Wake Up Dreaming", a primeira com Myrna Loy, Fredric March, Dana Andrews e Teresa Wright e a segunda com o seu velho companheiro Danny Kaye.

— Tudo isso resultou do meu primeiro aparecimento como "Goldwyn Girl" em "Sonhando de Olhos Abertos". Agora, o velho Goldwyn proporcionou-me uma oportunidade de ouro. O resto só depende de mim, — conclui Virginia Mayo. E com carradas de razão, pois o caminho de uma Goldwyn Girl para o sucesso não é tão fácil como dizem os jornais. Goldwyn é um astuto produtor e não arrisca o sucesso de um filme de 2 milhões com uma estrela sem habilidade e experiência que a suportem.

Antes de receber a grande oportunidade, Virginia construiu de baixo o seu negócio — a representação — pois sua educação começou logo que ela foi capaz de ler as primeiras letras. E assim conta Virginia o seu progresso:

— Nasci Virginia Jones, em St. Louis, e fui treinada desde a infância para o palco. Isso foi feito por uma tia por parte de meu pai, que dirige há trinta anos um curso dramático em St. Louis. Aprendi não somente os rudimentos da interpretação, mas também a dançar, cantar, a construir cenários, a desenhar e costurar. Em criança apareci várias vezes no palco em festivais, lá mesmo em St. Louis. Fiz meu curso secundário e tomei parte em muitos espetáculos da escola, inclusive em números de dança. Terminando o curso, ingressei no show de um hotel, onde fiquei algum tempo. Abandonei St. Louis para fazer um ato hípico, numa comédia de Andy Mayo, "Pansy, o Cavalo". Foi nesta época que adotei o sobrenome Mayo. Durante quatro anos percorri o país com a companhia, até que afinal o cavalo foi contratado para o Diamond Horseshoe, o grande night-club de Billy Rose em Nova York. Aí entrou o destino: Billy Rose e um chapéu feito em casa mudaram o curso da minha vida.

E' que Billy Rose, sempre um inteligente conhecedor de talentos, viu possibilidades na encantadora pequena e persuadiu Goldwyn, em visita a Nova York, a apresentar o ato de Pansy. Samuel Goldwyn viu as mesmas coisas que haviam impressionado Rose e convidou Virginia para uma conversa na torre do Waldorf Astoria. E aconteceu que a nervosa Virginia apareceu com um chapéu novo para a entrevista com o grão-duque. O chapéu era de sua própria autoria. Impressionado pela originalidade do chapéu, Samuel Goldwyn perguntou-lhe uma série de coisas sobre ele. Dessa conversa saiu o contrato, e poucas semanas depois, Virginia e sua progenitora estavam instaladas num apartamento de Hollywood.

— Após meses de estudos e ensaios, recebi meu primeiro papel em "Sonhando de Olhos Abertos". E tudo isso foi o resultado daquela conversa sobre o meu chapéu, — afirma Virginia Mayo.

A mais nova estrela de Goldwyn tem 1.61 de altura, prefere sapatos de salto baixo e pesa 51 quilos, peso que ela mantém simplesmente comendo bem. Adora bifes grossos com cebolada, sendo que seu prato predileto no lar é galinha cozida com bolinhos de massa.

Virginia tem cabelos louros naturais e olhos esverdeados, pele alva e fina com bochechas rosadas. Sua distração favorita é o desenho e sua grande fraqueza é recolher cachorros desamparados... Seu cãozinho de estimação, Dinky, vai com ela a todos os lugares em que seja permitida a sua entrada. Embora esteja morando num apartamento de hotel desde que chegou a Hollywood, ela procura ardentemente uma boa casa com terreno suficiente para alguns cães infelizes.

Ela gosta de jóias e tem um amor todo especial por um enorme anel que tem sua pedra de nascimento: topázio (ela é de 30 de Novembro), que cobre falange e falanginha.

Virginia gosta muito de dormir e acha que dez horas por noite a satisfazem plenamente. Não gosta de dormir em quartos pequenos, pois sente-se mal. Dorme de pijama e de janelas abertas.

Ela não fuma, mas gosta de nadar, montar, patinar no gelo e às vezes tem saudades da escola, onde jogava basquetebol. Virginia não aprecia os jogos de futebol mas frequenta corridas de cavalos.

Ela gostaria, se pudesse escolher papéis à sua vontade, de aparecer em comédias como as de Joan Davis e Martha Raye. Seus atores preferidos são Bob Hope, Spencer Tracy e John Garfield, e as atrizes, Katherine Hepburn e Margaret Sullivan. Cêres favoritas: azul e verde, ou azul-esverdeado. E mais uma coisinha: Virginia Mayo desenha seus próprios chapéus. Ela descobriu que isso lhe dá sorte.

★

Virginia Mayo, dona de um olhar dos mais provocantes deste mundo, ex-"Goldwyn Girl", cuja ascensão no cinema foi verdadeiramente meteórica, aqui nos mostra algumas das grandes razões do seu sucesso (e que razões!). Mas, prá que tanta pena, dona Virginia?



mentio Sostanes





ORLANDO
MATTOS

MEU tio Sóstenes era um livre-pensador como existem muitos, um livre-pensador por tolice. Muita gente é religiosa da mesma forma. A vista de um padre o lançava em furores inconcebíveis; ele mostrava-lhe o punho, fazia-lhe figas, e tocava em madeira atrás das costas, o que já indica uma crença, a crença no mau-olhado. Ora, em se tratando de crenças irracionais, cumpre ou tê-las todas ou não ter nenhuma. Eu que sou também livre-pensador, isto é, um revoltado contra todos os dogmas que o medo da morte inventou, não me encolerizo contra os templos, sejam eles católicos romanos, protestantes, russos, gregos, budistas, judeus ou muçulmanos. E depois, eu tenho cá o meu modo de os considerar e explicar. Um templo, é uma homenagem ao desconhecido. Quanto mais o pensamento se alarga, mais o desconhecido diminui, mais os templos se desmoronam. Mas, em vez de meter-lhes incensórios, eu nêles colocaria telescópios e microscópios e máquinas elétricas. Aí está!

Meu tio e eu discordávamos em quase todas as questões. Ele era patriota, eu não o sou, porque o patriotismo é ainda uma religião. O patriotismo é o ovo das guerras.

Meu tio era maçom. Quanto a mim, declaro os maçons mais tolos do que as velhas carolas. Esta é a minha opinião e eu a sustento. A ter uma religião, a antiga me bastaria.

Aquêles pândegos não fazem mais do que imitar os curas. Eles têm por símbolo um triângulo em vez de uma cruz. Têm igrejas que chamam Lojas, com uma porção de cultos diversos: o rito escocês, o rito francês, o Grande Oriente, uma série de palhaçadas de estourar de riso.

Depois, que é que eles querem? Auxiliarem-se uns aos outros coçando-se mutuamente a palma das mãos? Não vejo mal nisto. Puseram em prática o preceito cristão: «Socorrei-vos uns aos outros». A única diferença está na cócega. Mas valerá a pena fazer tanta cerimônia para passar uns cobres a um pobre diabo? Os sacerdotes, para quem a esmola e o socorro são um dever e um ofício, traçam no cabeça de suas epístolas três letras: J. M. J. Os maçons, esses, pingam três nentinhos na cauda de seus nomes. Aí, compadres!

Meu tio me respondia: «Justamente, nós erguemos religião contra religião. Nós fazemos do livre-pensamento a arma que matará o clericalismo. A Franco-Maçonaria é a cidadela onde estão engajados todos os demolidores de divindades».

Eu retrucava: «Mas, meu bom tio (no fundo eu dizia: «velha cavalgada»), é justamente isto o que eu vos censuro. Em vez de destruir, organizais a concorrência: isso faz baixar os preços, apenas. E ainda se não admitísseis entre vós senão livre-pensadores, eu compreenderia; mas recebeis todo o mundo. Tendes católicos em massa, até cabeças do partido. Pio IX foi um dos vossos, antes de ser papa. Se chamais, a uma Sociedade assim composta, de cidadela contra o clericalismo, eu acho-a bastante fraquinha, a vossa cidade.»

Então o meu tio, piscando o olho, acrescentava: «A nossa verdadeira ação, a nossa ação mais formidável se efetua no terreno político. Nós executamos um trabalho de sapa, de um modo contínuo e seguro, contra o espírito monárquico».

Desta vez eu explodia: «Sim senhor! Mas que finórios, hein?! Se o senhor disser que a Franco-Maçonaria é uma fábrica de eleições, eu concordarei; que ela faz as vezes de máquina eleitoral para os candidatos de todos os matizes, nunca o neguei; que ela não tem outra função senão engambelar o bom do povo, fazê-lo ir à urnas como se envia ao fogo a soldadesca, serei da sua opinião; que ela é útil, indispensável até, a todas as ambições políticas, porque transforma cada um de seus membros em cabo eleitoral, eu bradarei: «E' claro como a luz do dia!» Mas quando o senhor me vem dizer que ela serve para sapa o espírito monárquico, com licença, eu rio-lhe nas barbas.

«Considere um momento essa vasta e misteriosa associação democrática, que teve por grão-mestre, na França, o príncipe Napoleão, durante o Império; que tem por grão-mestre, na Alemanha, o príncipe herdeiro; na Rússia o irmão do Tzar; de que fazem parte o rei Humberto e o príncipe de Gales; e todos os côcos coroados do globo!»

Diante disto, o meu tio me segredava ao ouvido: «E' verdade; mas todos esses príncipes auxiliam os nossos planos sem o suspeitar».

— E reciprocamente, não?

E eu acrescentava com os meus botões: «Cambada de imbecis!»

E era de ver, o meu tio Sóstenes, quando ele convidava um maçom para jantar.

Encontravam-se e tocavam as mãos com um ar misterioso, para lá de divertido; percebia-se que eles se entregavam a uma série de pressões secretas. Quando eu queria enfurecer meu tio, era só lembrar-lhe que os cachorros também têm um modo todo maçônico de se reconhecerem.

Depois o meu tio carregava o seu amigo para os cantos, como para lhe confiar coisas consideráveis; depois, na mesa, frente a frente, eles tinham um modo de encarar-se, de cruzar os olhares, de beber com uma olhadela significativa, assim como quem diz: «Nós somos dos tais, hein!»

E pensar que eles são assim aos milhões sobre a face da terra, a divertirem-se com tais maçaquices! Palavra! eu preferia ser jesuíta.

Ora, havia em nossa cidade um velho jesuíta que era a hêsta negra de meu tio Sóstenes. De cada vez que o encontrava, ou apenas o avistava de longe, ele murmurava: «Aí, crápula!» Depois, tomando-me o braço, segredava-me ao ouvido: «Tu veras que aquele cretino ainda um dia me há de fazer das suas. Eu o pressinto.»

Meu tio dizia a verdade. E eis como a coisa veio a acontecer, por culpa minha.

Aproximava-se a Semana Santa. Meu tio, então, teve a idéia de organizar uma ceia para quebrar o jejum da Sexta-Feira da Paixão, uma verdadeira comezaina, com chouriços e salchichões. Resisti o mais que pude; dizia-lhe: «Eu comerei carne como sempre, nesse dia, mas sózinho, em minha casa. E' idiota, essa demonstração. Para que fazer demonstrações? Em que podera acomodar que os outros não comam carne?»

Mas meu tio fincou pé. Convidou três amigos para o bródio, no primeiro restaurante da cidade; e como era ele quem pagava, eu não me recusei, tampouco, a participar daquela pública manifestação.

Desde as quatro horas, ocupávamos um lugar em evidência no café Penélope, o mais bem frequentado, e meu tio Sóstenes, com uma voz forte, pormenorizava o nosso menu.

As seis horas pusemo-nos à mesa. As dez horas, comia-se ainda e havia-se bebido, entre os cinco, dezoito garrafas de vinho fino, mais quatro de champanha. Então meu tio propôs o que ele denominava «A Inspeção do Arcebispo». Eram colocados em fila, diante de cada um, seis pequenos copos com diferentes licores; depois era preciso esvaziá-los em seguida um após outro, enquanto um dos assistentes contava até vinte. Era estúpido; mas meu tio Sóstenes achava que «as circunstâncias o requeriam».

As onze horas, ele estava bêbedo como uma cabra. Foi preciso levá-lo de carro e metê-lo na cama, e já se podia prever que a sua manifestação anticlerical ia virar numa formidável indigestão.

Quando eu voltava para casa, também borracho, mas de uma embriaguez alegre, eis que uma idéia maquiavélica, e que satisfazia a todos os meus instintos de cepticismo, me atravessou o cérebro.

Ajustei a gravata, tomei um ar desesperado, e fui bater como um furioso à porta do velho jesuíta. Ele era surdo; fez-se esperar. Mas como eu abalava toda a casa a pontapés, apareceu enfim à janela, de carapuça de algodão, e indagou: «Que querem de mim?»

Eu gritei: «Depressa, depressa, reverendo, abra! é um doente desenganado que reclama o seu santo ministério!»

O bom do homem vestiu às pressas um par de calças e desceu sem batina. Contei-lhe, com uma voz arquejante, que o meu tio, o livre-pensador, acometido de um mal súbito que fazia prever uma grave enfermidade, fôra tomado de um grande pavor da morte, e desejava vê-lo, conversar com ele, escutar seus conselhos, aproximar-se da Igreja, e, sem dúvida, confessar-se, depois comungar, para dar, em paz consigo mesmo, o tenebroso passo.

E acrescentei, num tom de superioridade: «Final, ele assim o quer. Se bem não lhe faz, também não lhe fará mal nenhum».

O velho jesuíta, aturdido, encantado, trêmulo, me disse: «Espera um momento, meu filho, enquanto eu vou vestir-me.» Mas eu acrescentei: «Perdão, meu reverendo, eu não o acompanharei, minhas convicções não o permitem. Até mesmo me recusei a vir procurá-lo; assim, eu lhe peço que não confesse ao meu tio que falou comigo; diga-lhe que foi avisado da sua doença por uma espécie de revelação».

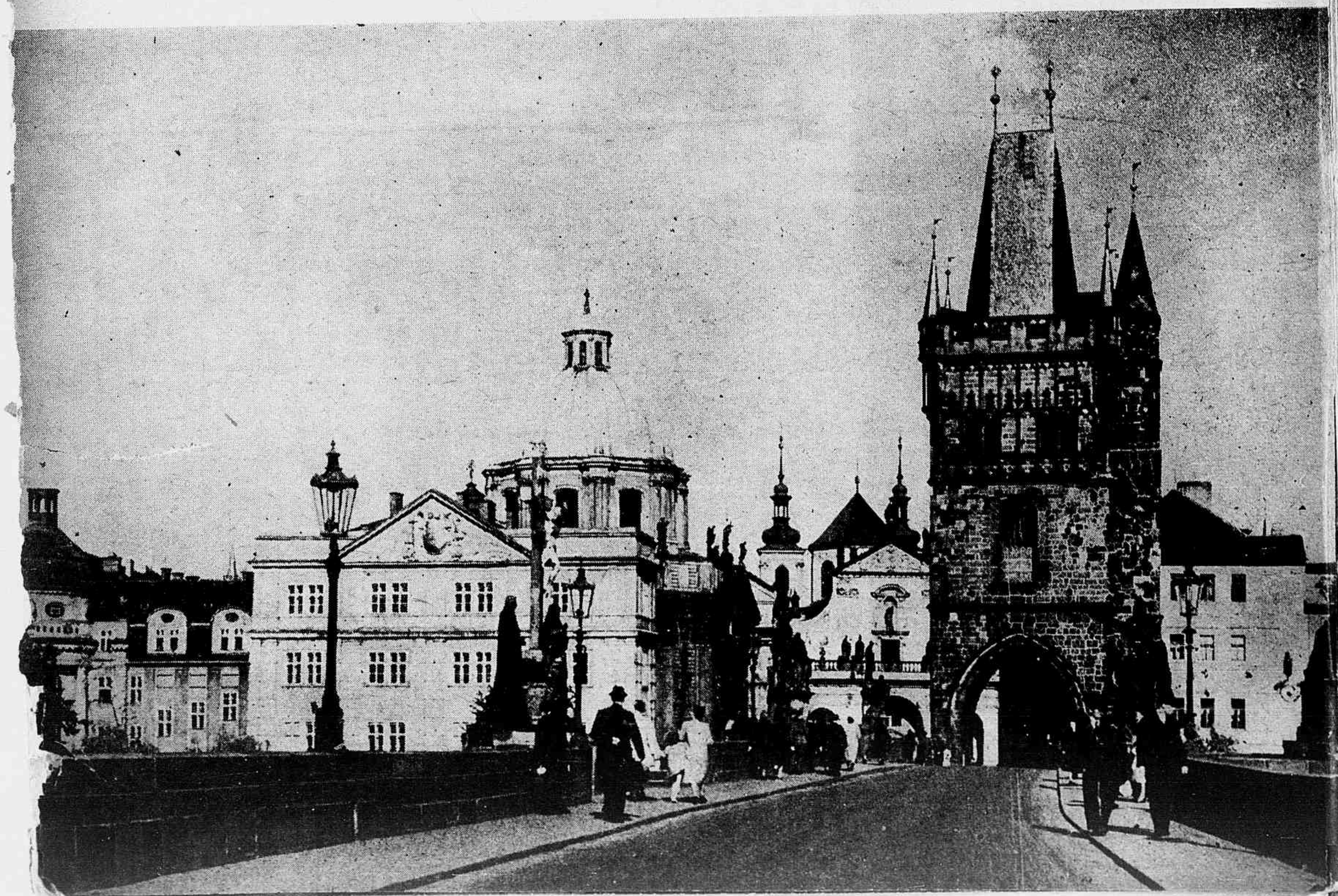
(Cont. na pág. 58)

Conto de GUY DE MAUPASSANT

Ilustração de ORLANDO MATTOS



Ao alto: Vista geral de Praga, capital da República da Checoslováquia. Em baixo: Aspecto parcial da cidade de Praga, velha capital checa.



DE CEMITÉRIO INDUSTRIAL A UM DOS PAISES MAIS RICOS DA EUROPA

A RECONSTRUÇÃO DA CHECOSLOVÁQUIA — À FRENTE DA PRODUÇÃO A INDÚSTRIA DE CALÇADOS "BATA" — O POVO E A JUVENTUDE UNIDOS NO GIGANTESCO LABOR EM PRÓL DO SOERGUIMENTO DO PAÍS — O RESULTADO DA NACIONALIZAÇÃO DE MÚLTIPLAS EMPRÊSAS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS.

Reportagem de NELSON VAINER (Enviado especial de "REVISTA DA SEMANA" à Europa)

PRAGA — Setembro (Pelo "Bandeirante", da Panair do Brasil, via Paris) — Estou pela segunda vez em dois meses na Checoslováquia e, pela segunda vez, estou maravilhado com o progresso desta nação. Se víssemos atualmente numa era de milagres, estaria eu inclinado a acreditar que neste país, cujo isolamento do resto do mundo não começara com a segunda guerra mundial, mas um ano antes, com a ocupação alemã, está se operando um grande milagre — um milagre ímpar na história da reconstrução da Europa desde a sua libertação do jugo nazi-fascista.

Em 1946, o governo checo pôs em execução um plano bienal, destinado ao soerguimento total da indústria e comércio. Esse plano terminará em fins de 1948, mas desde já se notam seus frutos. E esses frutos tornaram a Checoslováquia o país mais invejado da Europa.

Um jornalista estrangeiro, que pretenda escrever algo sobre a reconstrução deste país saqueado pelos nazistas, não terá necessidade de se dirigir aos departamentos de informações oficiais. Ele verá tudo com os próprios olhos, verificará a cada passo que o povo checo não está de braços cruzados e que o



Em cima: Jovens checos, em uma festa patriótica. Em baixo: O grande democrata dr. Eduardo Benes, presidente da República da Checoslováquia, em seu gabinete de trabalho. O ilustre estadista reside num castelo no qual em tempos idos residiam os reis da antiga Boêmia.





país floresce sempre, de dia para dia, ao passo que outras nações européias, quicá com maiores possibilidades, fenecem na miséria e na desorganização.

UM CEMITÉRIO QUE RESSUSCITA...

"Depois da guerra herdamos um verdadeiro cemitério industrial", — declarou recentemente o ministro checo da Indústria, sr. Lauchmar — "mas conseguimos por de pé uma nova indústria capaz de satisfazer as nossas necessidades".

Com efeito, a indústria checa satisfaz totalmente as necessidades do seu povo e ainda exporta para o exterior parte da sua produção. "Nós exportamos praticamente os nossos produtos para o mundo inteiro e, ao mesmo tempo, suprimos os nossos próprios mercados com tanta produção quanto necessitamos" — declarou recentemente o sr. Hubert Ripka, ministro do Comércio Exterior.

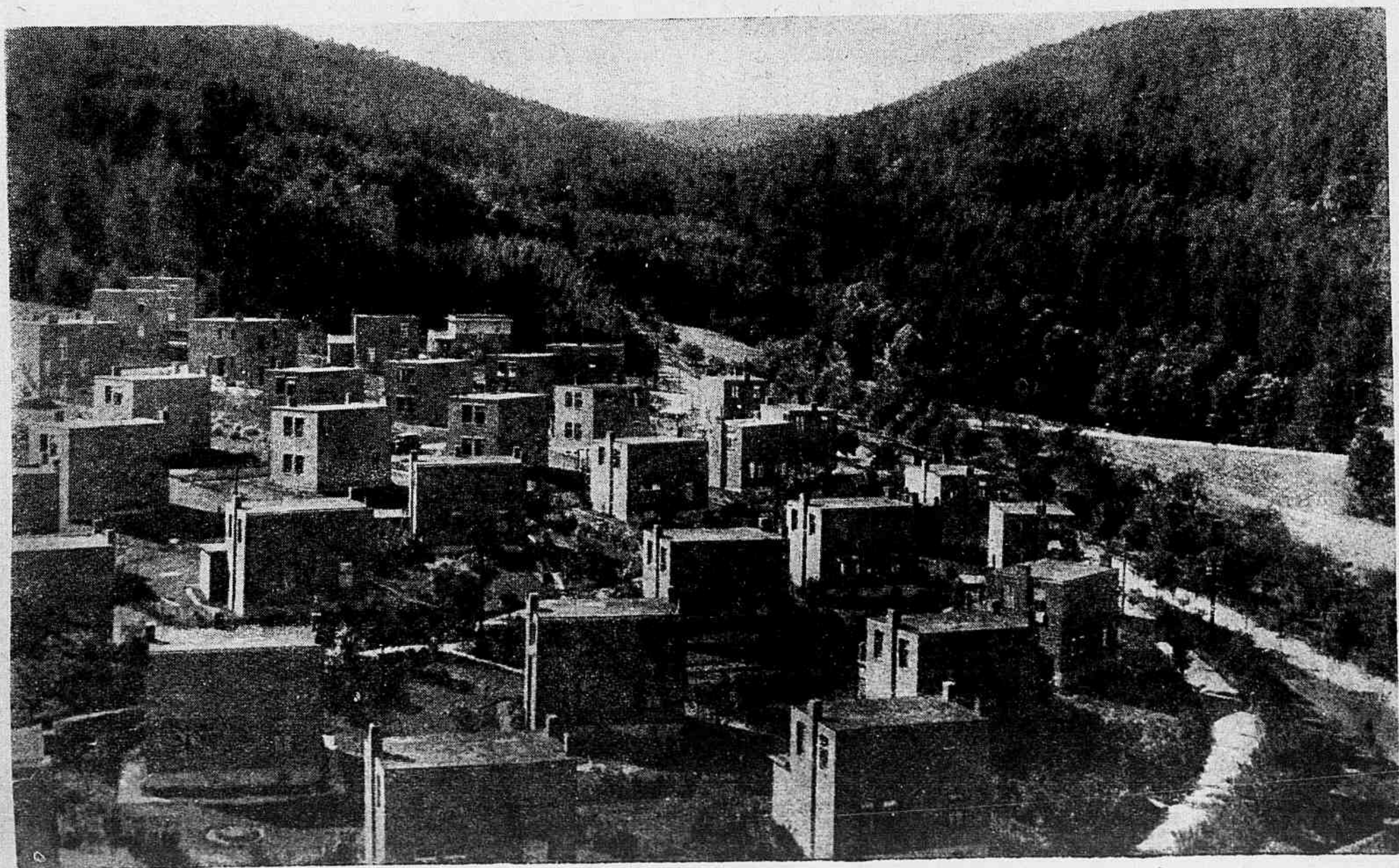
Em fins de 1948, encerrando-se o prazo do plano bienal, a indústria e a agricultura checas terão uma produção igual à de 1937. Na Eslováquia, dos 220.000 prédios destruídos, 125 mil serão reconstruídos. Enfim, o nível de vida após a conclusão do plano bienal, voltará a ser o mesmo de antes da guerra.

No momento que passa, a vida na Checoslováquia, comparada à da França, é um verdadeiro paraíso. As vitrinas de todas as lojas estão repletas de mercadorias, que são adquiridas por preços acessíveis a todas as bolsas. Em matéria de comestíveis não falta nada.

A INDÚSTRIA "BATA" A FRENTE DA PRODUÇÃO CHECA

A indústria de calçados "Bata", cujo

Ao alto: Praga moderna: nos subúrbios da velha capital checa, se nota construções moderníssimas, edifícios de cimento armado e muitos andares. Em baixo: O povo checo procura resolver o problema universal da habitação, construindo pequenas casas residenciais para operários. Todas têm o seu jardim e recebem sol.





A esquerda: A cerâmica é uma das artes mais desenvolvidas da Checoslováquia. Eis uma amostra da exposição do artista nacional, F. Kostka. À direita: Uma aldeia checa pintando ovos para a Páscoa, uma das mais velhas tradições dos povos eslavos que, com a evolução, está ameaçada de desaparecer.

ex-dono, hoje brasileiro naturalizado, há pouco foi julgado "in absentia", sob acusação de colaboracionismo, é uma das empresas que estão sob o controle do Estado, na Checoslováquia, e está tão desenvolvida, que sua produção ultrapassa de 10 por cento a de 1937! A indústria "Bata" possui inúmeras filiais desmontáveis. A matriz das vendas se acha situada à Praça São Valcav, sendo sua venda diária enorme. As oito horas da manhã, o grande "magazin" abre as portas, em cuja frente já se encontram grandes filas. Durante o dia todo a fila não se acaba, serpenteia sempre e nenhuma pessoa se retira sem ser servida. O estoque de calçados parece inesgotável. Fácil de compreender, pois os salários dos operários aumentaram consideravelmente e o preço dos calçados foi reduzido. A redução varia entre 20 e 25%!

Como a indústria "Bata", várias outras empresas industriais e comerciais foram controladas pelo Estado, o que vem contribuindo, de maneira eficiente, para o progresso do país. E que progresso! Em 1945 a Checoslováquia, ligando-se novamente ao resto do mundo, importara toneladas e toneladas de mercadorias de toda ordem. Em 1946, ela importou cinco vezes mais que no ano anterior, mas exportou sete vezes

mais! Sua importação se limita somente a matérias primas. No ano passado, porém, ela se viu obrigada a importar também comestíveis. Quanto ao começo deste ano, a sua importação e exportação já a coloca entre os países mais ricos da Europa.

A JUVENTUDE E O POVO CHECO

Quando se medita sobre o rápido progresso da Checoslováquia, procurando a verdadeira causa do mesmo, torna-se mister lançar o primeiro olhar sobre o povo deste país, que representa um mito de passado e presente, como, também, sobre a juventude checa, que representa o presente e futuro.

O fator povo, na Checoslováquia, é o primeiro que deve ser levado em consideração. Homens de boa vontade, trabalhadores e disciplinados, os checos compreenderam logo que chorar sobre as ruínas do seu país de nada adiantaria. Era preciso mexer-se, trabalhar, produzir. E foi o que fizeram logo depois da libertação, e o continuam fazendo com entusiasmo invulgar. O povo checo pode, com justo orgulho, levantar a cabeça diante dos demais povos europeus e dizer-lhes, sem hesitar, que não teme o próximo inverno, que tanto faz tremer de medo o povo fran-

cês, o inglês e outros. A aproximação do inverno representa um espectro para os povos europeus. "Que vamos comer neste inverno?" — tal pergunta aparece quase diariamente na imprensa parisiense, quer como título de artigos de fundo, quer como comentários, advertências, ironias, tópicos nas colunas dos jornais, com os quais os jornalistas criticam o governo do sr. Ramadier. Quanto à Inglaterra, falamos com dezenas de ingleses, os quais nos afirmaram que a situação na Inglaterra é não só pior que da França, onde a vida é muito difícil, mas quase desesperadora. No entanto, o povo checo não tem razões para temer a aproximação do inverno. Ele terá trabalho, boa remuneração e poderá adquirir tudo de que tiver necessidade.

O comportamento da juventude checa é de tão alta significação que não me furto a louvá-la. É na verdade edificante e magnífico. São jovens que encaram a situação com olhos de homens feitos e não com a frivolidade e a irreflexão dos que se acham nos primeiros degraus da existência humana. Solidários com os homens de meia idade, e com os velhos, que empregam todos os seus esforços numa labuta hercúlea para pôr de pé o país que durante tantos anos só viu miséria, saque, destrui-

ção e morte, os jovens checos, estudantes de escolas, ginásios e institutos de ensino superior, se oferecem voluntariamente para trabalhar algumas horas por dia onde lhes apraz. Essa contribuição diária, em todos os pontos do país, é tão grande que ela se faz sentir bastante no programa de soerguimento nacional.

O ÓDIO AOS ALEMAES

O viajante que visitar a Checoslováquia deverá falar qualquer língua do mundo, menos a germânica. Os checos sentem um ódio de morte aos alemães — a todos, sem exceção! Falando sobre os "boches", os checos argumentam que todo o povo alemão é culpado pela desgraça do mundo, pois endossara a política de Hitler, que, desde o advento desse caporal-pintor austriaco ao poder, era uma política de guerra. Portanto, nem a língua alemã querem ouvir...

Um exemplo desse ódio até à língua alemã, está na mudança de nomes. A cidade de Carlsbad, famosa no mundo inteiro como centro onde se curam as doenças de estômago, fígado, etc., tem hoje um nome checo. Chama-se Karlovy Vary. Marienbad, cidade não menos famosa que a primeira, chama-se hoje Mariánské Lázně e, finalmente, Joachimstal foi substituído por Jáchymov.

— Toque outra, seu Lara, que o patrão mandou pedir!

E o velho Lara, negro retinto com o cabelo começando a branquear, deitou a cabeça sobre a cordeona e os dedos calosos se tornaram ágeis tocando aquela rancheira alegre que enchia o galpão. O pessoal ficou escutando, em silêncio, que o gaiteiro como aquele era raro nos dias de hoje e nem sempre o velho aparecia por aquelas bandas. E quando aparecia, não se mostrava nunca com vontade de tocar alguma coisa. Não porque tivesse deixado a cordeona em casa, como se desculpam os gaiteiros rogados quando andam pelos corredores e chegam nalguma estância. Não por isso, que o velho Lara não deixava sua cordeona em parte nenhuma. Não tinha casa onde deixar, que o seu rancho há muito virara tapera. Há muito, há muito tempo! Há tanto tempo que nem ele mesmo sabia quantos anos haviam passado desde a última noite em que dormira sob o tecto de santa-fé. O seu rancho... Mas que rancho? Já quase não lembrava que um dia fizera um rancho lá pelas coxilhas do Caverá, um rancho bonito e caprichado, bem na beira do mato, perto de uma sanga que não secava nunca, nem em mês de fevereiro. Aquilo tudo já estava sumido no esquecimento. No esquecimento, não! Na tristeza.

E a música alegre que enche o galpão sossegado onde ninguém fala a não ser a gaita, a música que sai vibrante e ligeira como uma risada de mulher faceira dos dedos nodosos e já cansados do velho Lara, que brota como por encanto de dentro daquela cordeona tão velha como o dono e que enche os quatro cantos do galpão grande e escuro, que enche o tecto, escapa pelas portas largas, pelas janelas e vai bailar no campo escuro junto com os vagalumes inquietos e que depois volta e entra pelo jardim bem cuidado das casas, pelas janelas iluminadas da sala e vai alegrar o patrão, a filha do patrão e todo o resto da família, essa música é a maneira do velho Lara falar.

A música vai e vem, mais alegre, mais forte, depois mais serena, mais triste, até morrer quando o velho fechava a gaita e os seus dedos se imobilizavam.

Não era seu costume tocar em qualquer parte onde chegasse. Um dia, até resolvera perder o hábito de carregar a cordeona ensacada, na garupa do cavalo, só para que a peonada não começasse a pedir, só para que a gente que ele fosse encontrando pelo caminho não insistisse por uma polca, por uma rancheira ou por um tango.

— Ah! O senhor é gaiteiro? Então toque alguma coisa!

— Eu não gosto de tocar quando ando de viagem.

— Ora! Mas isso é superstição?

— Não. É coisa minha.

— Mas, por que?

Toque outra!

— Não sei. Carrego a cordeona porque não gosto de deixar por aí, em qualquer parte, uma coisa que é minha. Depois eu ia ficar pensando que alguém tava botando as mãos nela. E mesmo, eu não tenho lugar nenhum onde deixar essa minha cordeona. Por isso é que ela anda sempre comigo, apesar de eu não tocar pra ninguém. Já cruzou passos, já atravessou picadas, já foi a Vião, já foi a São Sepé, já foi a Rosário, a Livramento, já fez todas as viagens que eu fiz desde moço.

— Então é muito velha essa gaita?

O velho Lara fazia um sorriso.

— Velha? Talvez...

E ele passava a mão calosa por sobre os cabelos já quase totalmente brancos.

— Mas toque! Nem que seja uma!

— Não.

O pessoal se afastava, resmungando, brabos com a negativa firme e imutável do velho gaiteiro.

— Ele tá se fazendo de rogado? Pensa que vale muito!

Por isso é que o velho Lara fizera o possível para perder o costume de carregar a cordeona junto com ele. Tinha horror de tocar por aí, pra qualquer um ouvir, com a mesma indiferença com que se ouve um grito de quero-quero. Até que aos gritos de quero-quero a gente das estâncias presta mais atenção, pois quer dizer que está chegando gente e a comida tem de ser aumentada. O que ele tocava não passava, para os outros, de uma música muito qualquer, que servia apenas para um ballongo arranjado às pressas entre a peonada e o pessoal da cozinha, o pessoal do capataz e mais alguma moça que andasse de visita pela estância. Para isso é que servia a sua cordeona. Só para o pessoal dançar! Para escutar não, era só para que os outros escutassem que ele tocava. Já não gostava mais de tocar e ouvir sua música se mis-

turando com o arrastar dos pés da peonada, com o ruído das botas, das alpercatas e das chinelas.

Tocar pra que? Pra peonada dançar? Pra entrar a música por um ouvido e sair pelo outro, aquela música que saía de dentro de sua alma cansada e triste? Não valia a pena! E por isso, no fim, todos o chamavam de rogado, de convencido. Mas podiam chamar. Ele não tocava e pronto!

Estava tocando agora, ali dentro daquele galpão escuro, porque o "seu" Honório pedira e porque ali, no meio daquela peonada, havia muitos conhecidos. Para esses sim, ele tocava. Esses sabiam sentir o que ele sentia, ficavam em silêncio quando seus dedos iam apertando os botões da cordeona. Esses não riam como os outros, quando alguma lágrima afoita fugia dos seus olhos e ia sumir na barba escura e emaranhada.

— Agora, uma coisa mais alegre, seu Lara. Essa começou alegre, mas terminou triste. Foi o que a filha do patrão mandou lhe dizer.

— Mais alegre? — pensou o gaiteiro.

— Essa terminou triste? E o que é que não termina triste na vida da gente? Tudo começa alegre. Comigo foi a mesma coisa. Começou alegre como essa rancheira que eu toquei, mas depois enveredou para o lado da tristeza. Tudo o que eu tinha, de alegre, foi ficando triste: a mulher, o filho, o rancho, o coração, a vida, até a cordeona entristeceu. E o que é que não termina assim, triste de fazer a gente chorar? Nada! O começo sempre é bom, o fim nunca. É por isso que muita gente não gosta de escutar o que eu toco.

— Mas eu tenho de deixar de pensar nessa minha tristeza, senão a música vai sair triste e eu sei que quando ela é assim, todos os que ficam escutando entristecem também. Já che-

ga eu pra ser triste! Não posso reparar com os outros tudo o que sofri. Preciso pensar numa coisa alegre. Qual? Pode ser aquele dia em que conheci a Consuelo. Foi no baile de São João, debaixo de umas ramadas que havia na casa do "seu" Inocêncio. Eu era o gaiteiro. Naquele tempo eu vivia nos bailes, tocando sempre, que pro baile ter entusiasmo tinha de ser eu o que tocasse. Faziam questão e eu não me negava. Era alegre e gostava de estar no meio da alegria. Foi assim, tocando uma música bem alegre, que quando levantei a cabeça encheram os olhos de Consuelo, grudados em mim. Quem era? Eu não sabia, mas logo dei jeito de saber. Da mesma noite em diante, quem tocou foi outro e eu dansei com ela até que o dia clareou e a cavallhada começou a relinchar ao longo do gramado do pátio. O baile, seu! Valeu por todos que eu não assisti!

— Agora sim, seu Lara! Agora a cordeona tá que é vê uma mulher se rindo!

— "... e a risada da Consuelo depois do primeiro beijo... e o segundo beijo, depois da risada, e os outros beijos, lá sob o pé de angico da casa do seu Inocêncio. E a vida dos dois no rancho de santa-fé. Aquelas noites brancas de luar, em que ele estendia os pelécos debaixo da figueira brava e os dois ficavam ali, em silêncio, olhando para o alto. Tempo bom! Mais do que bom! Mas foi o começo, por isso mesmo é que foi alegre. O fim não foi desse jeito. Foi triste como todos os fins..."

— Já tá o velho Lara, choramingando na gaita!

— Patrão!

O velho parou no meio de uma toada triste.

— Perdoe, patrão, mas negro velho é assim mesmo. Garra a pensá nos outros tempos e vai entristecendo, e, sem querer, a música entristece também. É sina da gente andar triste depois de velho. A vida é comprida... E quanto mais comprida, mais triste.

E o Lara passou as mãos pelos cabelos quase brancos, como se todos os anos que vivera estivessem marcados em cada fio alvo e enroscado.

— O que passou, passou. O senhor não deve ficar pensando naquilo toda a vida!

— E o patrão acha que aquilo foi pouco? O patrão acha que se o mesmo acontecesse, o senhor ia esquecer logo em seguida, ou mesmo, depois de anos e anos? Eu sei que o senhor tá dizendo isso pra ver se eu esqueço, se largo de pensar naquele tempo, mas não adianta. Parece mentira, mas já me acostumei com a tristeza. Me acostumei tanto com ela, como me acostumei a carregar minha cordeona nas tropeadas e nas viagens. Tudo se faz costume, depois de

Conto de Tereza de Almeida ★ Ilustração de A. Pacheco

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE
DE "REVISTA DA SEMANA"

um certo tempo. A mulher é como a cordeona ou como o cigarro. Tudo está em começar. Depois se torna vício e, se a gente larga dela ou ela da gente, parece que o mundo está acabando ou que a gente vai morrer. O senhor acha, patrão, que ela não valia a pena? Acha que tudo isso, a minha tristeza, a vida que eu levo, por estas estradas, caminhando atôa, fugindo de uma coisa que eu não sei o que é, mas que sempre anda comigo, o talcho feito tapera só prá outra não ir morar lá, caso eu fraquejasse, o senhor acha que tudo isso não vale aquela mulher? Pois eu le ligo que vale! Vale muito mais! Vale todas essas músicas que eu toco por aí, campo fora, quando ando de viagem, que tiro a cordeona do saco, largo as rédeas do matungo e começo a tocar qualquer coisa que saí de dentro de mim, qualquer coisa bem triste como essa minha vida vazia. Muita gente já me encontrou na estrada, noite escura, e pensou que eu era louco, porque andava enchendo o campo com a música da minha tristeza. Mas esse é o único meio de aliviar a dor que eu tenho por dentro. Já era tempo de ter esquecido, mas quando a gente gosta mesmo, quando é que se esquece? Nunca! Nunca! Se não, eu também já tinha esquecido. Esquecer... mas esquecer de que jeito, se sempre que eu pego nessa cordeona, a Consuelo me aparece linda como naquele baile em que nós dois se runhecêmo, rindo prá mim como ela ria antes, estendendo os braços, me atirando um beijo com a ponta dos dedos? Esquecer de que jeito, se até hoje eu me lembro do dia em que ela se foi? Se me lembro daqueles olhos grandes, parados, tristes, como se estivesse dentro deles toda a tristeza que eu estava sentindo? Esquecer, como? Quando tudo terminou, eu cheguei a pensar que aquele sofrimento tão grande tinha de passar, que era impossível viver sofrendo tanto, que ou eu morria ou o tempo se encarregava de aliviar tudo, de levar a minha dor, como levou a Consuelo, como levou o meu filho, como levou tudo! Tudo! Até o meu rancho, até o campinho que era meu! Tudo! Só não levou essa minha cordeona e a minha tristeza, que era grande demais para se ir com os anos. Esquecer? De que jeito, patrão?"

E o velho Lara encarou o dono da estância que conhecia toda a sua vida e dos seus olhos apagados duas lágrimas vieram rolando pelas rugas profundas do rosto.

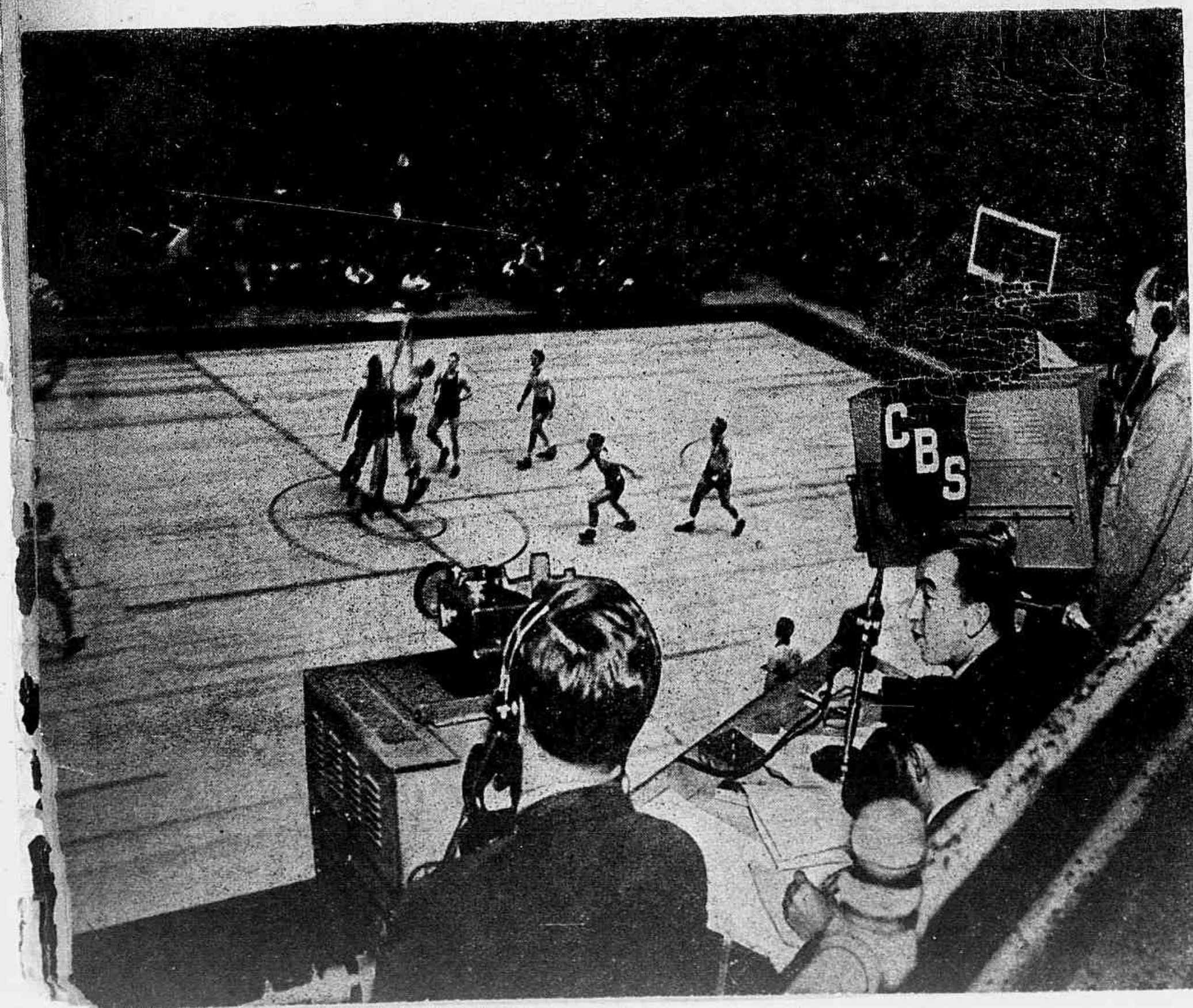
A filha do patrão, que chegara ali na janela estreita, falou na sua voz clara e alegre:

— Por que é que parou, seu Lara? Toque outra!





Ao alto: Transmissão de um "ballet" pela estação da BBC, em Londres. Em baixo: A estação WCBW, de televisão, transmite um dos acontecimentos esportivos diários de Nova York, — um jogo de basquetebol, entre as equipes que lutam pelo campeonato nacional, no Madison Square Garden. (Foto do magazine "Television").



A TELEVISÃO MATARÁ O CINEMA

EM PLENO DESENVOLVIMENTO, TANTO NA
INGLATERRA — COMO OPINAM
DUAS FIGURAS DESTACADAS DO MUNDO
— NOS ESTADOS UNIDOS, HAVERÁ DE
A 375 MIL ESPECTADORES

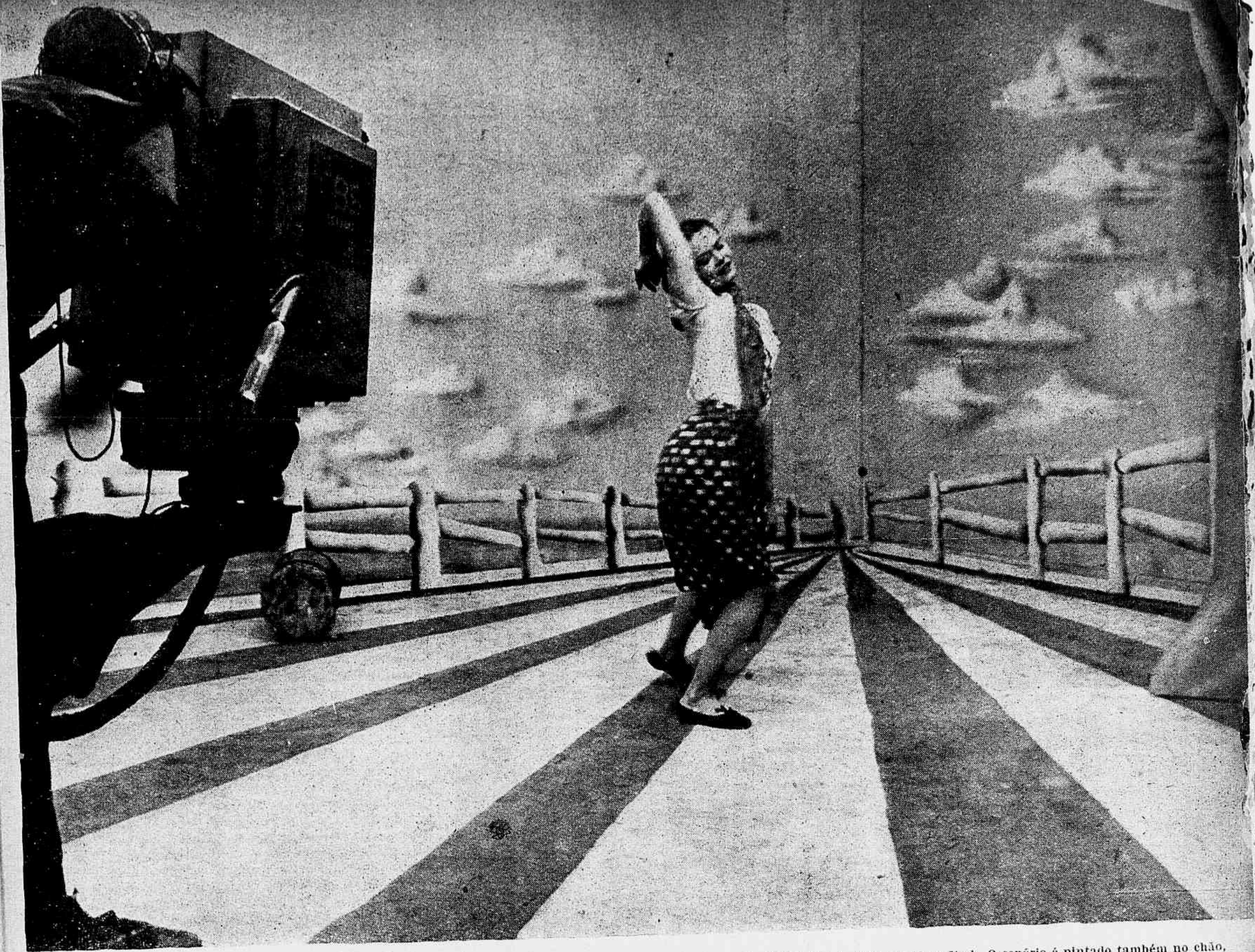
A televisão esta em pleno desenvolvimento, tanto na Inglaterra, como nos Estados Unidos. A preocupação de quem adquire, hoje, um aparelho de rádio, em qualquer daqueles países, é obter um aparelho que possa captar, também, os programas de televisão. Esses programas mostram um pouco de tudo: o presidente Truman, passando em revista os cadetes de West Point, o enterro do ex-prefeito La Guardia, a última luta de Joe Louis, uma entrevista de Marlene Dietrich sobre modas, um pequeno drama de mistério, a inauguração da temporada do Metropolitan Opera House e um novo "ballet" lançado por Agnes de Mille em um dos "shows" da Broadway. A televisão incorporou-se, assim, à realidade quotidiana. Não espanta a mais ninguém.

A NBC e a CBS, de Nova York, têm seus programas regulares, a horas regulares, — e a mesma coisa faz a BBC, em Londres. Dentro de um ano, haverá nos Estados Unidos de 300.000 a 375.000 espectadores de televisão.

Uma questão, porém, surge agora: não irá a Televisão matar ao cinema, agora que vem juntar a imagem

ao som, à imagem?
Trata-se de uma questão interessante, pois dois fatores entram em jogo. Um deles é o cinema. Nos Estados Unidos, o cinema tem sido muito afetado pela televisão. Mas, por outro lado, a televisão também tem sido afetada pelo cinema. A questão é: qual dos dois meios de comunicação vai prevalecer?

— "A cabeça da televisão não pode viver sem o cinema. Não é o cinema que vende o cinema, é a televisão que vende o cinema."



Ao alto: A transmissão de um número de "ballet", na estação WCBS-TV, da CBS, em Nova York. O cenário é pintado também no chão, em perspectiva, pois a câmera registradora aproveita todos os detalhes, com uma espantosa mobilidade. (Foto do magazine "Television"). Em baixo: Detalhe de uma entrevista pela televisão, em Londres, no Alexandra Palace, Estação da BBC.

A TELEVISÃO O CINEMA?

VIMENTO, TANTO NOS ESTADOS UNIDOS,
— COMO OPINAM, SOBRE A TELEVISÃO,
CADAS DO MUNDO CINEMATOGRAFICO
OS, HAVERÁ DENTRO DE UM ANO, DE 300
ESPECTADORES DE TELEVISÃO.

ento, tanto na
A preocupação
elho de rádio,
aparelho que
televisão. Esse
o presidente
West Point, q
na luta de Jos
sobre modas,
ração da tem
um novo "bal
os "shows" da
m, à realidade
a.

us programas
na coisa faz
verá nos Esta
dores de tele

o irá a Televi
ntar a image

ao som, assim como o cinema falado juntou o som à imagem?

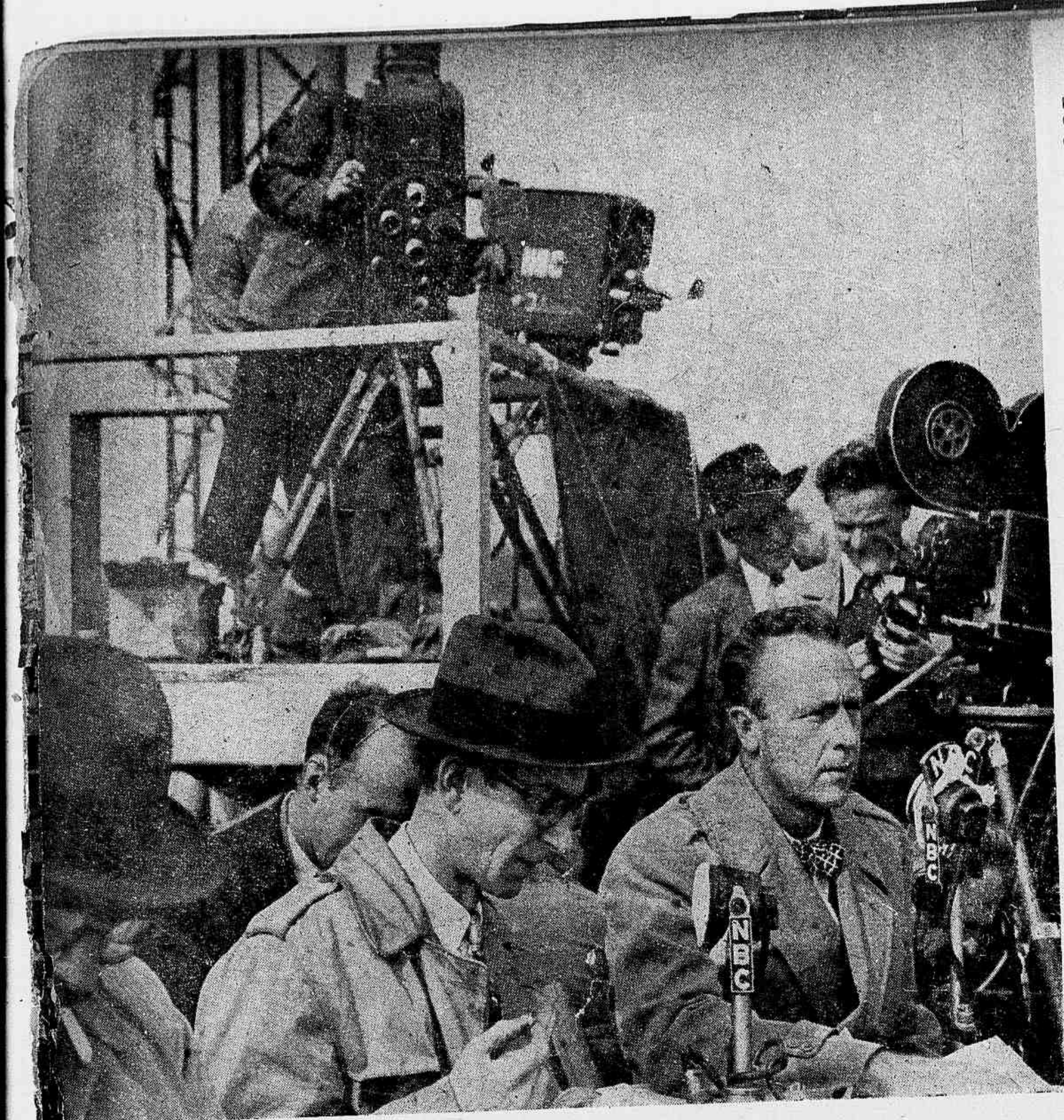
Trata-se, sem dúvida, de uma questão das mais interessantes. E essa questão acaba de ser examinada por dois famosos cinematografistas.

Um deles é Jesse L. Lasky, um dos produtores veteranos. Na verdade, ele tem um lugar na história do cinema, pois foi o que produziu o primeiro filme em Hollywood.

Jesse L. Lasky, que agora dirige a produção de "The Miracle of the Bells", assim se exprimiu a respeito do cinema e da televisão:

— "Antes de mais nada e afim de evitar dúvidas na cabeça de alguém a respeito do fato de que a televisão possa vir a substituir a cinematografia, é a minha opinião que o mundo jamais verá o dia em que tal coisa venha acontecer. Por exemplo, a televisão requer uma tela pequena que pode ser colocada em qualquer lugar. Não é como no cinema. Em casa se está sujeito a toda sorte de ruídos — telefone, crianças, ruídos da rua, de vendedores que batem na porta, de leiteiros trocando





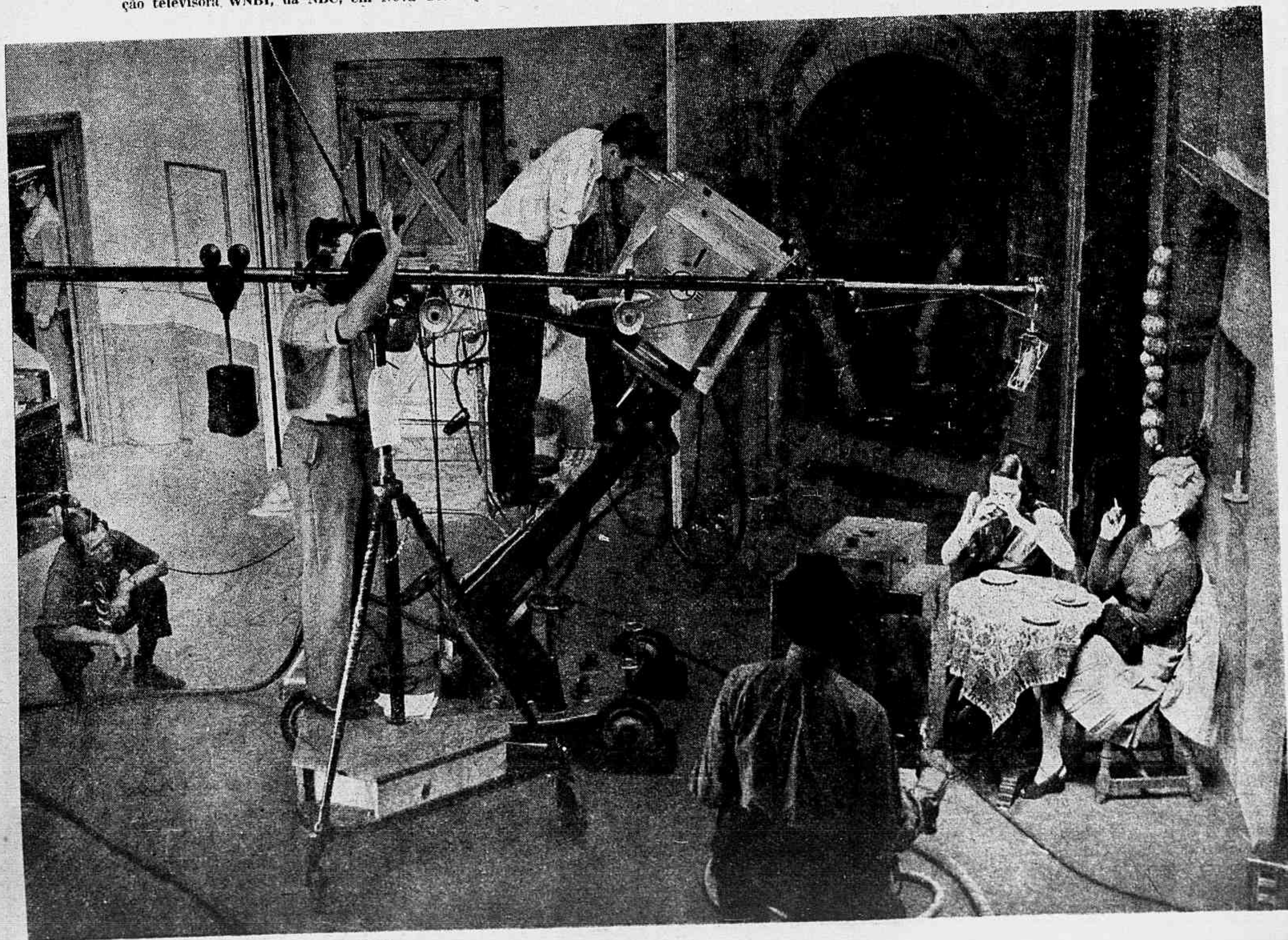
Ao alto: Por toda parte, surgem agora, em Nova York, as câmeras da televisão, ao lado dos modestos e hoje quase obsoletos "speakers" radiofônicos. Aqui estão as câmeras em ação, em um jogo de futebol em Baltimore. (Foto do magazine "Televisión"). Em baixo: Detalhe da transmissão do drama de mistério "Black Alibi", na estação televisora WNBI, da NBC, em Nova York. (Foto do magazine "Televisión").

garrafas nas portas e fazendo toda sorte de barulho. Com toda esta sorte de ruídos é impossível manter a concentração que a televisão requer. No cinema, do princípio ao fim do filme, a atenção se mantém na tela, e, portanto, na película. Tem que se admitir também que devido a pequenez da tela televisora, geralmente de 8 por 10 polegadas, ou seja 20 por 25 centímetros, o esforço de atenção é extraordinariamente maior. Porém, nem por isso devemos menosprezá-la. A televisão representa um grande papel na indústria cinematográfica. Creio que será um dos melhores veículos de propaganda para os novos valores e produções. Da televisão resultarão também melhores histórias de adivinhação sobre a televisão, e assim, também, mais estreitas relações com o público. Considerando a televisão sob o ponto de vista anterior, pelo menos em minha modesta opinião, o rádio visual tem um grande futuro como um fator contribuinte da produção cinematográfica... e por isso já-mais será uma ameaça."

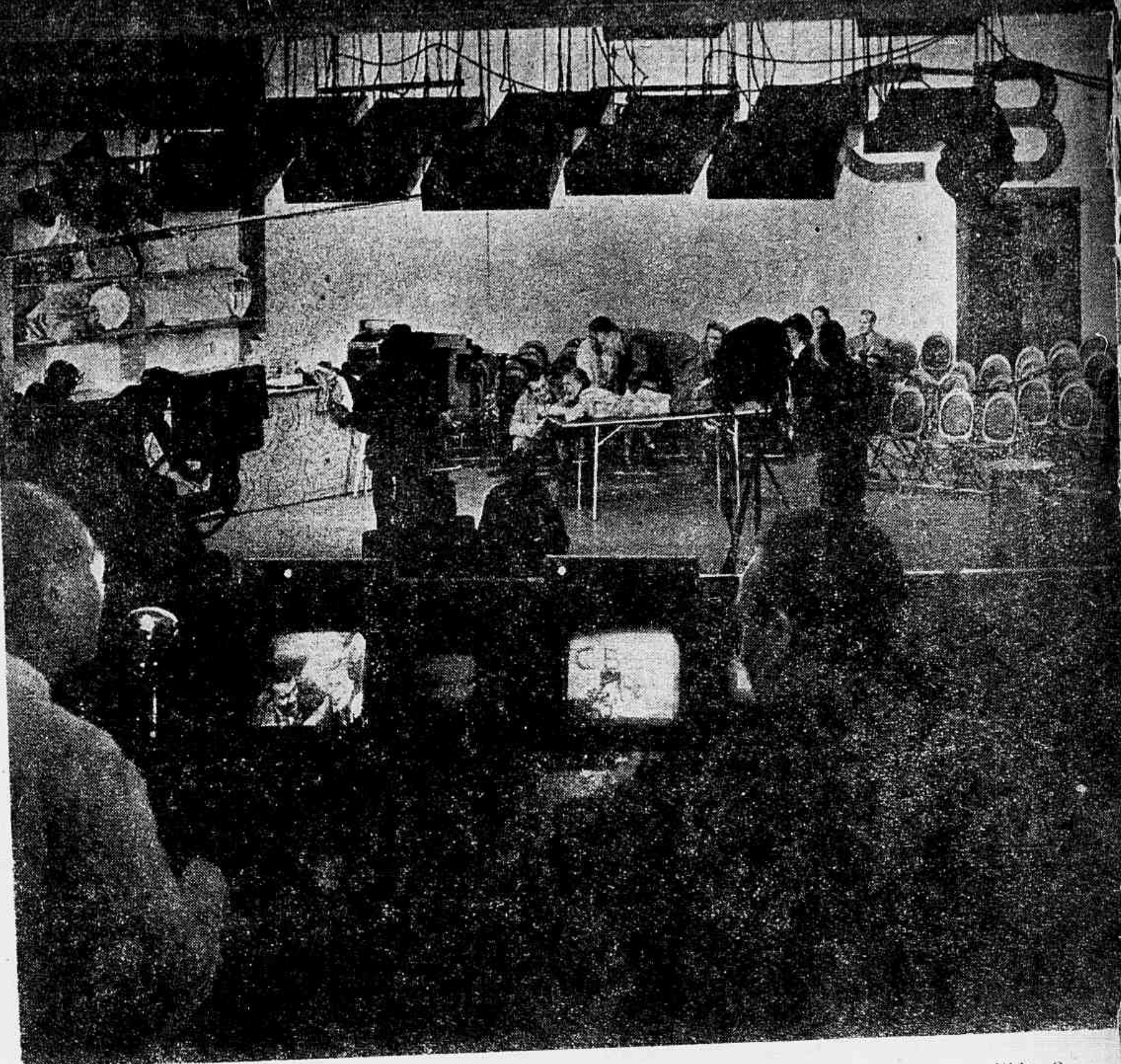
Outra opinião interessante sobre o assunto é a de Jack Chertock, produtor cinematográfico ligado à Metro Goldwyn Mayer.

Um homem de grande e multiforme experiência no setor da sétima arte como Chertock, vê a televisão em suas aplicações no terreno dos divertimentos como uma "verdadeira revolução". Nada se pode comparar a esta maravilha que virá superar tudo o que de extraordinário pode oferecer o teatro, o cinema e o rádio. Sustenta Chertock que a televisão está entre estes três meios de diversão e com eles relacionada. No entanto, também, realizará uma revolução radical, e de fato, tão radical que os nomes célebres, hoje em dia, no cinema, no teatro, no rádio, e na aviação passarão despercebidos quando ocorrer a grande revolução.

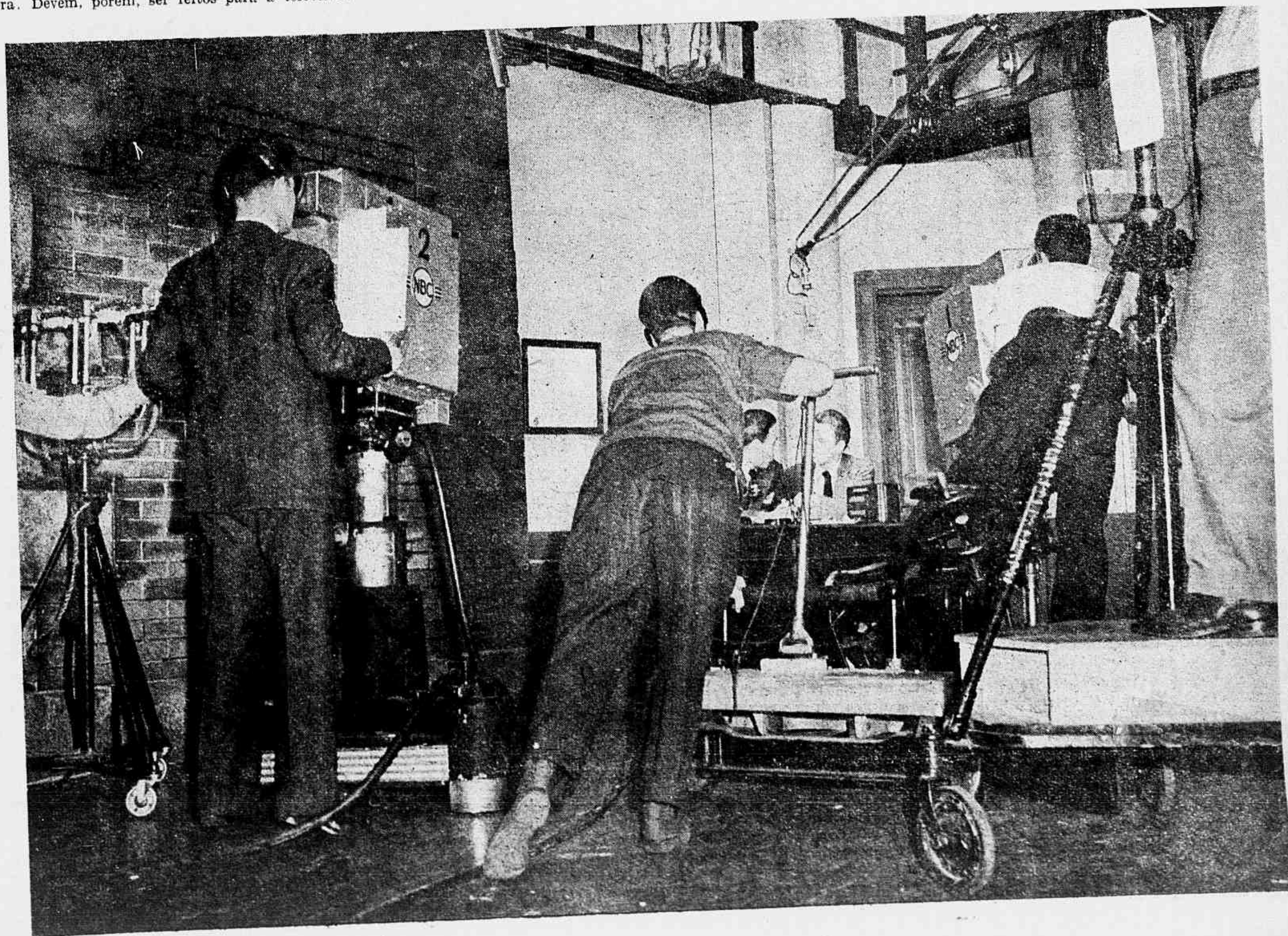
— Quando o som foi introduzido na tela — diz Chertock — Hollywood chegou a imaginar que nada de novo poderia ser mais acrescentado à técnica cinematográfica. Entretanto, não pensavam da mesma maneira os que conheciam a televisão e suas possibilidades, pois esta provocará transformações que ultrapassarão tudo o que até agora foi sonhado. A televisão criará e desenvolverá seus próprios artistas e diretores, seus próprios autores e técnicos, que, por sua vez serão muito diferentes dos do cinema. Naturalmente, tal como sucedeu quando o som foi introduzido na tela, muitos artistas de hoje tentarão adaptar seu talento à televisão, mas da mesma forma como no início da revolução cinematográfica todos terão que começar de novo. Atualmente observamos que o cinema vê a televisão e seu companheiro, o rádio, como dois associados, e o teatro como seu irmão gêmeo. Nenhuma destas pretensões, entretanto, é exata. Surgirá uma nova técnica de trabalho e de narração, de direção e de produção, que pouca ou nenhuma relação tem com



qualquer outra forma até então empregada. Uma cena teatral, das comumente apresentadas, não pode ser televisada. Um filme não poderá ser fotografado pela televisão, tal como é produzido e exibido atualmente. A técnica radiofônica pouca ou nenhuma influência exercerá dentro da nova arte, que apelará mais para o sentido visual do que para o auditivo. Tomemos um caso muito simples, que assisti há pouco tempo. A transmissão pelo rádio e televisão combinados da luta de Joe Louls. Desconhecendo o poder da televisão o "speaker" descrevia a luta como se estivesse fazendo uma transmissão radiofônica qualquer. Não tinha em mente que toda a luta estava sendo vista pelos que possuíam um aparelho de televisão. Daí o seu ridículo quando tentava dar uma idéia da multidão que assistia o espetáculo, e quando anunciava a entrada dos lutadores no "ring". Os que assistiam a luta verificaram quão desinteressante e supérflua era a descrição feita. No momento em que os pugilistas trocavam socos todo mundo queria antes ver a cena do que ouvir a descrição. O "speaker" não compreendia isso. Para que seu papel não perdesse a significação devia ter lançado mão de outros recursos e de outros métodos. Ao em vez de descrever a multidão, devia ter-se limitado a declarar a renda total do "match", e mostrar ao público aquilo que ele não podia ver. Muitas coisas ligadas ao rádio constituirão uma nota dissonante quando apresentados pela televisão. Não se concebe que o público veja pelo aparelho de televisão, o "script" em que o rádio-ator lê o seu papel. O rádio, porém, não é o único a querer impingir sua técnica a este novo instrumento de diversão. O cinema também pode pretender intervir erroneamente no que se refere à televisão. As cenas, na maioria dos filmes, se apresentarão pálidas às platéias de uma pequena tela de televisão. Torna-se necessário criar uma forma maior e mais ligada à cena teatral. A assistência da televisão não será como a do teatro e a do cinema, de 1.000 a 3.000 pessoas numa sala escura, mas grupos de duas, três, quatro ou cinco pessoas, que deverão estar interessadas pelo espetáculo. Não se interessarão, de certo, apenas pela reclamação, ou porque hajam pago para assistir um "show". Torna-se necessário criar um interesse profundo, apresentando motivos que prendam a atenção imediata e decisivamente. Até os patrocinadores dos programas de televisão têm que mudar seus pontos de vista, anunciando de forma muito sutil o que pretendem colocar no mercado. O público ficará enfasiado com o tremendo abuso de anúncios que atualmente se observa nos programas de rádio. Os filmes feitos para a televisão, sem dúvida, empregarão novos atores, e darão vida a muitos outros, notáveis pela sua capacidade de ação na tela, mas que por diversas razões, são relegados a segundo plano em Hollywood. Os filmes podem ter vários complementos, podendo passar em cinco minutos ou em uma hora. Devem, porém, ser feitos para a televisão.



Ao alto: Três diferentes câmeras colhem as imagens, para que o controle seleccione a melhor a ser transmitida. O trabalho de seleção deve ser rápido e o chefe do controle não perde tempo, variando os ângulos, para evitar a monotonia. Aqui vemos um detalhe de um drama. Veja-se a colocação dos intérpretes. (Foto do magazine "Television"). Em baixo: Momento da transmissão de "Black Alibi", na estação televisora WNBI, da NBC, em Nova York. Várias câmeras registram, em separado, trechos do "show", que chega à tela dos rádios com a continuidade de um filme cinematográfico. (Foto do magazine "Television").



N O dia 15 de julho de 1833, deu Ralph Waldo Emerson uma aula para a classe mais adiantada da Divinity School de Harvard. Nessa aula proclamou "a simplicidade e a energia da Lei Suprema — a unidade da humanidade." Proclamou a doutrina da liberdade individual e da tolerância universal — o princípio do Novo Mundo de colaboração mútua entre os homens livres, contra a fórmula do Velho Mundo de mútua desconfiança entre os indivíduos e as nações escravizadas. Colocou o código ético da humanidade sobre uma base prática americana — viver, deixar viver e ajudar a viver.

Essa aula marcou a Declaração de Independência moral dos Estados Unidos. "De agora em diante", observou um membro do auditório, "terão os nossos jovens um Quinto Evangelho em seus testamentos — O Evangelho americano".

Que espécie de homem era esse Isaias da Nova Inglaterra que parafraseava a Bíblia em dialeto ianque?

II

Descendia de uma linhagem de pioneiros — pobres mas confiantes em si mesmos, inconquistáveis, livres. "Os meus ascendentes americanos" — Tomás Emerson chegara a Concord em 1635 — "tiveram trabalhos pesados, uma dieta parcimoniosa, e comiam em pratos de madeira, mas tinham paz e liberdade... Mal se coava a luz pelas janelas de papel oleoso, mas eles liam, por meio dela, a palavra de Deus". Um de seus maiores rezara todas as noites para que nenhum de seus descendentes jamais fosse rico. As suas orações haviam sido atendidas. Os Emersons nasceram "não para serem ricos mas para serem educados". William Emerson, pai de Waldo, era um clérigo — "O pregador mais liberal que até então surgira em Boston". Mas "aqueles que distribuem o pão da vida são, amiúde, recompensados com pedradas". Morreria pobre, como a maioria dos membros da tribo dos Emersons. Deixara cinco filhos, todos meninos, dos quais, era Waldo o segundo. Por ocasião da morte do pai (1811) Waldo tinha oito anos de idade.

Sua mãe abriu uma casa de pensão afim de sustentar a família. Desde o princípio, portanto, Waldo aprendeu a conhecer e a gostar dos outros. E aprendeu a ser jovial em face da pobreza. No inverno, ele e o irmão mais velho, William, tinham apenas um sobretudo para os dois, de sorte que um deles era sempre obrigado a ficar em casa quando o outro saía.

Waldo deixava de brincar mas aproveitava como podia, as suas noites de inverno — prestando atenção à conversa dos hóspedes e devorando, voraz os livros da biblioteca de sua mãe. Na cama, coberto até ao queixo com os seus cobertores de lã, acompanhava, em silêncio, Platão nas aventuras de seus Diálogos; e durante o sermão de domingo, na igreja, mergulhava nos Pensamentos de Pascal, de que trazia sempre em seu bolso um exemplar.

E assim o seu espírito, que se desenvolvia, alimentou-se de bom senso e filosofia metafísica — boa combinação, considerou a mãe, para futuro ministro do Evangelho. Pois tal era a carreira dos Emersons — para a qual buscava prepará-lo. Em 1817 mandou-o para Harvard, onde ele acrescentou Shakespear, Spinoza e Montaigne ao círculo íntimo de seus "mestres queridos". Escolasticamente, entretanto, não foi brilhante a sua carreira na escola. Só o nomearam poeta da classe, depois de haverem, sete outros, recusado a honra. Mas ele apenas completara dezoito anos ao tempo em que se formou — alto e magro como um poste e com um brilho de lâmpada em seus olhos grandes e doces. Fora alcançado pela "praga dos Emersons" — a tísica — que lhe destruiu o pai e logo lhe arrebatou dois irmãos. Durante doze anos viveu "na Casa da dor", lutou com desespero contra a morte e fez por encontrar uma base financeira e física, na vida. Procurou dar aulas entre os outeiros em Roxbury, "onde o homem e Deus podem encontrar-se nos sarçais". Escrevia poesias que eram um mau substituto para a prosa e uma prosa que era a verdadeira essência da poesia — e não logrou vender o bastante delas para assegurar a subsistência. Convidado a "pregar como experiência" em várias igrejas, não lhe foi dado colher a messe de um emprego, se bem que tivesse conseguido plantar muitas sementes de alegria. "Oh, Sally!" escreveu uma mulher em Northampton à irmã, depois de ouvir um dos sermões "experimentais" de Emerson. "Pensávamos sustentar um piedoso indigente! mas era um anjo disfarçado!".

Finalmente, alguns habitantes de Nova Inglaterra deram-se conta da existência de um "anjo no meio deles". No dia 11 de março de 1829, foi Emerson ordenado ministro da Segunda Igreja (Unitária) de Boston. Possuía uma voz notabilíssima; suave e dourado instrumento que derretia os gelos do calvinismo de Nova Inglaterra, como sol de abril.

Pregava, contudo, uma doutrina que não agradava ao paladar do espírito reacionário. Advogava a aplicação prática do Sermão da Montanha em vez de uma adesão convencional aos cerimoniais da Igreja. Em realidade, obtemperava, decidido, a alguns dentre esses cerimoniais — especialmente o referente ao sacramento da Ceia do Senhor. "O reino de Deus", dizia, "não é a comida e a bebida, mas a retidão e a paz". Os diáconos da igreja, conquanto expressassem a sua "consideração não diminuída pelo nosso pastor", insistiam, sem embargo, na continuação da "costumeira administração da Ceia". Diante do que, Emerson se exonerou do pastado. A sua interpretação da reli-

A VIDA DE EMERSON

(RALPH WALDO — 1803-1882)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

moda. Como observou Oliver Wendell Holmes, "aqui estava um iconoclasta sem martelo, que tirava os ídolos de seus pedestais com tamanha delicadeza que mais se diria um ato de adoração".

No entanto, para muitos dos reacionários, o seu iconoclastismo era tudo, menos delicado. Na verdade, afixavam que ele entronizara o diabo no lugar de Deus. Seria punido pelos seus pecados. "Temos muita pena do sr. Emerson, mas parece, decididamente, que ele vai para o inferno". "De fato, assim parece", replicou um dos seus amigos. "Mas tenho a certeza de uma coisa — se Emerson for para lá, mudar-lhe-á, de tal maneira, o clima, que o inferno se tornará refúgio popular para todas as boas almas do céu".

III

Ao deixar o púlpito, pôs-se, Emerson, à procura de um meio de vida. Deu longos passeios pelo campo. Buscou harmonizar o ouvido e o coração com a música da Natureza. E pouco tempo depois fez estranho descobrimento. Aprendeu que o coração da Natureza batia em uníssono com o seu próprio coração. Ele era uma parte íntima de um mundo vivo. O seu espírito, uma célula importante do espírito do mundo — ou, como ele lhe chamava, a Alma do Mundo, ou Super-Alma. E esse descobrimento abstrato levou-o a uma observação prática. Notou, ao refletir sobre a íntima relação entre si mesmo e o resto do mundo, que todo o seu ser era eletrificado por uma onda de força, uma confiança dominadora em si e em seus semelhantes. Era infinita essa força. Poderia ensinar os outros a manejá-la à vontade. E poderia ensinar os outros a manejá-la dentro de si mesmos. Cada um de nós, concluiu, possui o capital espiritual necessário ao desenvolvimento de um grande negócio — o negócio de adquirir e permutar beleza, alegria e liberdade, amizade e paz.

Era uma doutrina admiravelmente adequada ao temperamento e ao gênio da América. Estamos sempre, disse ele, "à beira de tudo quanto é grande". Confiar em vós mesmos. Reclamar a vossa parte na grandeza da vida. Aprender a relação entre o humano e o divino. Entregai-vos à força que tendes dentro de vós — não há força para escravizar mas a força para liberar, para ajudar. Ousai tornar-vos senhores de vossos próprios destinos e ensinaí toda a gente a ousar da mesma maneira.

E assim tornou-se Emerson um mestre do homem, o discípulo imortal — "professor", para usar de sua própria expressão, "da ciência da Alegria".

Sua vida, entretanto, não era feita de uma alegria imperturbável. Apaixonara-se por u'a moça, casara com ela e perdera-a — tudo no espaço de dezoito meses. E durante dois anos, após a sua morte, fazia-lhe, diariamente, uma visita ao túmulo. Ele próprio esperava acompanhá-la sem tardança, pois a sua dolorosa tosse era "como um sacristão a cantar uma canção mortuária" em seu peito.

Emerson, porém, era o filósofo da vida. Negou-se a morrer. Fez uma viagem a Europa a fim de sentar-se ao pé dos mestres do Velho Mundo. Visitou Carlyle uma noite. O "eremita de Craigenputtock" deu ao jovem visitante americano um cachimbo e travou de outro para si. Em perfeito silêncio — rezava assim a história — assopraram ambos em seus cachimbos até à hora de deitar, quando se cumprimentaram e congratularam-se mutuamente pela proveitosa noite que haviam passado, juntos. Em suas visitas subsequentes, contudo, ao familiarizar-se mais com a filosofia de Carlyle, achou-o Emerson algum tanto decepcionante. Fitavam-se os olhos de Carlyle, excessivamente, na glória morta

do velho Mundo e abriam-se, insuficientemente, à beleza viva do Novo Mundo". Carlyle é muito provincial e não fala senão das regiões celestiais". Ansiava tanto por elogiar os grandes homens, considerou Emerson, que deixou de apreciar a grandeza do homem comum.

Emerson encontrou o mesmo erro em muitas das demais celebridades da Europa. Porque esses homens estavam ainda carregados de crenças políticas e dogmas éticos que Emerson, há muito, deixara para trás. "Por mil anos estiveram esses pobres homens (da Europa), assentados diante das portas do paraíso, afim de lograr uma rápida visão de sua beleza, e agora que as portas se abriram, eles adormeceram".

Desiludido com a sua viagem, voltou Emerson à casa. A Europa tinha muito pouco a lhe dizer, e ele muito que dizer à América. Encontrou uma nova espécie de sala de aula, o liceu da aldeia. Ai, libertado das algemas dos crêdos convencionais, expressava as suas idéias independentes acerca de ratos e homens, anjos e deuses. Os brâmanes intelectuais de Boston e Cambridge não lhe apreciaram as idéias, pois ele era dema-



RALPH WALDO EMERSON



NOS BASTIDORES FEMININOS

ANNE Jeffreys é uma garota bonita e talentosa. Tão talentosa que a RKO lhe ofereceu um grande contrato. Considerada uma das pequenas mais bem feitas de Hollywood, Miss Jeffreys já se pode considerar famosa. Aqui a temos em diversos flagrantes da sua vida cotidiana. Em cima, à esquerda: Vestindo um elegante "tailleur" de linho branco, sem gola, com casaco arredondado, ela recebe a visita de um desses curiosos animais que existem nos estúdios. A direita: A nova "star" de Hollywood além de cantar, dançar e ser bonita, é também excelente pintora. Em baixo, à esquerda: Tom, Dick e Harriette são os nomes dos três gatinhos de Miss Jeffreys. Aqui ela veste um robe de cetim acolchoado sobre um pijama também de cetim. A direita: Ela alimentando os seus famosos bichanos. Famosos porque são legítimos persas e foram avaliados em mil dólares!

LEMBRO-ME com saudades do tempo em que a mulher se preparava com grande apuro toda a vez que precisasse sair, quer se dirigisse ela ao trabalho, quer ao cinema ou à casa de uma amiga. A noite então, os cuidados eram ainda maiores: um novo "make-up" era feito, os vestidos eram sóbrios e elegantes e bonitos chapéus completavam a graça do conjunto. Para cada hora existia uma "toilette" especial. Os cinemas e os teatros em suas sessões noturnas apresentavam sempre um aspecto festivo, criaturas bonitas que mais bonitas ainda ficavam graças à sua elegância e ao seu bom gosto. Enfim, a ida a um cinema ou a um teatro constituía motivo para exibição de belos vestidos e belos chapéus. Hoje, tudo está mudado. Uma mulher que apareça de chapéu num cinema ou teatro da Cinelândia, é logo alvo de todas as atenções. Todos se voltam para ela como se estivesse carregando sobre a cabeça algo proibido, quando não dizem logo: "é farol!". Isto porque uma incrível negligência parece ter se apoderado de todas as coisas. Negligência ou economia... Cremos que negligência... Vestem-se de qualquer maneira, isto é, da pior maneira, andam inteiramente à vontade, usando trajes que noutrostempos só seriam concebíveis pela manhã. Sáias, blusas, "sweaters", sapatos baixos, vestidinhos ligeiros, cabelos soltos, tudo revelando a maior despreocupação e a mais completa indiferença pela sua própria figura. Mais uma vez sentimos nisso a influência americana, a pernicioso influência do "à vontade" que mata a graça, o encanto, a elegância e a feminilidade da mulher. E' por isso que aplaudimos entusiasticamente o movimento agora iniciado em Paris. Costureiros, desenhistas e chapeleiros se aliaram para dar guerra à negligência e ao pouco caso em que as mulheres tinham a sua aparência. Modêlos mais femininos, modêlos que realçam a beleza física e aumentam a graça dos contornos estão substituindo os vestidinhos ligeiros e as sáias e blusas; e, graças à imaginação dos chapeleiros franceses a cujas obras de arte dificilmente se pode resistir, vêm, com satisfação, a volta triunfal do chapéu. Tudo indica portanto, que a mulher voltará à sua antiga elegância, fazendo reviver, finalmente, os bonitos dias do passado.

KITY

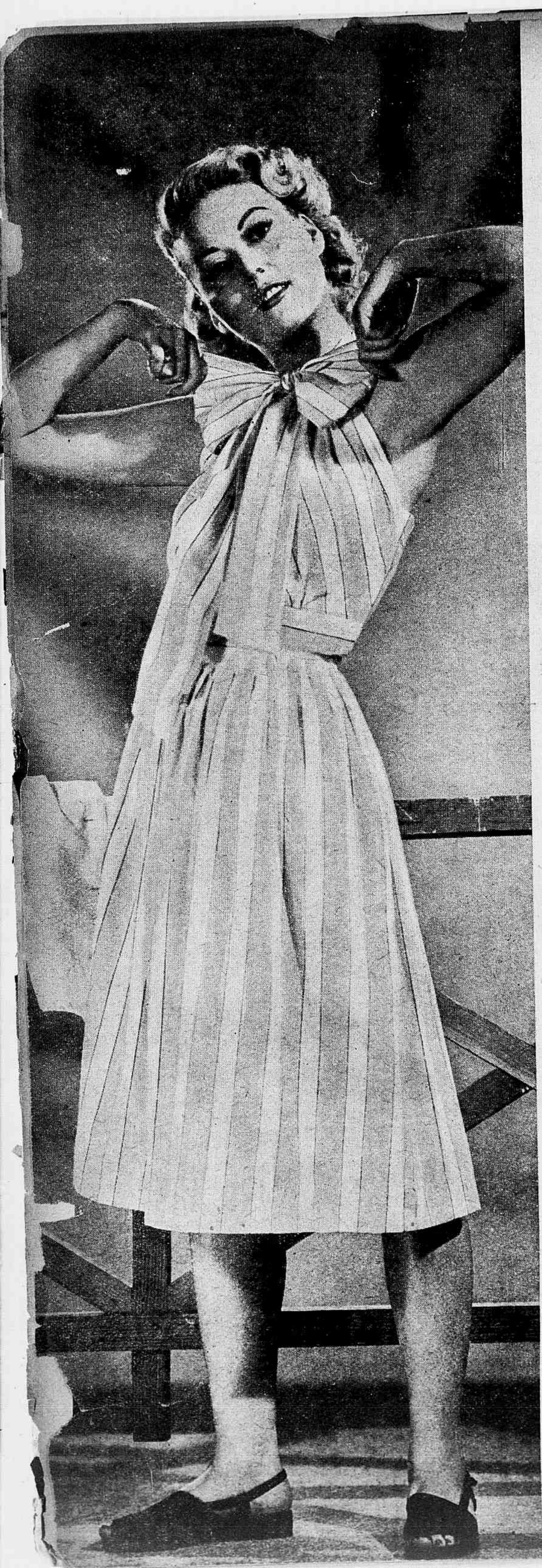


CHAPÉUS FLORIDOS

PARA os dias de verão que se aproximam, os chapéus floridos constituirão uma nota alegre. Flores de todos os tamanhos e em cores vivas, guarnecerão os chapéus, quer sejam esportivos ou "habillés". Para vocês, Hollywood apresenta as suas últimas criações: Na página ao lado temos: Chapéu de palha usado por Janet Blair da Columbia. A aba deixa descoberta uma parte da copa sobre a qual são aplicadas rosas de diversos tons. Uma fita de cetim vermelho dá um laço de um dos lados. Ao alto, à esquerda: Modelo de Ann Miller, também da Columbia Pictures. Copa baixa, aba coberta com grosso véu e ao redor flores de diversas cores. Algumas frutas completam o adorno do chapéu. Em baixo, à esquerda: "Canotier" de palha enfeitado com laços de tafetá e flores em tons vivos. Usa-o Catherine McLeod, da Republic. A direita: Para uma reunião elegante, Marie McDonald escolheu este modelo em "tulle" negro enfeitado com rosas de tafetá rosa seco. (Foto MGM).







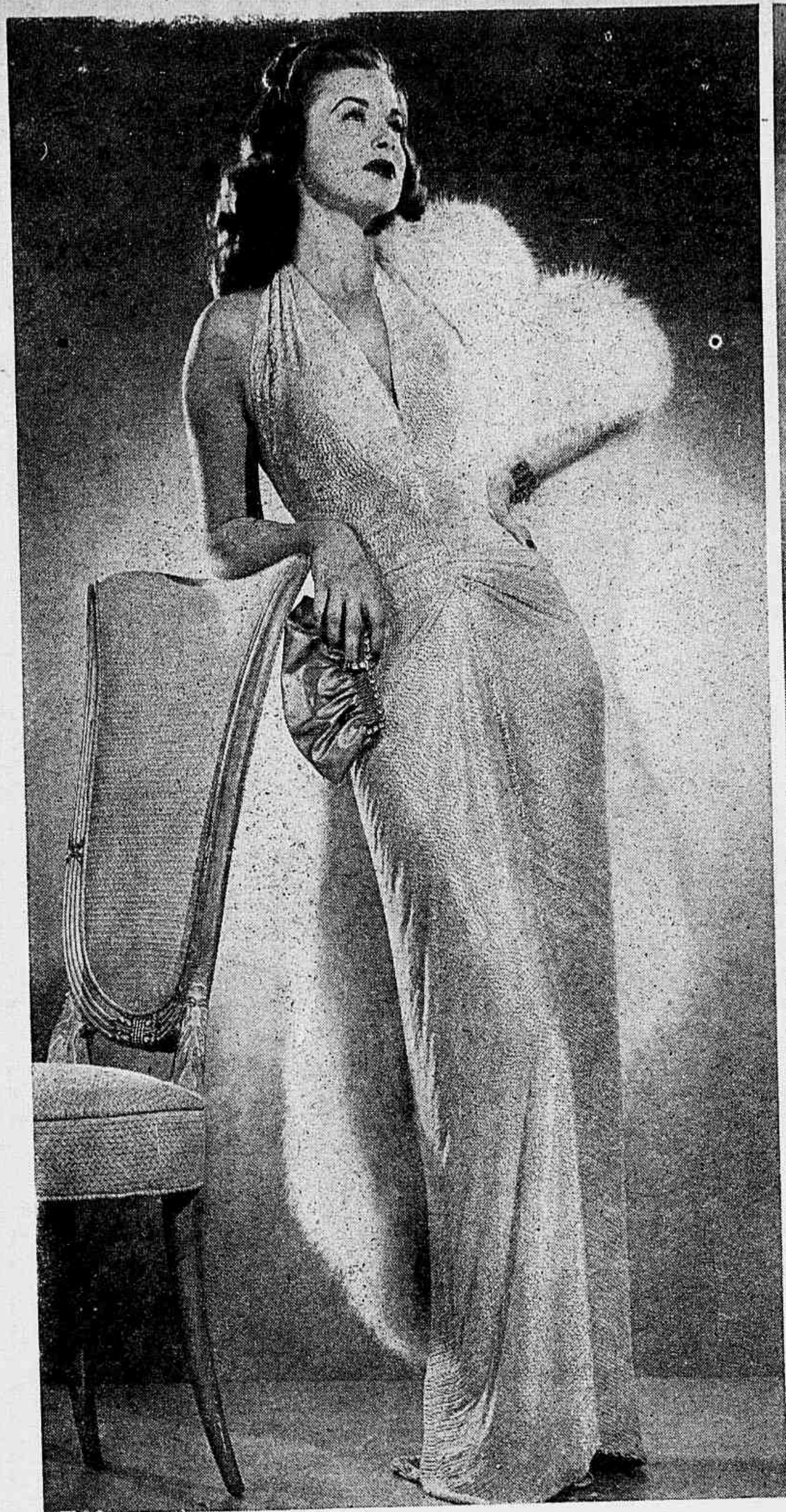
ESSA garota bonitinha que vocês aí vêm, é Adele Mara, "estrelinha" da Republic Pictures, exibindo os seus primeiros modelos para verão. Da esquerda para a direita: Este é composto de três peças: sáia, corpete e bolero. A sáia é ligeiramente franzida, o corpete sem mangas é preso por larga tira que dá um grande laço na frente; grande decôte nas costas. O bolero é de fustão branco enfeitado com as listras do ves-



tido. Também em tecido listrado é este modelinho bastante prático. A blusa e a frente da saia, são feitas com as listras em sentido horizontal e parte de trás da saia em sentido vertical. "Duas-peças" em estampado original, sobre fundo escuro. Saia franzida com um vize branco na altura dos quadris. O mesmo vize nas mangas, também franzidas. Decote redondo. Muito graciosa esta calça de tropical fazendo "festonet" em baixo. Blusa de seda branca com estampado vivo na frente.

SUGESTÕES DE ADELE MARA





MODELOS PARA A NOITE

PARA jantares de gala, para a Ópera ou para os bailes elegantes, vocês encontrarão aqui deliciosas sugestões: Na página ao lado vemos: Merle Oberon, a lindíssima "estrela" da Columbia, apresentando um maravilhoso modelo criado por Orry Kelly, executado em setim branco; tem como únicos adornos, estreitas fitas de veludo negro na cintura. Completa-o uma fabulosa capa de "mink" branco. Na página ao lado, ao alto, à esquerda: Para as figuras esguias, Marguerite Chapman, da Columbia, sugere este magnífi-

co modelo em lamé prateado com drapeados sobre os quadris. Decote em "V", ombros drapeados, costas nuas. A direita: Esta é Gale Robbins, da UA, com um modelo um tanto "sofisticado". O corpo e a saia justos, corpete "atacado" e, partindo da cintura fartos babados de "tulle" preto com enfeites de lantejoulas. Finalmente em baixo: Modelo para jantar em renda de seda preta. A parte superior da blusa é realçada com sombra rosa seco, o corpete recortado e o forro da saia são em tafetá preto. Usa-o Eve Arden, da Warner Bros.



ESPORTIVOS

Apresentamos nesta página, dois encantadores modelos esportivos. O primeiro, à esquerda, em tecido escocês verde, marron e branco, é-nos apresentado por Janet Leigh. O segundo, composto de saia quadriculada em vermelho, cinza e preta, e bolero em fustão branco é uma sugestão de Peggy Cummins.





A esquerda: Sobre uma camisola de cetim pérola com banda envlezada ao redor do decote, Eleanor Parker, da Warner, usa luxuoso "negligée" de crepe romano, mangas largas ajustadas nos pulsos. A direita: Camisola de noite, usada por Martha Vickers, também da Warner. O tecido empregado é leve, branco, prestando-se para o verão. Corpo franzido com fita enfiada em renda, laços na frente.

INTIMIDADE

O TRISTE FIM DE D. QUIXOTE

A Inglaterra, ilha do Bom Senso, prepara-se para festejar ruidosamente o quarto centenário do nascimento de Miguel Cervantes Saavedra, natural de Alcalá de Henares. John Bull tem motivos pessoais para admirar o biógrafo de D. Quixote de la Mancha. Verdaderamente, tendo acabado com este herói tristonho a idade de ouro da fantasia humana, a Grã-Bretanha, país de mercadores, só podia regosijar-se com a vitória de Sancho Pança sobre seu ilustre amo... As grandes risadas que despertou, no mundo, o livro de Cervantes, crestem, como um fogo diabólico, as últimas flores do sentimentalismo medieval. A idade moderna não começa com a tomada de Constantinopla pelos Turcos, mas, sim, com a morte de D. Quixote em sua pobre aldeia da Mancha. Assistiram-no, no último lance da vida e da loucura, um padre, uma sobrinha e a mulher de Sancho Pança. O fim melancólico do fidalgo manchego escaurimentou os que, nos séculos seguintes, pretenderam, alguma vez, reeditar as proezas magníficas da cavalaria andante. E o livro de Miguel de Cervantes ficou sendo a pedra fundamental do templo erigido pelas gerações sucessivas à fria, estúpida Realidade...

E' certo que, na mesma época, um sonhador, de nome Luis de Camões, andava pelo mundo cantando a Pátria e o Heroísmo em versos imortais. Consta, até, que na batalha de Lepanto, o vate dos "Lusiadas" e o cronista do "D. Quixote" empunharam, juntos, as armas vingadoras do Cristianismo contra os Turcos infiéis. Mas o que se sabe é que o poeta luso acabou em leito humilde, esquecido e faminto, sem embargo de ter dado terra da Pátria maior lustro que os Castro fortes, os Albuquerque terríveis e quantos mais heróis celebrou em seu poema eterno...

O livro de Cervantes logrou maior nomeada do que o de Camões — não tanto por ser escrito em língua mais difundida, como por trazer, em si, motivos poderosos de Riso. Os homens de todas as regiões da Terra sempre folgaram de rir — por serem universais os motivos de chorar... As aventuras malogradas do herói manchego fizeram desaperter os botões do colete — para rir mais folgadoamente. Tanto bastou para que as vertessem para os mais diversos idiomas e as levassem às mais longínquas almas... A última senhora que aconteceu a D. Quixote defender — na sua inocente mania de punir agravos imaginários — foi a Virgem Imaculada, que ia num andor, entre fiéis penitentes. Semelhante ao cavaleiro que os da procissão eram verdugos à cata de algum lugar ermo em que mal-ferissem a Dama celestial. Arremeteu com todos, exigindo deixassem livre a Formosa Senhora "cujas lágrimas e triste semblante" davam clara mostra de que a iam levando contra a vontade... Aqui está o último lance daquela filosófica loucura e já não usado heroísmo... Os circunstantes (diz Cervantes) riram e bom rir do engano do cavaleiro, o qual, sacando a espada, acometeu os da procissão e fez parar o andor... Um dos sujeitos (sem sombra de idealismo) que segulam o préstito — deu ao herói com tanta bruteza que o deixou por terra como morto. Deixaram-no só — como soem ficar os profetas depois que o abandonam os discípulos de ânimo frágil. Então, e pela última vez, em tom declamatório, se ouviu a voz sensata de Sancho Pança, que tinha os olhos lanhados de lágrimas compungidas:

— "O' flor da cavalaria, que com uma só bordada acabaste a carreira de teus tão bem empregados anos! O' honra da tua família, braço e glória de toda a Maucha, e até do mundo todo, o qual, faltando tu nele, vai ficar coalhado de malfetores sem medo de serem castigados por suas malfetorias! O' liberal sobre todos os Alcaides, pois por oito meses certos de serviço me tiras dado a melhor ilha que o mar cinge e rola! O' humilde com os soberbos e arrogante com os humildes, acometedor de perigos, sofredor de afrontas, namorado sem causa, imitador dos bons, açoite dos más, inimigo dos ruins, enfim — cavaleiro andante, que é tudo quanto se pode dizer!"

Al estão sintetizadas pelo honesto Sancho Pança, todas as virtudes e excelências do herói manchego. Morto D. Quixote ficou o mundo desprovido de cavaleiros capazes de castigar os malfetores por suas malfetorias — e o que vemos, nestes quatro séculos decorridos, é uma sequência terrível de injustiças, maldades, deshumanidades e tropelias de toda sorte!

A "flor da cavalaria" fanou-se ali, num leito de pobre, por entre olhares compassivos de um cura e os soluços de algumas pobres mulheres aldeãs. Acabou-se com D. Quixote, toda a graça das lendas de amor e guerra da Idade Média. Sentem-se, ali, os primeiros sinais precursores da incredulidade do século XVIII e da revolução industrial do século XIX — fatalidades que nos haveriam de legar as guerras e inquietações sociais dos nossos dias!

A morte do Sonho, a ruína da Fantasia foram funestos para os superiores interesses da Humanidade. Sobejas razões tinha o escudeiro do fidalgo para lhe deplorar a morte, que, fictícia no episódio da procissão, se tornou real pouco tempo depois.

O fim de D. Quixote revê lágrimas disfarçadas no estilo, aparentemente satírico, de Miguel de Cervantes. Todos padecemos por conta daquele epílogo melancólico com que, para sempre, se acabou a idade de ouro dos homens, a soberba idade em que se empenhava a alma por um sorriso, e se cedia a vida por um beijo!

BERILO NEVES

MODÊLOS

1 — Modelo bastante jovial, com "ruchês" na sala e na pala. 2 — Os botões estão muito em voga. Aqui três carreiras são aplicadas nos recortes da blusa. 3 — "Duas-pecas" em tecido estampado. Decote original, grandes bolsos. 4 — Modelo interessante composto de "godets" assimétricos. 5 — Para complemento de uma "toilette", suíça, "echarpe" e chapéu do mesmo tecido de "pois".

O CENTENÁRIO DE UM LIVRO

PREPARA-SE a Inglaterra para comemorar, em dezembro próximo, o primeiro centenário da publicação do "Morro dos Ventos Uivantes", o genial romance de Emily Brontë.

Construído com sangue e com lágrimas, o livro, despercebido durante 50 anos, esplende hoje aos olhos da humanidade com toda a sua transbordante vida. Quem o lê não o esquece mais. Sua autora era amiga da solidão. Na charneca, onde morava, tinha sonhos estranhos. Não podendo realizar na sua vida privada os sonhos que a embalavam, transpôs para o romance a história de que gostaria de ser a personagem.

Catarina e Heathcliff amam-se desde criança. Aqueles ventos tempestuosos, o cheiro daquelas plantas selvagens se tinham misturado ao sangue das duas crianças, que era impossível separá-las. Quando estão no morro não mais sabem se existem outros mundos. Toda a glória da vida se concentra ali. Preconceitos hipócritas não conseguem cortar o elo que ligava aquelas duas almas.

Catarina sabia que se casando com Edgard e não com Heathcliff estava contrariando o seu coração.

Os primeiros três anos Catarina e Edgard vivem mais ou menos felizes. Heathcliff está longe. Mas eis que ele volta e então inicia-se a tragédia.

Para compreender Heathcliff é preciso refletir sobre o meio em que vivia, meio rústico. Esse personagem dá-nos, às vezes, a impressão de que se trata de uma natureza demoníaca, ilógica, extravagante. Nossa impressão é que Heathcliff não foi uma figura calculada antecipadamente, mas foi tornando terrível, infernal, à proporção que Emily avançava no romance. A verdade é que os personagens de "Morro dos Ventos Uivantes" vivem vida independente, soberana, e isto é que singulariza as grandes construções romanescas.

Para compreender Heathcliff é necessário também ter amado e sofrido muito.

Volta Heathcliff, como já nos dizendo, e começa a tragédia. Aquela terra de paz é perturbada por problemas imensos, insuperáveis. Heathcliff é o diabo na sua loucura por Catarina. Trocam-se bilhetes. Palestram na ausência do marido. Durante várias noites um vulto se esgueira pelo jardim de Catarina. A charneca, o morro dos ventos uivantes, derma, aparentemente, em paz, sob o luar.

A irmã de Edgard foge com Heathcliff, apesar de Catarina, com ciúme, tê-la advertido de que seu amigo de infância era uma natureza miserável. Não há sossego naquelas almas. Sofre a irmã de Edgard, sofre Heathcliff, define Catarina. A tragédia envolve a todos, espantosamente.

Catarina morre devagar, como uma avezinha, cujo ninho tivessem arrebatado. Morreu finalmente nos braços de Heathcliff. No momento exato de sua separação deste mundo, penetra no quarto o marido. O outro coloca-lhe nos braços o "vulto aparentemente inanimado de sua mulher". Eram 2 horas da madrugada. Heathcliff está no jardim, chorando. Clama que Deus o torne louco, que o fantasma de Catarina o persiga. "Oh! Deus! é inexprimível! Não posso viver sem a minha vida! Não posso viver sem a minha alma!"

Palra sobre aquela terra tranqüila o gênio do mal. A meia-noite, Heathcliff vai ao cemitério, arranca o calção e fica ao lado de sua querida Catarina. Ouve suspiros. E desde então vive como louco. Via-a em toda a parte. E no entanto não a via. Após 18 anos viu-a em sonho. "Agora, depois que a vi, estou calmo... um pouco calmo. Que estranha maneira essa de matar!... não de polegada em polegada, mas em frações da grossura dum cabelo, divertindo-se comigo durante dezoito anos, com o fantasma duma esperança!"

Eis o imortal romance de Emily Brontë. A Inglaterra de Wilde e de Shakespeare, de Milton e de Huxley, vai comemorar o centenário de sua publicação.

Oh! homens de todos os continentes, oh! mulheres que muito amaram e muito sofreram, que choraram lágrimas de amor, que passaram por fases iguais às dessas dois infelizes personagens, associemo-nos a essas festas que se vão celebrar, porque elas recordam um fato humano e universal!

ABDIAS LIMA



6 — Modelo de seda em tecido quadriculado e tom unido. Mangas "kimono" três-quartos. 7 — Modelo muito original em tecido quadriculado, com drapeado sobre os quadris. 8 — Modelo muito simples enfeitado com uma banda quadriculada. 9 — Muito elegante este modelo com drapeado em tafetá sobre os quadris

PARA JOVENS

Elas estradas sem fim

Conto de AGNELLO MACEDO

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Ilustração de A. PACHECO

ZORINA nasceu numa noite enfeitada de estrelas, à beira de uma estrada, no tumulto colorido de um acompanhamento de ciganos.

Filha de Tatiana, a mais bela cigana da tribo, a mais requestada de todos os homens e a mais odiada de todas as mulheres, Zorina trouxe, para o mundo, com o seu nascimento, u'a maldição de todas as mulheres da tribo e ódio e despeito de todos os homens.

Tatiana, a mais bela cigana da tribo, ia sempre, sôzinha às cidades em cujos arrabaldes acampavam, deitando cartas e a ler a buena-dicha. E era um encanto vê-la, os cabelos e os olhos de um negro profundo, a pele morena e o branco dos dentes iguais, encantando o sorriso que se abria desde que ela deixava o acampamento.

Tatiana tinha a alma boêmia como o seu próprio destino.

Crescera ao léu, sem conhecer um pedaço de chão que lhe falasse à alma, ansiando sempre por paisagens novas, por novos ares.

Amava as estradas, eternas companheiras do seu fado.

Nem às árvores, nem aos regatos, nem aos pássaros, Tatiana amava.

Gostava, porém, e muito, do ruído seco das rodas do carro em que vivia, quando elas rolavam por sobre as estradas poeirentes, resvalando nas pedras do caminho, embalando-a na promessa certa de um ambiente novo.

Nas noites de acampamento, enquanto toda a tribo se reunia ao redor das fogueiras, dançando ao som dos violinos, Tatiana ficava à distância, indiferente àquela alegria, incapaz de sentir o contágio da música, dos cantos e das danças.

Nunca dançou. Ninguém a ouviu cantar uma só vez que fosse.

Vivia, na tribo, como se fosse inteiramente estranha aos outros ciganos.

Ao contrário das outras moças, que viviam disputando as atenções dos rapazes, Tatiana, que os tinha todos aos seus pés, zombava do amor que os trazia rendidos à sua beleza e os desprezava a todos.

Muitas vezes, no acampamento, houve rições de facas e lutas sangrentas por uma causa. Mas Tatiana não lamentava o vencido nem admirava o vencedor. Continuava impassível, distante, como não compreendesse que tudo aconteceria por causa dela, que a vida e a morte se disputaram em homenagem aos olhos mais negros e mais lindos de toda a tribo.

Se desprezava a todos, se não amava a ninguém em toda a tribo, Tatiana nutria um sentimento profundo em relação a Ilonka, que todos diziam era a mãe.

Na confusão de idéias em que vivia, Tatiana se amargurava com lembranças muito vagas de uma vida diferente. Para ela, as recordações da infância eram estranhas e diversas. Tinha a impressão de que adormecera numa cidade quieta, sossegada, e acordara com o ruído seco de ferro resvalando nas pedras do caminho. Depois... chamaram-na Tatiana. Protestou. Mas à força de muito apanhar e de sofrer o castigo da mãe, sentiu a proteção desse embrute-

cimento que faz esquecer, que dobra a vontade.

Ilonka dizia-lhe sempre:

— Você é uma filha ingrata, Tatiana.

E Tatiana não respondia. Continuava calada e infeliz, até que se levantava o acampamento e as carroças continuavam, de novo, a cortar as estradas.

Durante essas marchas, que duravam horas a fio, que se interrompiam apenas para se dar descanso aos burros até que se parasse, por alguns dias, junto a alguma cidade, Tatiana ficava menos infeliz, por que Ilonka atirava o corpo dolorido sobre o colchão e não dizia palavra.

E por todo o tempo que duravam as viagens, Tatiana era dona do seu pensamento e podia ficar ouvindo o ruído seco das rodas de ferro resvalando nas pedras.

Quando Ilonka ensinou-a a deitar cartas e a ler a "buena-dicha", — o que lhe custou muito a aprender, apesar do chicote e das rações de pão e água — Tatiana compreendeu que aquilo seria uma espécie de serviço mais suave. E às velhas fórmulas de desvendar o passado, o presente e o futuro, juntou novos métodos, fazendo daquela tradição cigana uma arte inteiramente nova.

No dia em que Ilonka ordenou-lhe que fosse com o bando de ciganas à cidade, para ler a buena-dicha pela primeira vez, Tatiana resistiu:

— Com elas, eu não vou.

Ilonka surrou-a sem dó e Tatiana não foi.

Nem Petrouchka, o chefe do bando, logrou convencê-la. Finalmente, concordaram em que ela fosse sôzinha.

Petrouchka e Ilonka ficaram radiantes quando Tatiana voltou trazendo moedas de ouro que atirou, indiferente, ao colo da velha.

E a partir daquele dia, as outras só iam à cidade junto à qual acampavam, depois que Tatiana voltava, trazendo moedas de ouro que atirava, indiferente, ao colo de Ilonka.

Nunca mais foi maltratada. E ninguém mais procurou demovê-la daquele isolamento em que se abrigava com relação aos demais.

Os homens, que a amavam, tentavam por todos os modos conquistar-lhe as boas graças. Viviam morrendo de amores e por ela se matavam, sem que isso lhe causasse a menor emoção.

Enquanto estavam acampados, desde que voltava da cidade, de onde trazia moedas de ouro que atirava ao colo de Ilonka, Tatiana não sorria, nem cantava, nem dançava, enquanto que as outras moças não faziam senão sorrir, dançar e cantar.

Mas, desde que Petrouchka dava ordem de apressar-se a partida, Tatiana sorria com os olhos e com a boca.

E era de vê-la, quando as rodas de ferro começavam a resvalar de encontro às pedras do caminho!

Era a esperança de encontrar uma velha paisagem de que guardava memórias muito vagas, que punha aquela alegria na alma errante de Tatiana.

E de tanto desejar esse encontro, ela acabou se habituando àquela alegria

falsa, aquela única alegria que era andar à procura do que não encontrava.

★

Uma noite, enquanto Tatiana fitava as estrelas e o bando de ciganos dançava e cantava ao redor das fogueiras, Ilonka chamou:

— Tatiana!

Uma sombra de tristeza passou pelos olhos da moça:

— Que quer de mim, Ilonka?

— Vai fazer vinte anos que você está comigo...

Tatiana sorria pela primeira vez na frente da velha.

— De que está rindo, Tatiana? Você nunca ri? Por que riu agora?

— Por que tive a certeza de que não sou sua filha.

— Mentira!

— Ilonka disse e eu ouvi muito bem. Disse que vai fazer vinte anos que eu estou com Ilonka.

— Mentira!

— E eu tenho vinte e cinco anos.

— Mentira!

— Petrouchka me disse.

Ilonka tinha brilhos de ódio nos olhos cansados.

Tatiana desafiou:

— Que bom! Que alegria não ser filha de Ilonka!

— Tatiana!

— Você pode me bater, Ilonka. Pode me judiar quanto quiser. Mas tudo isso não é nada, comparado à alegria de saber que não sou sua filha.

— Perversa!

— Eu tinha certeza disso. Eu sabia que você não podia ser a minha mãe! Ilonka fitou Tatiana bem nos olhos. O vento trazia os queixumes de um violino que soluçava as notas límpidas de uma ária apaixonada.

Tatiana reconheceu a melodia. Era uma canção de amor e só a tocavam quando ia se decidir um casamento.

Ilonka vingou-se das palavras da moça:

— E' Dimitriv quem está tocando, Tatiana!

A cigana estremeceu!

— Dimitriv?!

— Sim, Tatiana. E' Dimitriv quem está tocando. Ele é feio, é ruivo, é ladrão, é falso, mas é um homem, Tatiana! E' o mais forte da tribo e vai substituir Petrouchka, quando este morrer.

Tatiana compreendeu logo o que motivava o prazer com que Ilonka vestia as palavras.

— Petrouchka nunca dirá um não a Dimitriv, Tatiana!

E é Dimitriv quem está tocando, sabe, Tatiana?

— Mas eu não quero. Eu não aceito!

— Dimitriv quer, Tatiana. Petrouchka vai concordar...

E a velha cigana voltou, rindo, para a roda que se formava à volta da fogueira, enquanto Dimitriv, feio e ruivo, fazia vibrar as cordas do violino com um acento de profunda paixão.

Tatiana, apavorada com a idéia de que Petrouchka pudesse obrigá-la a se casar com Dimitriv, deitou a correr pela estrada, em direção à cidade.

Não sabia como, nem de quem esperar proteção. Mas os seus passos se di-



rigiam ao encontro do rosário de luzes que piscavam à distância.

Correu enquanto teve forças. Depois, diminuiu a marcha. E ao chegar às primeiras casas, estava quase caindo, de tão cansada.

Já era perto de meia noite. Tudo estava quieto.

Tatiana tomou o rumo do jardim. Na praça, tudo deserto.

Sentou-se num banco, sob uma árvore, esperando ganhar novas forças para continuar a fugir. Havia de andar dias e noites, noites e dias, até que houvesse uma distância enorme entre ela e aquela ameaça de um casamento com Dimitriv.

Houve outros, — lembrava-se — que quiseram desposá-la. Mas bastou um gesto de indiferença para que a pretensão ruísse por terra. Mas Dimitriv era o homem mais forte da tribo, e substituiria Petrouchka quando este morresse...

O coração de Tatiana bateu como as asas de um pássaro quando ela ouviu um rumor de passos. Um medo horrível assaltou-a. Medo de que fosse Dimitriv.

Era um homem alto, de feições agradáveis e de voz suave:

— Que faz aí, sôzinha, cigana?

— Estou descansando, senhor.

— Parece assustada!

— Sim. Pensei que fosse Dimitriv...

— Dimitriv? E' seu marido?

— Nunca será. Odeio Dimitriv. Prefiro morrer a casar-me com ele.

— E está fugindo dele?

— Estou. E continuarei fugindo enquanto tiver forças.

— Tem alguém que a proteja?

— Não... não tenho ninguém...

E Tatiana chorou longamente. O homem sentou-se e tomou-lhe as mãos. Depois, propôs:

— Quer vir à minha casa? Lá estará livre das ameaças desse Dimitriv.

Tatiana acompanhou-o.



E desde aquele momento, nunca lhe disse não.

Meses depois, Tatiana sentiu que uma vida se agitava em seu ventre. Sorriu, feliz.

Mas durou pouco tempo aquela alegria.

Dias depois, o homem que plantara uma vida em seu seio chegou à casa, pálido, esvaindo-se em sangue por uma ferida que lhe abriram no peito, e só pôde dizer:

— Fuja, Tatiana! Dimitriv...

Quando ela compreendeu a situação, dois pulsos fortes prendiam-lhe o braço, e o olhar irado de Dimitriv fulminava-lhe a vontade.

Dimitriv amarrou-a a uma cadeira e transportou ao quarto o corpo do homem que matara. Depois, embebeu o colchão em querosene que espalhou pelo assoalho, até junto da porta. Desamarrando Tatiana, ele ameaçou:

— Siga-me sem dizer palavra.

Riscou um fósforo que atirou ao chão e, quando as chamas se levantaram, fechou a porta da frente.

Meia hora depois, enquanto seguíam na carroça que estava esperando à entrada da cidade, Tatiana viu, ao olhar para trás, o clarão de um incêndio.

Percebendo as lágrimas que lhe corriam pelas faces, Dimitriv sentenciou, a voz fervente de ódio:

— Petrouchka morreu. Sou o chefe, agora. Enquanto ele vivia, não permitia que eu viesse buscar você. Mas eu também não permito que o bando se fosse, sem você.

E o resto do trajeto foi feito em silêncio.

Quando chegaram ao acampamento, Dimitriv chamou Ilonka:

— Tome conta dela, para mim. Se ela fugir outra vez, você me pagará!

A tribu começou a sua vida errante.

Tatiana, mercê do seu estado, não aparecia nunca, enquanto toda a tribu se reunia, ao redor das fogueiras, dançando ao som dos violinos.

Dimitriv nunca veio vê-la. Guardava o seu amor, que se alimentava no ódio, para depois.

Ilonka, temerosa do poder de Dimitriv, não descuidava da sua prisioneira.

Numa noite enfeitada de estrelas, à beira de uma estrada, no tumulto colo-

rido do acampamento de ciganos, Dimitriv tocava a mesma ária apaixonada.

Havia pouco que Ilonka viera procurá-lo e lhe dissera qualquer coisa ao ouvido.

Dimitriv, o que sucedera Petrouchka no governo da tribu, o que era mais forte do que os outros homens e dominava todas as mulheres, ficou pálido e tremou.

Fez um largo gesto com o braço e as danças pararam.

A passos lentos, Dimitriv dirigiu-se à carroça em que estava Tatiana.

O bando de ciganos estava cheio de curiosidade quando o vágido de uma criança quebrou a quietude.

Todos os ciganos, — que todos eles amavam Tatiana — tiveram marcado no rosto um rito de despeito.

Todas as mulheres, — que todas elas odiavam Tatiana — tiveram um brilho de ódio no olhar.

Momentos depois, Dimitriv voltou: tinha o chapéu na mão.

Junto da fogueira ele tomou do violino e começou a ferir as cordas que gemeram a queixa da velha canção de amor.

Dimitriv tinha os olhos fechados.

O clarão da fogueira refletia-se no brilho das lágrimas que lhe corriam pelas faces.

Dimitriv, que era feroz, sujo, ladrão, falso e assassino, tinha coração.

E ali, naquela noite enfeitada de estrelas, depois de ter visto o corpo de Tatiana que morreu para Zorina nascer, Dimitriv abateu a sua força e o seu poder, enquanto o violino levava através os campos adormecidos, o seu canto de amor. E nas asas daquela música enternecedora, a alma de Tatiana fugiu para sempre do acampamento de ciganos, leve, livre, pelas estradas sem fim.

CENTENÁRIO DE CARLOS DE LAET

ESCRAGNOLLE DORIA

NA celebração do centenário natalício de Carlos de Laet, centúria particularmente carioca, bastante se vai dizer da sua personalidade tão de relevo entre coevos quanto o será para vindouros examinando-lhe os méritos nas duas carreiras militantes escolhidas desde moço por Laet para exercê-las até últimas horas de senetude. Tais o magistério e a imprensa, que bem praticada é magistério tendo o público por gente a ensinar.

Desejamos ficar com Laet à íntima, saldando no tributo à sua memória o apreço que sempre nos dispensou em público e nas boas ausências.

Separados por sensível diferença de idade, e portanto de posição social, parecíamos fadados à separação de destinos e de comércio de amizade.

Quando entrávamos em estudos de grau secundário e depois superior já era Carlos de Laet, o distinguido bacharel em letras, o graduado pela Escola Central em ciências físicas e matemáticas, o professor catedrático por concurso do Imperial Colégio de Pedro Segundo.

Quando entrávamos no jornalismo e nas letras, Carlos de Laet era conhecido em todo o Brasil, manejador de pena infatigável, fiel ao vernaculismo e a boas causas tanto quanto à ironia leve como ao sarcasmo duro conforme ocasiões ou provocações. Laet mais disposto a ajustar contas com o forte ou o poderoso.

Tudo parecia tender a separar-nos, unia-nos o professorado no Colégio de Pedro Segundo em convivência de colega respeitoso considerando colega levantado em fama e méritos.

A saudade sabe o preço das horas passadas no convívio de Laet naquele gabinete de diretoria onde ninguém entrava pisando forte, nem para alhear a voz.

Sobretudo, naquele gabinete, quando o educandário no silêncio de aulas ou em silêncio maior após retirada quase geral de seus servidores, tantas vezes ouvimos Laet em cuja conversa tanto lucrava quem queria saber de um Rio de Janeiro do momento e do passado, no qual Laet, jornalista, tratara tantos com simpatia ou justiça, Laet polemista tantos outros maltratara tantos outros, estivessem perto ou longe. Neste último caso se inclui Camilo, frequentador de contendas literárias.

Professor no Imperial Colégio, tão de Pedro Segundo pelo amor d'este à casa do seu nome, sentou-se sem contar trinta anos numa congregação esmaltada, antes e no momento da presença de Laet, por docentes da maior categoria, nacionais ou alienígenas, entre estes Tauphoeus culminante em cultura.

Filiado ao partido liberal, por este seria Laet chamado à política, no fim do Império, quando o visconde de Ouro Preto organizava ministério em Julho de 1889, em hora de ameaça no regime vigente.

Dissolvida a Câmara dos Deputados, renovada por imediata eleição, viu-se Laet bi-deputado por sufrágio de urnas paraibanas e mato-grossenses. Ia começar nova carreira para Laet, a parlamentar, para a qual lhe cobravam doses, fluência de palavra, prática de argumentar, calma ao receber ataques, prontidão em revidar aos atacantes e sobretudo uma arte de mordacidade capaz de conter muitos.

Tudo isto, em cenário menor, qual o de uma congregação docente, demonstrou Laet.

O ministério Ouro Preto contou em Laet valente auxiliar da melhor lealdade, pessoal e política, aquela dedicada a Afonso Celso, presidente do conselho, esta à causa do seu partido nas colunas da Tribuna Liberal.

Tanto pedimos a Laet que reduzisse a livro quanto nos contou acerca do pe-

ríodo da crise das instituições do Brasil de Julho a Novembro de 1889. Quanto retrato de homem público perdido, quanta cena, quanto episódio da época passava na conversa de Laet sem passar ao depoimento escrito. "Conte o que lhe estou dizendo", respondia Laet às nossas instâncias de simples interessados em beneficiar história pátria.

"Não, insista, embora eu compreenda o seu intuito, e qualifique-o generosamente. Estou velho, vamos falar dessas tantas novidades de hoje. Deixe muito mau pensar que é bem".

A polidez tem suas leis, a insistência conhece fronteiras, calamo-nos, lamentando.

Proclamada a República, voltou Laet do magistério do Pedro Segundo transformado em Instituto Nacional de Instrução Secundária.

A 30 de Março de 1890, sob a presidência do inspetor geral da Instrução Primária e Secundária da Capital Federal, do Município Neutro, dizia-se havia pouco, reunia-se no Externato do ex-Pedro Segundo, a congregação do novo Instituto.

Presidia a sessão o inspetor Ramos Galvão, presentes os reitores do Externato e do Internato do Instituto, monsenhor Brito e conselheiro Bandeira de Mello, presentes vinte e dois professores catedráticos.

Pedindo a palavra pela ordem, Laet justificou a seguinte proposta: "Propo-nho que pelos canais competentes se endereça ao Governo Provisório a Congregação do Instituto Nacional de Instrução Secundária requerendo que a es-

te estabelecimento seja mantida a denominação de Colégio de Pedro Segundo como testemunho de reconhecimento ao egrégio fundador."

Aberta discussão, talvez melhor dizê-la acesa, visto as circunstâncias do momento, prolongou-se o debate numa sessão principiada às onze da manhã para findar às três da tarde, mas sem resultado, pois àquela hora, posta em votação a proposta Laet, verificou-se não haver número legal para votar tendo-se ausentado alguns professores. Dois colegas do proponente o haviam secundado declarando acompanhá-lo com seu voto, Fausto Barreto e Fortunato Duarte.

O governo demitiu Laet do cargo vitalício contra normas administrativas e jurídicas. Bem anos depois contava-nos Laet: "No dia da minha demissão, alguém correu à minha casa, a dar a notícia à minha mulher, dizendo-lhe: por boletim afixado à porta de jornal está noticiado que o dr. Laet..."

— Mataram-no? indagou a senhora sentindo fraquear-lhe ânimo.

— Não, seu marido foi demitido do Pedro Segundo.

— Ah! louvado seja Deus. Ele saberá trabalhar e resistir.

A digna esposa conhecia bem a tempera do cônjuge, justificando-a com duas palavras.

Assim foi, dedicando-se Laet à imprensa e ao magistério particular em acreditados colégios, um deles o Externato Aquino, nome de um grande educador brasileiro.

A mocidade se muitas vezes ilude-se

ou erra, outras tantas vezes pensa bem e acerta, protestando. Ao conhecer a demissão de Laet um desassombrado grupo de alunos do próprio colégio Pedro Segundo foi à residência de Laet em manifestação pública, testemunhando associar-se à reprovação do ato da demissão do estimado professor.

Pelo menos um dos manifestantes ainda vive, o hoje professor Torquato Vieira de Mesquita, tão conhecido no magistério por suas luzes e por inquebrantável caráter.

A manifestação juvenil gravou-se no coração de Laet, que tantos anos à demonstração de solidariedade dizia: fizeram os moços o que os velhos não quiseram ou não puderam fazer.

No exercício do magistério particular, gozou Laet vida tranqüila, não assim ao cultivar imprensa. Intransigente como era nos seus princípios católicos e monárquicos, não podia deixar de atingi-lo agruras e ameaças recebidas de frente alta e ânimo sobranceiro.

Tal lhe aconteceu por ocasião dos períodos da revolta da armada e da campanha de Canudos, aquela o levando a Minas que na época pode orgulhar-se em recomendação à História de ter sido o asilo intangível da liberdade individual perseguida.

Chegou afinal o dia da separação do ato ditatorial de 1890, a reparação dada por um presidente da República sobrinho do chefe do Governo Provisório. Voltou Laet ao antigo Pedro Segundo então Ginásio Nacional para que em breve tornasse ao nome primitivo vigente de 1837.

Sem deixar imprensa voltou Laet ao ensino oficial, à cadeira de Português que estava tão no caso de ensinar em lições nas quais o professor doutrina sem prejuízo de reflexões e respostas apressadas por alunos tão inimigos de mestres secarrões ou de sobrececho cerrado.

A um aluno que lhe referia ter ouvido uma visita de sua casa sustentar a tese da descendência humana pelo simio, respondia o professor consultado não ser hábito seu intrometer-se em questões de família.

Não nos faltariam outros exemplos de causticidade de Laet correr nas suas conversas tão vivas no narrar sucessos e no considerar homens.

Nos concursos, a Congregação do Colégio era tribunal de julgamento, raro não presidido pelo imperador que em São Cristóvão estaria perfeitamente a par do ocorrido quando em despacho ministerial o ministro do Império lhe submetesse o decreto de nomeação de qualquer classificado em concurso. E o último concurso, no Colégio, o de Inglês, presenciado pelo imperador assinala-o data que basta escrever para receber especial significação — 14 de Novembro de 1889 — o ato findo às sombras da tarde, o imperador de partida para o querido Petrópolis.

Insistindo com Laet para que escrevesse página sobre aquele concurso e sobre aquela véspera de mudança de sorte imperial, respondeu-nos: para que se estamos mais adiantados? Por obra e graça de programa não está V. na obrigação de explicar a alunos do primeiro ano os objetivos políticos de César ou os efeitos da revolução russa?"

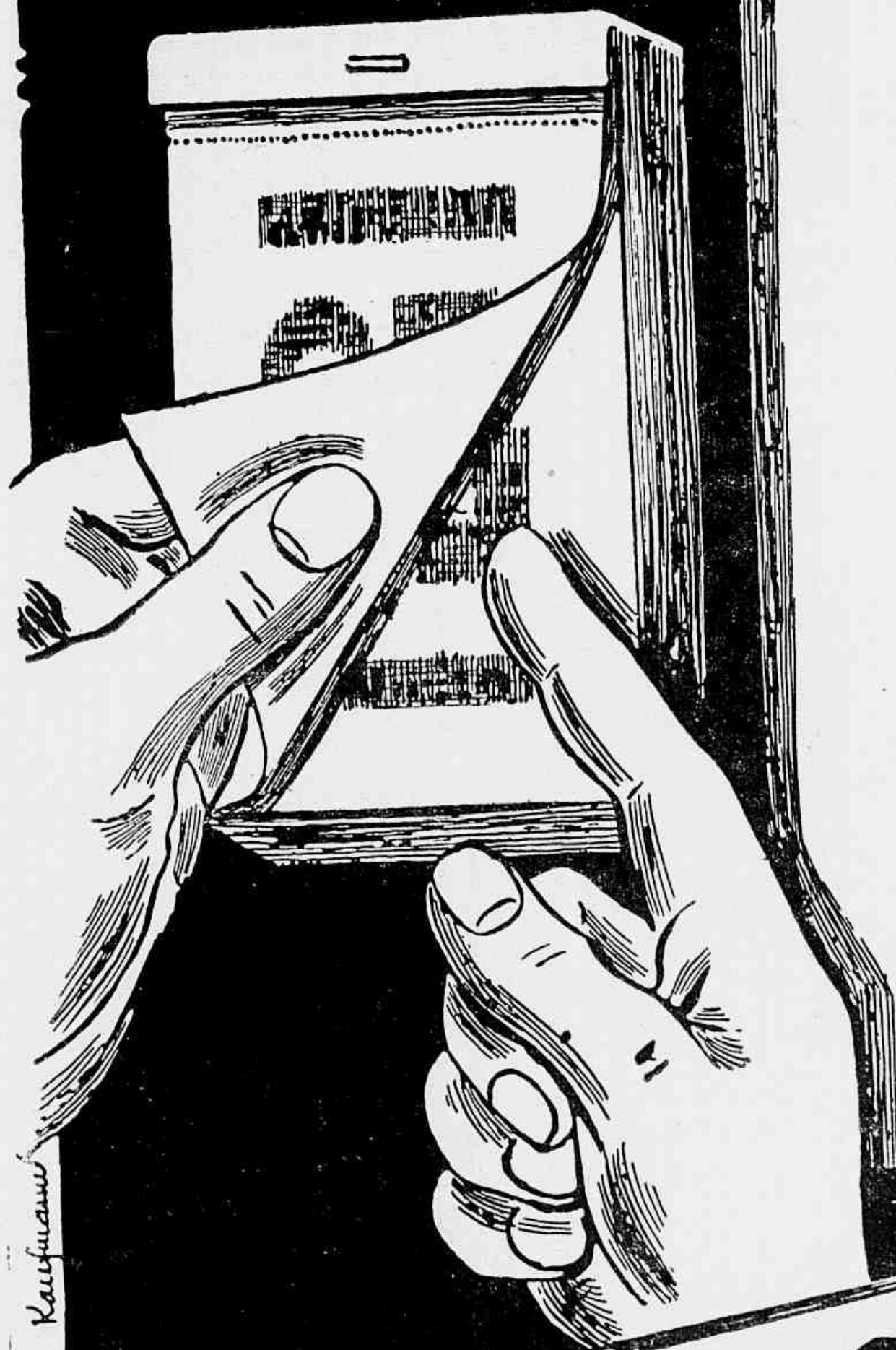
Escrever a biografia completa de Laet é achar-se diante de dois jubileus, um de magistério, que o Colégio de Pedro Segundo festejou, e outro de jornalismo fecundo e variado tantas vezes subscrito por C. de L. e não poucas por Cosme Peixoto, ao tratar-se de crítica de arte.

Quanto a nós, nesta página de memória, saldamos mais uma vez dívida de amizade para com Laet revivendo-o sobretudo no ambiente que tanto lhe aprazia dizendo-lhe soma da vida útil, cambiante do Colégio de Pedro Segundo no esmalte de suas tradições.



CARLOS MAXIMILIANO PIMENTA DE LAET (Rio de Janeiro, 1847-1927)

Não deixe para amanhã
O QUE PODE
FAZER HOJE
COMPRE JA'!

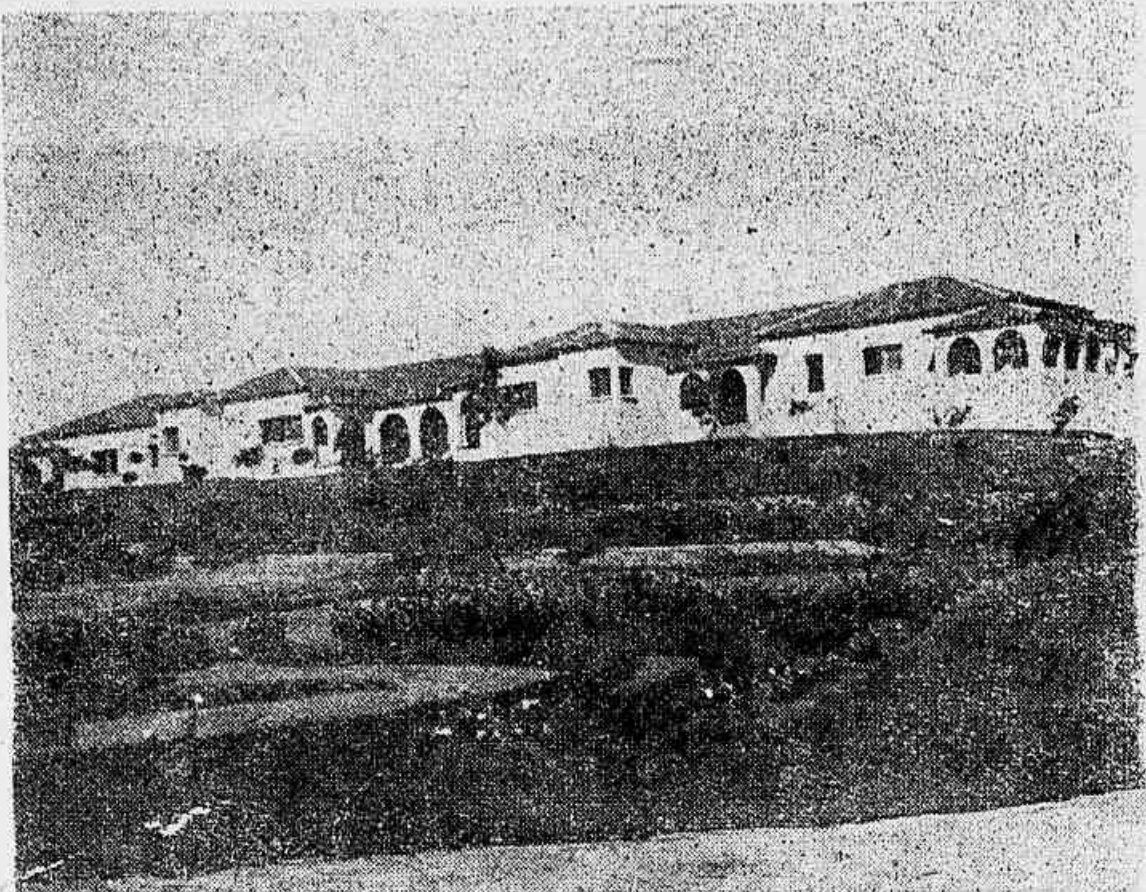


O que a
CAMISARIA PROGRESSO
anuncia para ser vendido até
acabar, apesar de seu grande
estóque, devido aos seus pre-
ços baixos, acaba depressa.
Não facilite, portanto, em ser
dos ultimos.

VEJA O QUE LHE ESTÁ SENDO
OFERECIDO ATUALMENTE.

Camisaria **PROGRESSO**

PCA TIRADENTES, 2e4



BREJO DAS FREIRAS

ESTÂNCIA HIDRO-MINERAL



Faça uma estação de cura e repouso em Brejo das Freiras, município de Antenor Navarro, Estado da Paraíba. Águas termais rádio-ativas, cloro-bicarbonatadas sódicas. Temperatura: 35,7 graus centígrados. Radioatividade: 37,39 "milicouries" ou sejam 43,6 unidades "Mache" por litro.

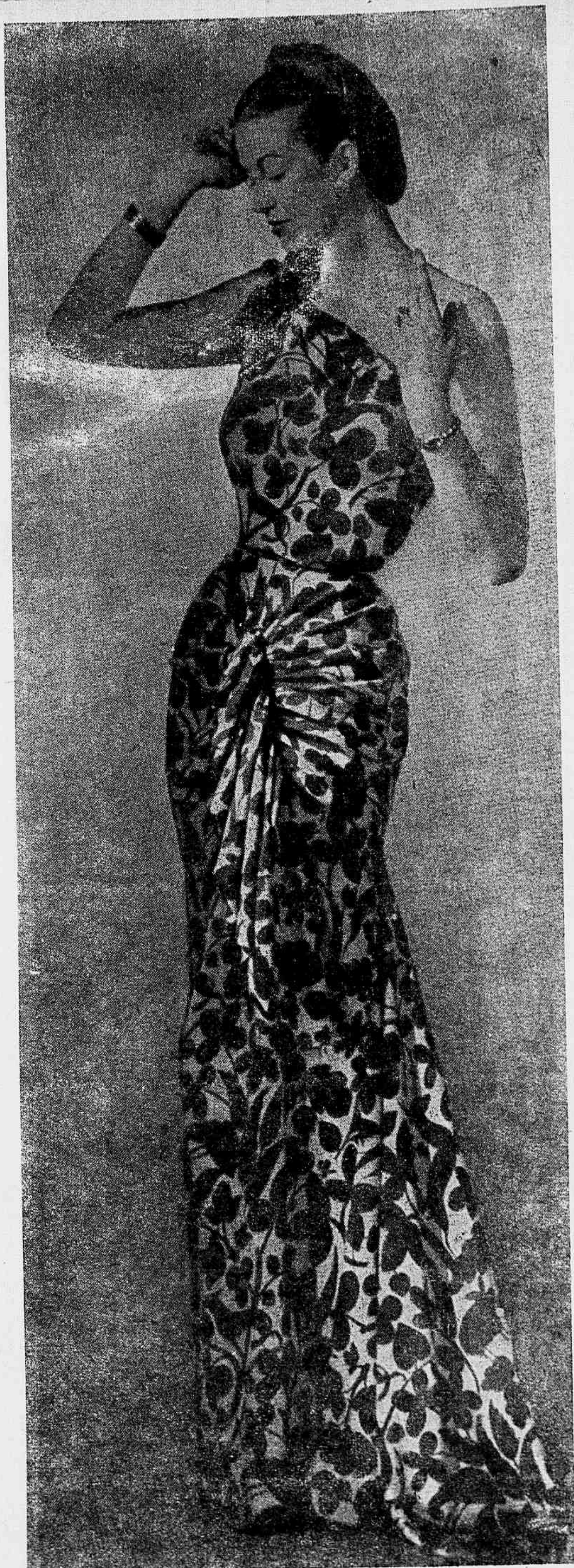
Brejo das Freiras está a 595 quilômetros de Recife, a 493 kms. de João Pessoa, a 352 kms. de Campina Grande, a 578 kms. de Fortaleza e a 573 kms. de Natal.

Altitude: 259 metros. Temperatura: 29,2 c. de Janeiro a Março e 30,1 c. de Outubro a Dezembro. Hotel com apartamentos, luz elétrica e água corrente.

As águas são indicadas para todas as moléstias da pele, inclusive úlceras, doenças do estômago, em geral, gastrites e suas consequências, reumatismos, etc.



DIARIAS DE CR\$ 30,00 A CR\$ 130,00
ENDEREÇO TELEGRÁFICO "T E R M A S"
Antenor Navarro — Estado da Paraíba



Modelos para "soirée"



Nestas páginas, nossas leitoras encontrarão dois lindíssimos modelos para "sol-rée". O da esquerda, é uma criação francesa de Gergette Bernard, em sêda estampada, original decôte com apanhado de flores de veludo no ombro direito. Sála drapeada, pequena cauda. O da direita foi idealizado por Nilo Anderson, para Alex Smith. Corpo de lamê cereja, sála drapeada em crêpe de sêda negro.

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Carmen Miranda
a famosa "BRAZILIAN BOMBSHELL"

É claro que sim! Ela sabe que um belo sorriso é indispensável ao triunfo e que Kolynos embeleza o sorriso. Um centímetro sobre a escova seca é suficiente; a deliciosa espuma de Kolynos limpa os dentes suave e profundamente e deixa na boca uma incomparável sensação de frescor, limpeza e saúde. Os que usam Kolynos estão de acordo: Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos,
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.



CONSELHOS DE BARBARA HALE



Ao alto: Não tenha medo da água e do sabão. Lavar o rosto com um sabão leve e suavemente perfumado, pelo menos uma vez por dia, é importante. Mas, depois do sabão, convém aplicar um creme ou uma loção vitalizadora. Evitará que a pele fique seca e áspera. Em baixo: Sobrancelhas finas e desenhadas estão fora de moda. O lapis só serve para escurecer e completar as sobrancelhas.

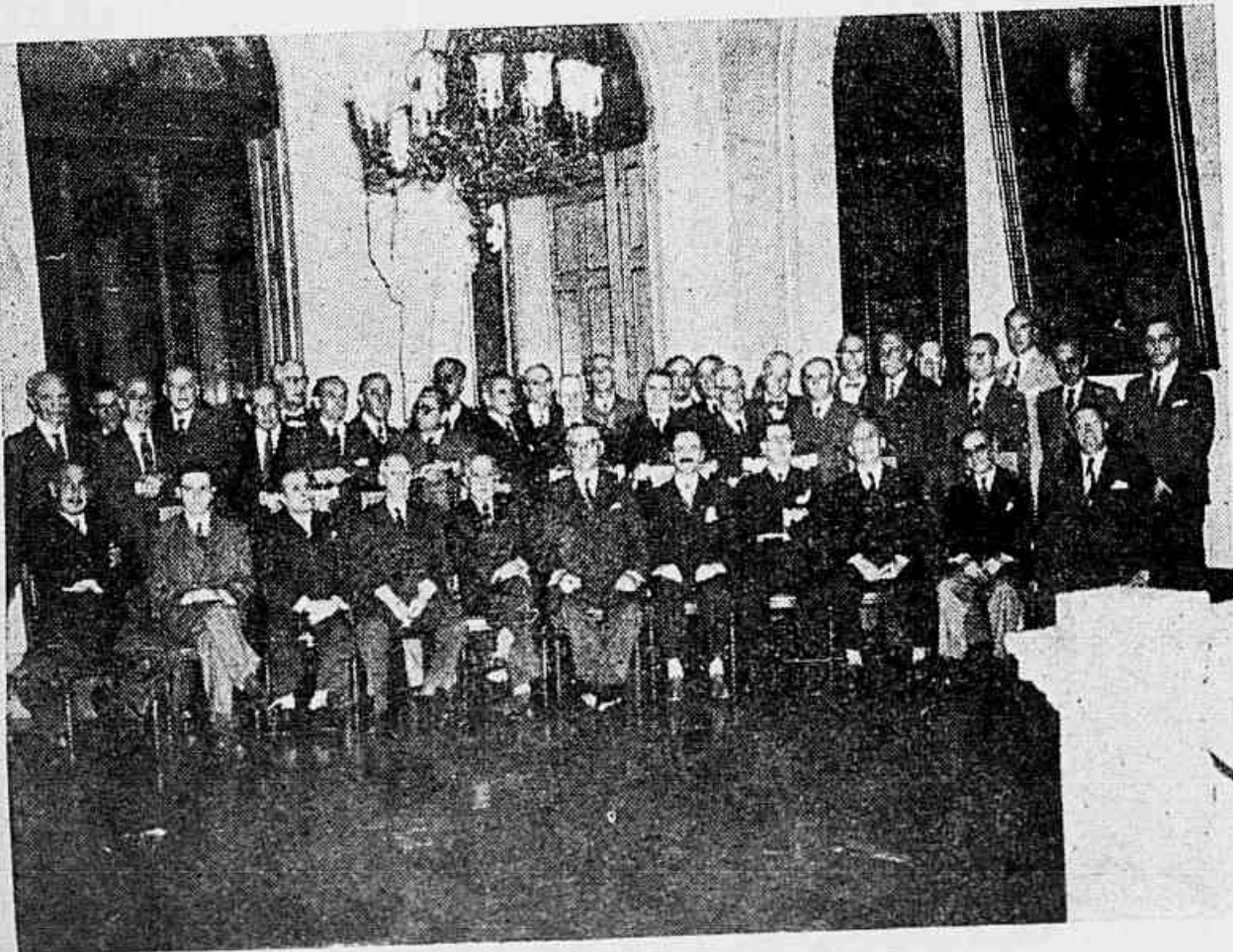


**GRIPE /
RESFRIADO /
NEURALGIA /**



**DÔRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL



SANTA CASA DE MISERICORDIA DO RIO DE JANEIRO. — Flagrante tomado nesta capital por ocasião da posse da nova administração da Santa Casa, que servirá no triênio de 1947 a 1950.

Barbara Hale é "estrêla" da RKO. Começou em "pontas" e hoje o studio deposita nela uma grande esperança. Beleza, pelo menos, nós sabemos que ela tem. Pois Barbara, que não é nada egoísta, ensina para todos os seus "segrêdos" de beleza.



Ao alto: O rimel deve ser usado com parcimônia. Pêlos grudados com grossos pingos de rimel dão à fisionomia um aspecto vulgar e desolador. O rimel só deve ser aplicado na parte superior. Depois de bem seco, é aconselhável passar uma escova. Em baixo: E, finalmente, os cabelos. Seja qual for o seu penteado, evite fios caindo sobre o rosto ou sobre a nuca. Existem bons fixadores que evitarão esse aspecto de desleixo.



A HISTÓRIA DE UMA CANÇÃO

NOEL Rosa, o inesquecível compositor popular brasileiro, que criou um novo estilo de samba — o samba-filosófico — tinha uma namorada que trabalhava numa fábrica, mas a pequena parecia gostar mais do gerente e, por isso, ele compôs um samba que andou fazendo algum sucesso e cujo título era este: "Três Apitos", em cuja letra lamentava que a ingrata atendesse mais ao apito da fábrica do que ao chamado insistente da buzina do seu carro. De outra feita, revidando a um colega que estranhara haver Noel elevado Vila Isabel à condição de capital do samba, deu-lhe aquele incomparável "Palpite Infeliz", samba que se transformou num legítimo sucesso nacional. Toda canção tem a sua história, assim dizem os seus autores. Vejamos, agora, como nasceu "My Melancholy Baby", melodia nostálgica e apaixonada, surgida aí por volta de 1912 e que pode ser considerada como um "clássico" da música popular norte-americana. Conta-se que George Norton, autor dos versos, estava certo dia numa estação aguardando a chegada do trem em que viajava a sua bem amada. Já estava impaciente com a demora, quando foi informado de que o trem estava atrasado. Passeando pela plataforma da estação, o tema da canção foi pouco a pouco lhe acudindo ao pensamento e, mal havia escrito as últimas palavras no verso de um envelope, fora abordado pelo chefe da estação que lhe transmitia uma terrível notícia: havia ocorrido um grande desastre com o trem. Entre as vítimas, encontrava-se a sua pequena. Desde então, nem ele nem Ernie Burnett (o autor da música) compuseram uma outra canção.

F. CORREA DA SILVA

SAY NO MORE

Fox de Benny Davis, Al Jolson e Harry Akst

Say no more,
Kiss me and say no more;
My heart's been waiting for this
to come true,
Tho' it's cold December
and skies are gray;
Since you said you're mine,
it turned warm as May.
Your lovely eyes aglow,
Tell me it's really so;
That's all I want to know,
Now life's complete.
I'm simply speechless, spellbound,
so carried away.
Darling, say no more
for there's no more to say.

Yo me siento muy ufano
de mi traje nacional
pues soy charro mexicano
y a ver quien lo toma a mal.

— II —

Cantar con el corazón
canciones de mi rancho
y no sones extranjeros
de tambor y saxofón.
Me gusta echar mis piropos
cara a cara a la mujer
y no chiflidos tontos
copiados no sé de quién.

III

Tener como compañero
un cuaco de buena ley
ligeiro y aventurero
y también amigo fiel.
Decir aquí y donde quiera
alzando siempre la voz
yo soy charro hasta que muera
y así lo quiere mi Dios.

★

BALDOSAS FLOJAS

Milonga de F. Garcia Jimenez e Antonio Bonavena.

I

Veredas de barrios viejos,
Baldosas fijas... Y lluvia gris.
Tristeza de regresar
cansado de andar y andar.
Amargo sabor de boca que dan
las rublas copas, al fin;
las noches locas; y el roto anhelo
de ser feliz...
Cruzando mis barrios viejos
me moja el alma la lluvia gris.

II

Mueren en las ventanas cerradas,
miradas más tristonas.
Quiebro mis vagabundas pisadas
en las baldosas burlonas.
Sombras de juventud fracasada,
que en un zaguán se arrinconan.
Llanto de pobre novia olvidada,
goteando en la lluvia gris...

I (Bis)

Regreso del que fué lejos
detrás de sueños que vió morir.
Amor que perdió su fe.
Lucero de corta luz.
Mis sueños el tiempo terco cubrió
como a ese muro el verdín;
y así es la vuelta de un roto anhelo
de ser feliz:
Veredas de barrios viejos,
Baldosas fijas... Y lluvia gris.

II (bis)

CASTANETS AND LACE

Fox de Bob Hillard, Dave Mann e Milton Leeds

Castanets and lace dancing through
his dreams,
You're his lovely lady of long ago;
Castanets and lace, ev'ry night it
seems,
You come back to haunt him;
Why did he let you go?
At the gay fiesta down in San
Severo,
You danced 'round his sombrero
right into his heart;
Will he know again the warmth
of your embrace?
You're his lovely lad with castanets
and lace.
Castanets and lace, one memory,
A vision of your lovely face:
Strange rhythm of clicking castanets
and lace.

★

AUNQUE LO QUIERAN O NO

Canción Ranchera de Ernesto M. Cortázar e Manuel Esperón

— I —

Aunque unos piensen por ahí
que yo me la echo de lado
me cuadra más el pelado
que el catrín de la ciudad.
Me gusta ser charro entero
montado en un alazán
y no changuito matrero
con ribetes de Tarzán.

— Estribillo —

Y aunque lo quieran o no
ser charro es ser mexicano
sencillo, valiente y sano,
valiente a carta cabal.



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCÊNCIAS

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

A Beleza e a Odorização

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só o feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



**HEMORRÓIDAS
E VARIZES**

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

A VIDA DE EMERSON

(Cont. da pág. 34)

slado irreverente para com as velhas tradições e profissões. De certa feita, arrancaram-no, debaixo de valas, da plataforma do Colégio de Harvard. Mas a gente comum, homens e mulheres, de idéias domésticas, compreendiam-lhe os simples ensinamentos mesmo que nem sempre lhe pudessem acompanhar as frases elegantes. Porque a lição que ele lhes dava era apenas um eco das ambições e esperanças que, vagamente, estremeciam em seus próprios espíritos. "Somos aqui gente simples", disse uma mulher de Lexington depois de uma de suas conferências. "E compreendemos o senhor porque nos fala diretamente ao coração".

Foram-lhe as conferências, para aquele tempo, bastante compensadores, davam-lhe cerca de oitocentos dólares por ano. A isso pôde, ele acrescentar um rendimento anual de mil e duzentos dólares, legado que herdara da esposa. Achou-se rico. Comprou uma "mansão" em Concord por três mil e quinhentos dólares, casou-se segunda vez e lá se fixou para cultivar as flores do jardim e a amizade dos vizinhos.

Seus amigos eram, algumas, dentre as mais ricas personalidades do mundo. Por alguma razão misteriosa que os cientistas até agora não conseguiram explicar, elegem os deuses, de vez em quando, um único lugar na terra e povoam-no de cidadãos do céu. Isso aconteceu em Atenas no quinto século (a. C.), com Esquilo, Eurípedes, Fídias, Sócrates e Platão; em Londres, no período de Elisabeth, com Beaumont, Dragton, Fletcher, Jonson e Shakespeare; na Alemanha, nos princípios do século XIX, com Goethe, Schiller, Heine, Mozart, Schubert e Beethoven; e na Rússia, no fim do século XIX, com Turguenev, Tchailovsky, Chekhov, Dostoyevsky e Tolstoy. Guardadas as devidas proporções, era, a Concord de Emerson, teatro de outro desses periódicos florescimentos do espírito divino na humana gleba. Entre os íntimos de Emerson contavam-se Nathaniel Hawthorne, o homem que imortalizara a luta entre o amor puritano da religião e a religião pagã do amor; Margaret Fuller, um Merlin feminino cujos olhos eram "visíveis à noite" e que brincava com idéias como brinca um pelotiqueiro com bolas coloridas; Bronson Alcott, o profeta-bufarinheiro cuja personalidade era uma combinação da sabedoria de Platão e da sinceridade de São Francisco; Henry Thoreau, o vagabundo santo cujo capital eram vinte e cinco dólares por ano e uma infusão de amor; Sarah Ripley, deusa grega recoberta de uma capa lanque que lavava as roupas da família, esfregava o solino e traduzia Rlostock, e ensinava Homero, Virgílio e Aristóteles na escola do marido; e "tia Mary" Emerson, chana viva de um metro e trinta centímetros de altura, a galopar pelos campos de Concord, vestindo o seu capote e um chale escarlate, e cujo espírito podia espedaçar as convenções e pretensões da época.

Com esses amigos e muitos outros, em Boston e em Cambridge assim como em Concord, Emerson trocava idéias; lá depois para o seu escritório e lá transformava essas idéias no ouro cunhado de seus ensaios e conferências. Viajou a Nova Inglaterra, o sul, e, atravessando o continente, chegou à Califórnia. Fazia conferência para toda espécie de gente — marinheiros, ferreiros, poetas, professores, fazendeiros, sapateiros, políticos e pioneiros. Fez nova viagem à Inglaterra — desta feita para levar a idéia da Democracia, a mensagem do Novo Mundo, aos habitantes do Mundo Velho. Em toda a parte ouviam com atenção e assombro esse apóstolo da Nova Inglaterra "têso e magro como vi-doeiro no inverno", cujo rosto forte e penetrante era como um bloco de granito cinzelado no Monte Monadnock e cujo otimismo era erigido sobre o firme alicerce da fé americana. Fé na jus-

tiça da idéia americana e no herolismo do homem médio americano.

IV

Não possuía Emerson um sistema preciso de filosofia. Não tinha o seu pensamento consistência dogmática. E isso propositalmente. "Uma tóla consistência", observou, "é um fantasma para os espíritos tacanhos. Não tinha a pretensão de conhecer a verdade. A verdade, dizia, é tão difícil de agarrar e engarrafar como a luz. Tudo o que se esforçava por fazer, era apanhar, aqui e ali, um fio isolado que lhe parecesse parte de um desenho intrincadamente tecido, porém, definido, de uma Providência benevolente. Esses fios podem ser rapidamente reunidos da seguinte maneira:

Todos os homens são partes vitais de um organismo — a humanidade. Esta filosofia (para diferenciá-la do Panteísmo) pode ser chamada Panhumanismo. Em The American Scholar repete Emerson uma dessas fábulas que, providas de uma antiguidade desconhecida, conduzem a uma sabedoria imprevista — "os deuses, no princípio, dividiram o Homem em homens, para que ele pudesse ser mais útil a si mesmo; assim como a mão foi dividida em dedos para melhor satisfazer aos seus fins". M infelizmente, continua Emerson, as unidades individuais que compõem esse organismo humano unido, deixaram-se retalhar e derramar-se em gotas, de sorte que é atualmente a nossa, uma sociedade "cujos membros sofreram amputação do tronco e pavoneiam-se por aí transformados em muitos monstros ambulantes — um bom dedo, um pescoço, um estômago, um cotovelo, mas jamais um homem".

É nossa tarefa, por conseguinte, reafirmar a "unidade da humanidade". Com efeito, não devemos apenas reafirmar esse fato mas devemos de dedicar-nos, ativamente, a ele. A filosofia americana é uma filosofia da ação. "Os bons pensamentos não são melhores do que os bons sonhos, a não ser que sejam executados". Os profetas do Oriente haviam pregado a doutrina passiva de que Deus é um só. Surgia agora, porém, o profeta do Ocidente a acrescentar a doutrina ativa de que o Homem, também, é um só. O homem é Uno, declara Emerson, porque a sua alma é "parte e parcela de Deus... Espantemos e assombremos a canalha intrusa dos homens, dos livros e das instituições por uma simples declaração deste fato. Pegamos aos invasores que descalcem os sapatos; "porque cada homem, cada parte humana dessa entidade divina conhecida como a humanidade, é um deus em formação".

Emerson aplicou o termo transcendentalismo a essa idéia da unidade do homem através de sua relação com Deus. É um termo infeliz, pois obscurece a idéia simples com um nome difícil. Muitos dos contemporâneos de Emerson riram-se desse nome exótico e não compreenderam que ele encerrava um pensamento americano vital. Um de seus críticos, o Dr. Burnap, de Baltimore, caracterizou o transcendentalismo como "a nova filosofia, a qual afirma que nada é tudo em geral e que tudo é nada em particular" — definição tão falsa quanto faceta. Pois, adequadamente compreendida, é a filosofia de Emerson apenas o fundamento ético da doutrina política da democracia americana.

E isto leva-nos ao segundo ponto da filosofia de Emerson — a sua insistência sobre a dignidade do homem comum. "Em todas as minhas conferências preguei uma doutrina, a da infinitude do homem particular". Com a enunciação desse princípio voltou Emerson, completamente, as costas, para as instituições européias com as suas nobrezas superficiais e as suas distinções artificiais, de classe. Deixai os cemitérios do passado! Olhai, diante de vós, para os bosques do futuro! "os olhos do homem estão colocados em sua testa, e não atrás da cabeça". "Já ultrapassamos as

despóticas tradições de outrora". Há novas terras, novos homens, novas idéias. Cessemos de imitar os nossos irmãos do Velho Mundo. Pois "que é a imitação senão uma retrocessão do espírito? As nossas casas são construídas com gosto estrangeiro; as nossas prateleiras estão enfeitadas com ornamentos estrangeiros; as nossas opiniões, e os nossos gostos, as nossas faculdades, inclinam-se para o passado e para o distante e os seguem. Deixemos de ser seguidores e acompanhadores; sejamos fundadores e chefes. "Construi o vosso próprio mundo". Construi a vossa própria vida. "A vida particular de um homem" pode tornar-se mais ilustre do que qualquer reino da história.

E tal é a tarefa dos pensadores americanos, dos estudiosos americanos, ensinar os seus concidadãos a construir. "Que cada um de nós comece em casa". Aqui em Concord, observou Emerson, não há indústrias manufatureiras. "Pois bem, manufaturemos, então, mestres-escolas e façamos deles os melhores do mundo". Professores americanos — professores da Maneira Americana.

Mas que é a Maneira Americana? O reconhecimento da importância de cada qual na soma do todo. O tamanho não importa; nem importam, tampouco, pompa, jactância, ou fama. Os deuses descem à terra em disfarces modestos. Nas tradições de muitas nações, as criaturas mais poderosas são as menores. Que cada homem se preocupe com seu trabalho, e que cada homem respeite o trabalho de seus semelhantes. É o ferreiro incapaz de escrever um poema? Pois bem, o poeta é incapaz de pregar uma ferradura. "Se eu não posso carregar florestas nas costas", declara o esquilo à montanha, "você também não pode quebrar uma noz".

A filosofia de Emerson realçou a nobreza do comum. "Sabei, quem quer que sejais, que o mundo existe para vós". Em cada homem "há um anjo disfarçado que faz pupal de bôbo". Era para esses "anjos disfarçados" que Emerson falava ao dirigir-se aos seus auditórios, exortando-os a sacudir de sobre si as tôlas vestiduras exteriores de servidão e servilismo, humilhação, preconceito e ódio, e apresentarem-se em todo o seu divino esplendor de homens livres. Disse-lhes que se libertassem da filosofia européia da resignação e acetassem o Evangelho americano da aspiração. Insistia, com cada homem, para que se afirmasse — não como essência isolada mas como essência inclusiva. Fortifical o vosso coração com o conhecimento dessa essência inclusiva, desse individualismo social que é vosso por direito de nascença, e tereis dominado o segredo de todo o poder. "Tudo o que deve Adão, e tudo o que pôde Cesar, tendes e podeis fazer". Arrebatad aos vossos espíritos as suas cadeias e aprendei a conhecer-vos como o homem que estais destinado a serdes. "Não há limites para as possibilidades do homem".

A voz de Emerson foi a voz que, como ele observou numa carta a um amigo, debalde procurara entre os outros filosofos — "essa voz profunda que pode falar ao coração americano, alegrando os tímidos homens bons, animando os jovens, consolando os derrotados e anunciando, com inteligência, deveres que vestem a vida de alegria e tornam cuetidos dos homens a terra e o mar". A América, disse ele, necessita de uma nova espécie de virtude — virtude "dotada de entranhas". Orgulho em rosso trabalho e justiça para os nossos trabalhadores. Pois os trabalhadores são canais através dos quais corre a inspiração no sentido da criação. Esta, deve ser uma terra de grandes feitos e grandes idéias. Idéias livres, dinâmicas e ousadas. A América "será refúgio e defensora de cada idéia nova, de cada opinião, ainda não demonstrada, de cada projeto ainda não experimentado que proceda da boa vontade e da investigação honesta".

Há-de a América ser o Grande Experimento. Há-de ser dominada pela vontade forte e corajosa dos pioneiros e guiada pelo suave e sábio conselho dos

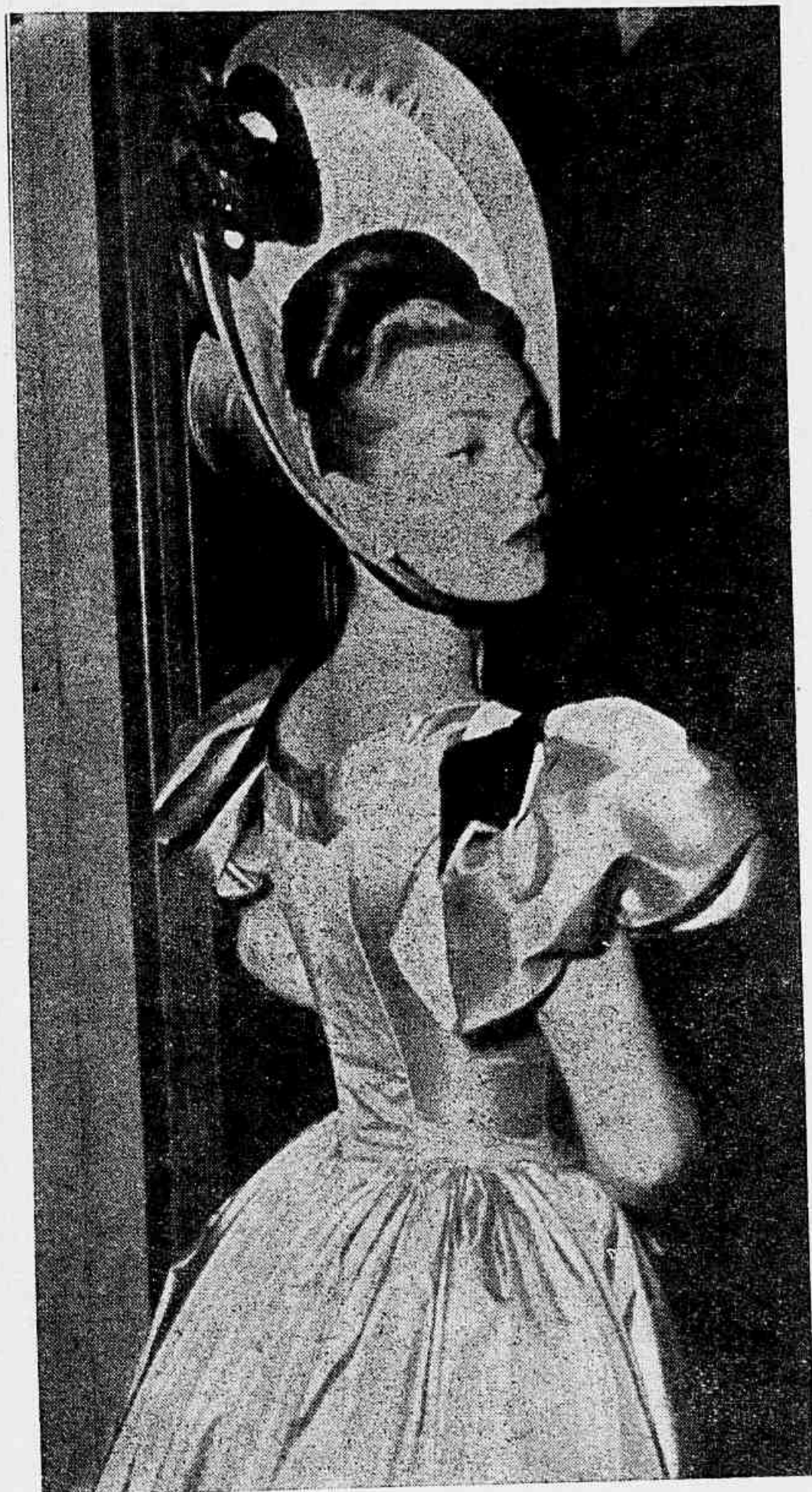
UM FOLHETIM-SINTÉTICO-ILUSTRADO

"REVISTA DA SEMANA" COMEÇARÁ A OFERECER A SEUS LEITORES, A PARTIR DA SEMANA VINDOURA, UMA INTERESSANTE NOVIDADE NORTE-AMERICANA, CONTRATADA COM O KING FEATURES SYNDICATE.

A partir da semana vindoura, começaremos a publicar, nas páginas 57 e 53, nesta revista, um folheto-sintético-ilustrado, contendo o digesto de uma obra literária de grande repercussão, com primorosos desenhos de grandes artistas norte-americanos. Iniciaremos essa série com "A Rua do Delfim Verde" (Green Dolphin Street), de Elizabeth Goudge, sensacional "best-seller", que acaba de ser convertido em película cinematográfica com Lana Turner, como protagonista, juntamente com Van Heflin, Donna Reed e Richard Hart, sob a direção de Victor Saville. Em cinco números apenas, publicaremos um romance completo, com as ilustrações correspondentes às cenas mais empolgantes, num total de noventa magníficos quadros, esplendidamente desenhados. Esses livros, filmados ou não, serão sempre "best sellers" e, em muitos casos, obras recentes selecionadas pelo "Book of the Month" (Clube do Livro do Mês), dos Estados Unidos. Aguardem, a partir do número vindouro de "REVISTA DA SEMANA", a publicação de "Rua do Delfim Verde", de Elizabeth Goudge, com ilustrações de Lawrence Butcher. Todas as semanas, no mais antigo magazine ilustrado do Brasil, um sugestivo e excitante folheto, com os mais recentes êxitos da literatura. Autores diferentes, ilustrados por diferentes desenhistas, em uma série de obras "digeridas" por especialistas da síntese narrativa e aprovadas, previamente, pelos autores, antes de distribuídas para publicação.



Um desenho de Lawrence Butcher, reproduzindo figuras de "A Rua do Delfim Verde" e a atriz Lana Turner, no papel central do filme extraído do romance de Elizabeth Goudge.



estudiosos. E o fito do experimento? Completa democracia, social, política, econômica. Uma esperança futura, estribada em erros passados. Continuai a tentar e a errar, a fracassar e a tentar de novo. Não desesperéis. Apesar de vossos fracassos, apesar de vossos sofrimentos, apesar de vossos desânimos, continuai a "resistir". A carreira não é para os velozes mas para os resolutos. Fostes postos de laço? Tropeçastes? Não vos preocupeis com o ridículo, não vos preocupeis com a derrota. Ergue-te, velho coração! "sede joviais... Paciência e paciência, venceremos por fim".

Bêde joviais! "Este mundo pertence aos alegres, aos enérgicos, aos ousados". Ousai afirmar-vos como cidadão acreditado da grande República da Humanidade. O vosso nascimento neste mundo não foi um erro. Sois um convidado para o banquete da vida. E aquele que vos enviou o convite não é hospedeiro mesquinho. A generosidade divina está oculta em algum lugar, atrás do mistério da criação. "Há inteligência e boa vontade no coração das coisas".

E— aqui acentua Emerson de novo a idéia que domina todo o seu pensamento — essa inteligência divina criou os homens individuais como partes vitais de uma humanidade unida. Um

por todos, todos por um. "O coração que há em ti é o coração de todos. Nenhuma parede, nenhuma interseção existe em nenhum lugar da natureza, mas um sangue gira ininterruptamente em interminável circulação, através de todos os homens, como a água do globo é toda um só mar, e, vista verdadeiramente, a sua maré é uma só".

Repetidas vezes, Emerson apela para esta única maré da humanidade que flui nos corações de todos os homens vivos. Na verdade, pode se dizer que Emerson escreveu a cláusula final da declaração da Independência americana, pois a sua corajosa e suave filosofia representa a declaração Universal de Inter-dependência.

Esta filosofia da inter-dependência recebe a sua mais alta expressão no ensaio de Emerson sobre a Amizade. Reside a beleza da Amizade no reconhecimento da relação última que existe de homem para homem. "A essência da amizade é a inteligência", o conhecimento intuitivo de que vós e eu somos uma unidade indivisa. Quando estamos na presença de nossos amigos "quedêmonos em silêncio — para que possamos ouvir o murmúrio dos deuses". E na música desse murmúrio podemos sentir "o fluir de duas almas em uma só".

Sempre que dois amigos travam uma conversação há uma terceira pessoa presente — Deus. "Não deverei eu chamar a Deus o Belo, que diariamente se mostrar para mim no dom da amizade?" Quando encontro os meus amigos "não sou eu, mas a Divindade que existe em mim e nêles", quem "zomba das grossas paredes do caráter individual e as anula... tornando-as parte dependente de um todo".

A vida do homem é uma busca da amizade, uma luta pela reunião de classes da alma humana. Mas a verdadeira amizade não é apenas uma paixão, mas também um ato da alma. É um jogo divino de dar e receber. "A única maneira de ter um amigo é ser um amigo". Devemos aprender a "apertar mãos heróicas em mãos heróicas". Esta concepção ativa e heróica da amizade é, para Emerson, a única coisa num mundo de sombras. Substância de tal realidade e duração que, diante dela, "os Alpes e os Andes vão e vêm como o arco-íris".

Cultiva a arte da amizade e vós vos aproximareis do coração da realidade. Deixareis de contemplar o arco-íris começareis a ver a verdadeira fonte da luz. "Se o homem pudesse inspirar uma terna bondade em relação às almas dos



Cuidado com a PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se as suas gengivas estão sensíveis e amolecidas — se sangram com facilidade ao escovar os dentes — acautele-se! São sinais de alarma desta enfermidade — que encolhe as gengivas e afrouxa os dentes.

Comece logo a proteger as gengivas e os dentes contra a Piorréia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes de manhã e à noite (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes provam que, no fim de apenas um mês deste tratamento, 95 % dos casos ameaçados de Piorréia apresentam notável melhora.

Vá ao seu dentista com frequência. Siga os conselhos dele. E para restaurar o brilho natural dos dentes... a firmeza e a saúde das gengivas... comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com

Forhan's



IMPRESSIONANDO OS MEIOS CIENTÍFICOS DO PAÍS

EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento das gorduras e a conservação da elegância dos magros.

Adquirir nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso CAIXA POSTAL N.º 2335 Rio de Janeiro

de ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

A VOLTA DE TITO SCHIPPA

As sombras de Claudia Muzzio — a mais perfeita Tosca — Maria Barrientos, Totti dal Monte, cruzam-se, na evocação.

Sussurros de deliciado reconhecimento, de timbre, de suavidade aveludada de um "pianissimo", de um agudo limpo e bem emitido — eis alguns dos murmúrios que tem um sutil contraponto com os números que se seguem. Que importa se o programa não encerra novidades? Uma boa parte do público está ali para recordar o passado. Outra, para ouvir uma celebridade. Por que renovar os antigos programas?

Quando o tenor pisou no palco do Municipal, desta vez, tinha, como já notamos, há muito tempo, os cabelos pintados. Um caderninho, discretamente escondido nas mãos trançadas, vinha em auxílio da memória, durante o recital — mas... era o mesmo Schippa!

Evidentemente, os anos não se empilham em vão nas suas costas. Ele já não é mais capaz de suportar as fadigas de uma ópera. Contudo, interpretando aquelas canções, misturando a música erudita à vibração popular de um "Torna Surriento", ainda é a mesma voz, pura e maravilhosa, que enche o teatro, com inesperada potência, tão admirável pela perfeita "escola".

— Ele ainda é o mesmo! Todos nós ainda temos o que aprender com ele!

ARIAS, ARIAS E ÓPERAS
 "Ella mi fu rapita" fez lembrar o velho Schippa, como Duque de Mantua, enganando Rigoletto.

enganação Rigoletto.

"Pourquoi me reveiller", bisado, recordou o Werther tão admirado. O acento dramático do "Fuyez, douce image", trouxe à memória a Manon. E não faltou quem pedisse, com insistência, "O Sonho", da mesma ópera.

Além disso, algumas canções de Scarlati, Rimski Korsakow, Schubert — num programa, a inevitável Serenata — e muitas, muitas canções populares — Torna Piccina Mia, Vivere, Torna e tantas outras.

Schippa tem mais de sessenta anos. Provavelmente não voltará ao Brasil. O momento da despedida foi emocionante. O público, de pé, aplaudia, num estrondo de consagração. E ele, comovido, com lágrimas nos olhos, abria os braços, como que querendo acolher, num abraço, todos os que o ovacionavam. Mais uma estrela que se apaga na constelação da arte.

Gigli, ainda que um pouco mais moço, dizia, não faz muito tempo, em tom melancólico:

— O maior tenor do mundo é Jussi Berling...
Depois, acrescentava, retificando:
— O maior, atualmente...
Sic transit.

Sic transit.

1970-1971

Diplomada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

homens e viesse a sentir que cada homem era um outro eu... este sentimento provocaria as mais impressionantes mudanças nas coisas externas; as tendas seriam rebentadas, o canhão transformar-se-ia em postes de rua; as lanças, em arpões de pescadores; os agressores seriam destronados; e o regimento em marcha seria uma caravana de pioneiros pacíficos e emigrantes".

Pacíficos pioneiros. Este era o sonho filosófico de Emerson — um fundo pacífico, de amigos corajosos, independentes, alegres, amantes e aventureiros.

Não havia, em sua atitude, ódio, rancor, ou desdém, mas apenas perdão e amor infinitos. Quando ele perdeu seu filho Waldo, um pregador unitário atribuiu esta perda à sua "falta de fé". Emerson replicou apenas: "Nem o meu amigo nem eu podemos compreender os caminhos da vida, da fé e da morte". Certa vez, ao concluir uma conferência no Colégio de Middlebury, o ministro presidente rezou, como antídoto, uma oração.

"Nós te suplicamos, ó Senhor, que nos prives de ouvir de novo tanta tolice transcendental como a que scabamos de ouvir dessa mesa sagrada". Solicitado a comentar êsse insulto público, Emerson observou: "O ministro parece um cavalheiro muito consciencioso e franco".

Não o comovia a tolice dos homens. Um dia um "Millerita" acercou-se dele com novas alarmantes, "Sr. Emerson", bradou, "sabe que, hoje à noite, o mundo chegará ao seu fim?" "Alegro-me de ouvi-lo", sorriu Emerson. "O homem viverá melhor sem ele".

Às vezes, porém, sua voz assumia âsperos acentos — notadamente ao clamar contra a injustiça. No dia 7 de novembro de 1837, quando a oposição à escla-

vatura era ainda considerada como crime nos círculos intelectuais de Boston, êle ousou, numa conferência pública, expressar a sua admiração pelo mártir abolicionista, Elijah P. Lovejoy. "O corajoso Lovejoy entregou o seu peito às balas de uma multidão, pelo direito da livre expressão da palavra e da opinião) e morreu quando era melhor não viver". Um dos amigos de Emerson, presente à conferência, observou que "uma espécie de glacial calefrio percorreu o auditório diante desse calmo desafio à opinião pública".

Emerson era destemido não só ao enfrentar as opiniões alheias mas também ao modificar as próprias opiniões, sempre que se julgava numa posição falsa. O grande herói de sua primeira mocidade fôra Daniel Webster. "Há o Monumento de Bunker Hill e há Daniel Webster", escrevera certa vez, reportando-se às "duas maravilhas do mundo da Nova Inglaterra". No entanto, quando o seu herói se rendeu à escravidão, foi Emerson um dos primeiros a estigmatizar-lhe, publicamente, a conduta. Num reunião política em Cambridge — uma das poucas em que Emerson, durante toda a sua vida, tomou parte ativa — debuxou "o carro da escravidão e suas abominações", cujo cavalo principal era Webster. As suas palavras foram recebidas com uma tempestade de vaías. Emerson esperou, pacientemente, até que o barulho diminuísse, e depois prosseguiu: "Cada gota de sangue de Webster tem olhos que olham para baixo. Ele conhece os heróis de 1776, mas não pode ver os heróis de 1851 ao encontrá-los na rua".

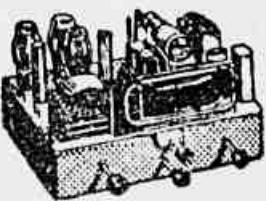
Ao morrer, recebeu Webster, o epitáfio que melhor lhe enquadrava, no tributo paradoxal de Emerson: "Ele teve honra bastante para sentir-se aviltado".

Nos trágicos dias que precederam a Guerra-Civil, e durante toda a guerra, Emerson sempre disse "a palavra melhor e mais corajosa". Vários amigos seus foram mortos na guerra, e seu único filho vivo foi ferido. Não obstante sua idade avançada e sua saúde sempre precária, era incansável na defesa do homem negro. Tinha a mais alta admiração por Lincoln, "o Protetor da Liberdade Americana"; e Lincoln retribuía essa admiração por Emerson, "O Profeta da Fé Americana". Ao fim da guerra, proclamou Emerson essa fé, em uma das suas mais inspiradas conferências. "A América significa oportunidade, liberdade, força. O gênio deste país indicou a sua verdadeira política; oportunidade — portas escancaradas — todos os portos abertos. Se eu pudesse, teria o comércio livre com o mundo todo, sem impostos alfandegários. Convidemos as nações, todas as raças, todas as peles; o homem branco, o homem preto, o ho-

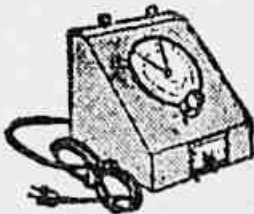
(Cont. da pág. 8)

Obry, que acaba de embarcar para a França, — e publicaremos, mediante contrato com o International News Service, o digesto dos romances selecionados pelo "Book of the Month", de Nova York, com dezoito ilustrações em cada capítulo de duas páginas completas, de modo que inseriremos o resumo de cada livro em apenas cinco edições de "REVISTA DA SEMANA". Tudo isso será oferecido, a partir d'este mês, aos leitores do mais antigo magazine ilustrado do Brasil, sem nenhum aumento de preço. Aguardem, pois o início das novas seções que passaremos a apresentar semanalmente em nosso suplemento feminino, de sorte a torná-lo mais rico, mais variado e mais interessante.

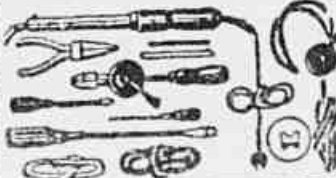
V.S. montará este maravilhoso Rádio de 8 válvulas.



Receberá um instrumento para medir resistências, condensadores, etc.



E também um jogo completo de ferramentas.



FAÇA SUA FORTUNA ESTUDANDO RADIO



APRENDA EM SUA CASA nas horas de folga para ser um

RÁDIO-TÉCNICO COMPETENTE

Com o novo e aperfeiçoado método prático de nosso INSTITUTO V.S. aprenderá todos os trabalhos manuais de um modo eficiente para montar e concertar RÁDIOS de qualquer marca, amplificadores, transmissores, equipos de Televisão, Cine Sonoro etc. Poderá V.S. ganhar mais dinheiro do que o custo de seus estudos, logo após de iniciá-los. Duração dos estudos, 25 semanas. Mensalidades suavíssimas. Não é preciso ter conhecimento nem preparação especial. **MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO.**

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR

RUA AURORA, 1021 - SÃO PAULO

56

Snr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto com as instruções como ganhar dinheiro no Rádio

NOME.....

RUA.....No.....

CIDADE.....

ESTADO.....

mem vermelho, o homem amarelo. Ofereçamos-lhe hospitalidade, um campo justo e justiça igual, para todos".

VI

"A vida", disse Emerson em uma de suas conferências, "é desnecessariamente longa". Ele sempre esperara poder não sobreviver ao declínio de suas faculdades mentais. Essa esperança não foi completamente satisfeita. Em 1872 sua casa foi arrasada pelo fogo. "Na manhã seguinte ao incêndio, disse ele, 'sentí qualquer coisa romper-se-me no cérebro'. Dêse dia em diante, a sua 'má memória' prestou-lhe 'apenas serviços ocasionais'. Uma noite sua filha leu-lhe um trecho de sua conferência sobre a Natureza, 'Não sei quem escreveu isso', disse Emerson, 'mas deve ter sido um grande homem'.

Havia, contudo, momentos em que a sua grandeza passada ressurgia como o fuzilar de um relâmpago no crepúsculo iminente. Um dia, enquanto passeava pelo jardim com o seu amigo Moncure Conway, estendeu uma ameixa ao rapaz. "Tome isto", disse ele. "Quando verdadeiramente boa, é a fruta do Paraíso".

Essas palavras simbolizavam a atitude de Emerson, não somente em relação ao mais humilde dos frutos mas também em relação ao mais humilde dos homens. "Quando verdadeiramente bom ele é o filho do Paraíso".



(Do livro "Vidas de Grandes Filósofos").

DELFINA E CHOPIN

(Cont. da pág. 18)

disse e foi ouvida por Franchomme, que todos supunham pronunciada em lembrança de George Sand distante, não lamentava a ausência de Delfina?

Conhecem-se essas palavras, pronunciadas pelo músico, na noite de 13 de outubro de 1849, quatro dias antes de sua morte:

— Entretanto, ela me havia dito que eu não morreria senão em seus braços...

Ora, a condessa Potočka estava também, naquele dia, ausente de Paris, na Côte D'Azur. Chamada pelos amigos, chegou a Paris no dia quinze, dois após aquelas palavras. E foi, então,

ao vê-la aproximar-se de seu leito, que Chopin lhe pediu para cantar e lhe disse que para dar-lhe, certamente, a alegria de revê-la, Deus tardara tanto em chamá-lo.

Chopin morreu embalado na voz maravilhosa de Delfina... Foi na melodia dessa voz, molhada de lágrimas, que sua alma — a alma da música, como disse Schumann — alou-se ao reino das inefáveis harmonias.

20.000 moças conjugam o verbo "vender"

(Cont. da pág. 11)

lha, uma menina que está estudando, um menino de quatorze anos que já trabalha para ajudá-la, e o menorzinho, de três. É claro que o marido é obrigado a dar-lhe uma pensão, mas, como todas as pensões, é insuficiente. O resto, dona Alzira tem que ganhar no balcão. Ela também não sabia o que era trabalhar no comércio até sua separação. Trabalha agora oito horas por dia, de pé, vendendo doces, para com o seu ordenado manter e educar os filhos que estão em sua companhia.

— De quanto é seu ordenado? perguntamos-lhe.

— Seiscentos e cinquenta cruzelros.

— Sem comissão?

— Sem comissão. Para quem começa a trabalhar na minha idade, é difícil ganhar mais, a não ser que se tenha outras habilitações...

Enquanto pensávamos no seu drama, ela mesma se consolou:

— Bem... É pouco. Mas sempre ajuda alguma coisa.

DEZESSEIS ANOS ENTRE DOCES E BALAS

— Que futuro tem uma caixa de doces?

Essa pergunta nos foi feita por dona Georgina, que vende bombons em uma casa da Cinelândia. Ela nos disse que é a mais antiga bomboneira do Rio. Trabalha nesse ramo há dezesseis anos e só com o último aumento dos comerciantes conseguiu ser aumentada para mil cruzelros.

— Dezesseis anos para chegar a esse ordenado! O senhor pode avaliar o que é a gente levar a mocidade toda trabalhando e sempre vivendo mal, comendo mal, vestindo-se mal, porque o salário não chega? Comecei no "Ponto Chic" em 1931, ganhando cento e cinquenta cruzelros mensais. Hoje, o meu ordenado é sete vezes maior, mas a vida é cem ou duzentas vezes mais difícil.

— Qual a solução, dona Georgina? — perguntamos-lhe.

— É continuar trabalhando. Vindo todos os dias da Estrada do Queimado,

além da estação de Bento Ribeiro, gastando só de passagens três cruzelros por dia e guardando o resto para manter minha velha mãezinha e minha irmã viúva. Somos nós três, somente.

— Sua irmã viúva não tem montepio?

— O marido ganhava bem, mas era "garçon". Quando morreu, minha irmã ficou sem coisa alguma.

Vida amarga a da vendedora de bombons...

RESPOSTA AO PESSIMISMO DE DONA GEORGINA

O sucesso da carreira profissional de dona Maria de Lourdes, gerente e balconista de uma casa de "lingerie" da Cinelândia, responde, até certo ponto, à pergunta angustiada da bomboneira.

— "Que futuro pode ter uma caixa de doces?"

Dona Maria de Lourdes entrou para a casa onde ainda trabalha, há quinze anos atrás, como aprendiz de costureira. Aprendeu o ofício, passou à categoria de mestra e, depois, à de gerente.

Como a casa tem apenas uma caixa de doces, ela mesma auxilia no balcão quando o serviço torna necessário. Ganha bem e, por isso, embora casada e sendo o marido bem colocado, não achou aconselhável abandonar a loja.

— Posso, assim, educar melhor o meu casal de filhos, Darcy e Ivone.

Dona Maria de Lourdes não teme contrariar as idéias do proprietário do estabelecimento, a respeito do horário da "semana inglesa". Acha o patrão que o comércio devia trabalhar sábado até às seis da tarde e, como compensação, abrir segunda-feira ao meio-dia. Esse ponto de vista é compreensível. Sua casa está situada num lugar onde aos sábados de tarde o movimento é intenso, o que não acontece com as ruas comerciais da cidade, como Ouvidor, Gonçalves Dias, Uruguaiana, etc. Mas a sua empregada obtemperou-lhe, de dedo em riste, bem na sua frente:

— Nada disso! Sua idéia não pega! Deixa a "semana inglesa" ficar como está. Quem ganharia com a modificação seria apenas o senhor e mais uma meia dúzia de casas da Cinelândia. E nessas coisas quem decide é a maioria.

Quando saímos da casa de "lingerie" olhamos para a "bomboneira". Dona Georgina pesava o seu bilionésimo saquinho de balas e talvez em pensamento, interrogasse: — "Por que não nasci eu uma costureira?..."

EPILOGO

Em nossa visita rápida a essas representantes da vasta classe das caixas de doces do Rio, tivemos a felicidade de entrevistar os tipos mais diversos. As gráficas, que não têm necessidade vital do emprêgo; as que estão satisfeitas com o que fazem e com o que ganham e vimos também as insatisfeitas, as mal pagas, as que têm muitos problemas para resolver com o pouco que percebem. Estas últimas, infelizmente, formam a grande maioria. Quando o jornalista toca nesta tecla delicada — aumento de salários — os patrões sorriem ironicamente ou se enraivecem. Os primeiros costumam dizer: — "Esse rapazinho não entende nada de indústria ou de comércio e aí vem com palpites, dizendo que meus empregados ganham pouco" ... Os outros bufam: — "Agitadores! Querem acabar com meus lucros! Se é para ganhar menos de mil contos por ano, prefiro sair do negócio!". E enquanto eles se esforçam em arredondar as cifras, roncadas como Alzira, Georgina e milhares de outras mais pensam no fim de mês, quando recebem o míngua ordenado.

— Como não me desafogaria se eu chegasse ao fim do mês com mais duzentos ou trezentos cruzelros! ...

Seria interessante se alguns patrões experimentassem sustentar sua família ou a si mesmos, durante um ano, com seiscentos e cinquenta cruzelros ou mesmo com mil cruzelros mensais...

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura, diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
RUGOL

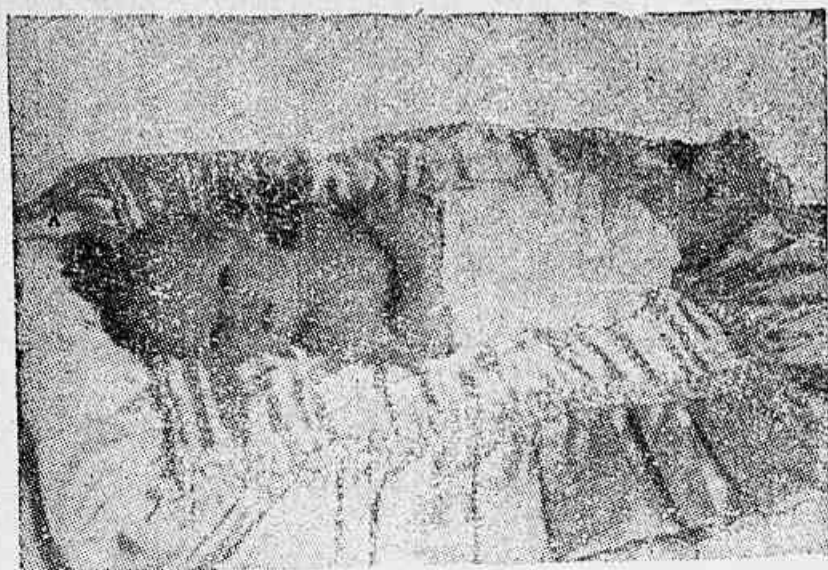
Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Se o
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

Contra a

CAFLASPIRINA

O remédio da confiança



ADIR, primogenito do casal Tte. Adir Carvalho- Maranhão de Macedo Carvalho, nascido em Cachoeira do Sul, R. G. do Sul, no dia 16 de Julho último.

MEU TIO SÓSTENES

(Cont. da pág. 15)

O bom do homem concordou e foi, a passo rápido, bater à porta de meu tio Sóstenes. A criada que atendia o doente abriu em seguida e eu vi a batina negra desaparecer naquela fortaleza do livre-pensamento.

Ocultei-me num portal vizinho para aguardar os acontecimentos. Em estado normal, o meu tio teria desancado o jesuíta, mas eu o sabia incapaz de mover um dedo, e imaginava com uma alegria delirante que inverossimil cena não se iria desenrolar entre aqueles dois antagonistas. Que luta! que explicação! que estupefação! que emburalhada! E que desenlace teria aquela situação sem saída, que a indignação de meu tio tornaria mais trágica ainda!

Eu ria sozinho a bandeiras despregadas e repetia a meia-voz: «Ah! que boa peça! que boa peça, meu Deus do Céu!»

No entanto, fazia um frio de rachar, e eu percebi que o jesuíta estava demorando muito. Dizia com os meus botões: «Eles estão se explicando.»

Passou-se uma hora, depois duas, depois três. O reverendo não saía. Que acontecera? Teria o meu tio morrido de comoção ao vê-lo? Ou teria matado o homem da batina? Ou quem sabe se os dois se entredevoraram? Esta última hipótese se me afigurou pouco verossimil, pois o meu tio me parecia, naquele momento, incapaz de ingerir uma grama de alimento a mais. Nisto, amanheceu.

Inquieto, e não ousando ir à casa de meu tio, lembrei-me que um de meus amigos morava exatamente defronte. Fui ter com ele; contei-lhe a história, que o espantou e o fez rir, e fiquei de atalaia à sua janela.

As nove horas, ele tomou o meu lugar, e eu dormi um pouco. As duas horas, eu o substituí por minha vez. Estávamos enormemente preocupados.

As seis horas, o jesuíta saiu com um ar pacífico e satisfeito, e nós o vimos afastar-se com um andar tranquilo.

Então, envergonhado e tímido, eu bati por minha vez à porta de meu tio. A criada apareceu. Não ousei interrogá-la e subi sem nada dizer.

Meu tio Sóstenes, pálido, desfigurado, abatido, o olhar mortiço, os braços inertes, jazia no seu leito. No cortinado havia um «santinho» pregado com um alfinete.

Cheirava fortemente a indigestão no quarto. — E então, meu tio, está recolhido aos lençóis? A coisa não vai bem?

Ele respondeu num tom acabrunhado:

— Oh! meu filho, eu estive muito doente, às portas da morte.

— Como assim, tio?

— Eu não sei; é espantoso. Mas o que há de mais estranho é que o jesuíta que acaba de sair daqui, tu sabes, esse excelente homem que eu não podia tolerar — imagina! — teve uma revelação do meu estado, e veio procurar-me.

Fui tomado de uma doida vontade de rir. «Ah! sim?»

— Sim, éle veio. Ele ouviu uma voz. E essa voz lhe ordenava que se levantasse e viesse ver-me porque eu ia morrer. E' uma revelação.

Fingí que espirrava para não reventar numa gargalhada. Eu tinha vontade de me rolar pelo chão.

Ao cabo de um minuto, consegui dizer num tom indignado: «E o senhor o recebeu, meu tio, o senhor? um livre-pensador? um maçom? O senhor não o lançou porta fora?»

Ele pareceu confuso, e balbuciou: «Escuta... era tão espantoso... tão espantoso... tão providencial! E depois éle me falou de meu pai. Ele conheceu meu pai há tempos.»

— O seu pai, meu tio?

— Sim, parece que éle conheceu meu pai.

— Mas não é motivo para receber um jesuíta.

— Eu bem sei, mas eu estava tão doente, tão doente! E éle me tratou com um grande devotamento toda a noite. Foi perfeito. Foi perfeito. Foi éle quem me salvou. Eles são todos um pouco médicos, essa gente.

— Ah! tratou-o toda a noite. Mas o senhor me disse que éle recém acabava de retirar-se.

— Sim, é verdade. Como se mostrara tão correto comigo, pedi-lhe que ficasse para o almoço. Comeu aqui perto de meu leito, numa mesinha, enquanto eu tomava uma taça de chá.

— E... éle quebrou o jejum?

Meu tio fez um gesto scandalizado, como se eu acabasse de cometer uma grande inconveniência, e acrescentou:

— Não graciejes, Gastão, há brincadeiras fora de propósito. Esse homem me foi, nesta ocasião, mais dedicado do que nenhum parente; quero que respeitem as suas convicções.

Desta vez eu estava aterrado, mas respondi: «Muito bem, meu tio. E depois do almoço, que fizeram?»

— Nós jogámos uma partida de besigue, depois éle rezou o seu breviário, enquanto eu lia um livrinho que éle trazia consigo e que não é de todo mal escrito.

— Um livro religioso, meu tio?

— Sim e não, ou antes não, é a história das suas missões na África Central. E' mais um livro de viagens e de aventuras. E' bellissimo o que éles fizeram lá, esses homens.

Eu começava a achar que as coisas não estavam correndo nada bem. Ergui-me: «Bem, adeus, meu tio, eu estou vendo que o senhor abandona a maçonaria pela religião. O senhor é um renegado.»

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto de laboratório da GUARAMIDINA

Ele ficou ainda um pouco confuso e murmurou: «Mas a religião é uma espécie de maçonaria.»

— Perguntei: «E quando é que éle volta, o seu jesuíta?» O meu tio balbuciou: «Eu... eu não sei, talvez amanhã... não é com certeza.»

E eu retirei-me, completamente desconcertado.

Terminou mal, a minha pilhéria! Meu tio se converteu radicalmente. Até aí, pouco se me dava. Clerical ou franco-maçom, para mim é o mesmo que «dá na cabeça» ou «na cabeça dá», não vejo diferença; mas o pior é que éle acaba de fazer testamento, sim, de fazer testamento, e de desherdar-me, meu caro senhor, em favor do padre jesuíta.

Apanhar guaviras

(Cont. da pág. 15)

então a menor objeção. Recomendava apenas muito cuidado para não serem picadas por cobras.

As moças iam para o campo e só regressavam com o sol se pondo (geralmente preferiam sair depois do almoço). Um domingo, entretanto, Rosália não acompanhou o seu grupo. Sentia-se mal do estômago. A temporada chegara ao seu fim e o mal de estômago da moça não cedeu. Ao contrário, cada dia se agravava mais. Sentava-se à mesa para almoçar ou jantar com bom apetite, comia bem, e no fim levantava-se com náuseas em direção ao banheiro. Logo se ouvia o barulho característico. Rosália vomitava.

Dona Josefa, mulher experimentada, ficou de pulga atrás da orelha. Ensinou remédios caseiros, mandou que a filha procurasse um médico e exigiu uma certa dieta. Rosália tomou os remédios caseiros, mas resistiu à idéia de ir ao médico. Emagrecia rapidamente. As formas de seu corpo, entretanto, adquiriam dimensões desproporcionadas em determinadas regiões. Não havia dúvida. A filha de Dona Josefa estava grávida. Rosália chorou muito, negou bastante, mas acabou confessando.

Numa das vezes que foi catar guaviras, afastou-se um pouco das irmãs, ficando com o namorado entretidos numas guaviseiras.

— Está bem doce esta guavira, não é Carlinhos?

O sol estava tinindo e perto deles havia uma moita com bastante sombra.

— Vamos sentar-nos um pouco ali, Rosália?

A grama rastrelra estava macia e fresca.

— Já estou ficando com as pernas bambas (Carlinhos quis descansar a cabeça sobre as coças de Rosália que tinha as pernas estiradas em cima da grama).

— Nada disso!!!

Dois mãos se entrelaçavam e não tardou as bocas também se uniram num beijo prolongado. Depois os corpos ficaram lado a lado, juntinhos, no chão.

— Deixa de graça, Carlinhos!

O rapaz insistia. Mais uma vez as bocas se uniram. Rosália suspirou longamente. O resto é fácil de adivinhar.

O pior é que o namorado de Rosália desapareceu da cidade e ninguém ficou sabendo por onde andava.

Dona Josefa ganhou um neto, de contrabando. Viveu pouco, o pobrezinho. Morreu com seis meses de idade, vitimado por uma pneumonia.

Por tudo isso, hoje é expressamente proibido falar-se à família Nascimento em apanhar guaviras. As filhas de Dona Josefa não apanham mais guaviras.

REGULADOR XAVIER

* O remédio de confiança da mulher *

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras



Mobiliarios — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIÓCA, 67 - RIO

Epoca

CIGARROS ELMO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

